

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A TV regional ampliada:

a relação entre TV Integração e Juiz de Fora no MGTV

Juiz de Fora
Agosto de 2013

Eduardo José Moreira Souza

A TV regional ampliada:
a relação entre TV Integração e Juiz de Fora no MGTV

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Comunicação Social na
Faculdade de Comunicação da UFJF.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Aline Silva Corrêa
Maia Lima

Juiz de Fora
Agosto de 2013

Eduardo José Moreira Souza

**A TV regional ampliada:
a relação entre TV Integração e Juiz de Fora no MGTV**

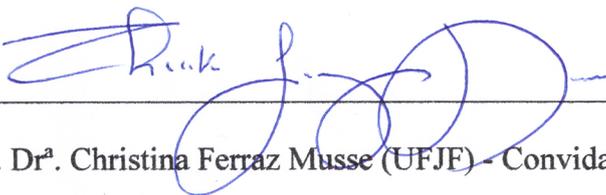
Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Prof^a. Ms. Aline Silva Corrêa Maia Lima

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
em 27/08/2013 pela banca composta pelos seguintes membros:



Prof^a. Ms. Aline Silva Corrêa Maia Lima (UFJF) - Orientadora



Prof^a. Dr^a. Christina Ferraz Musse (UFJF) - Convidada



Prof^a. Dr^a. Iluska Maria da Silva Coutinho (UFJF) - Convidada

Conceito Obtido: 100 (cem)

Juiz de Fora
Agosto de 2013

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Janaina e José Hideraldo, que desde o início acreditaram em mim e me apoiaram nas minhas escolhas. Que durante esses quatro anos estiveram ao meu lado, ali, observando; e que sempre estiveram presentes quando precisei deles. Um obrigado especial ao meu irmão, Henrique, pelos momentos de diversão e descontração em família;

À minha família, que sempre torceu por mim e que, mesmo de longe, acompanhou minha trajetória pelo jornalismo;

À professora Aline Maia, orientadora deste trabalho, quem eu conheci informalmente nos intervalos das aulas e que, desde o desenvolvimento do anteprojeto desta pesquisa se mostrou completamente disponível e interessada pelo tema. Que durante o desenvolvimento desta monografia não hesitou em compartilhar informações e, acima de tudo, conhecimento. Meu muito obrigado a você;

Aos professores da Faculdade de Comunicação da UFJF, pelos ensinamentos e pela parceria ao longo desses quatro anos. Agradeço, principalmente, àqueles que despertaram e mantiveram em mim a paixão pelo jornalismo e, em especial, pelo telejornalismo. Cristiano Rodrigues, Janaina Nunes, José Luiz Ribeiro, Márcia Falabella e Marise Baesso: direta ou indiretamente, há um pouco de cada um de vocês neste trabalho;

Às professoras Iluska Coutinho e Christina Musse, por aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho. Suas contribuições foram, sem dúvida, enriquecedoras;

Aos meus amigos: os de ontem, os de hoje e os de sempre. Foi muito importante o apoio e a compreensão de todos vocês. Um agradecimento super especial a vocês, companheiros de Facom, que divertiram as noites mais geladas na UFJF com sua companhia: Alexandre, Caio, Karina, Laylla, Patrícia, Thaísa, Tiago e Vanessa. "Noturno", não foi por acaso que eu os escolhi;

À TV Integração Juiz de Fora, por permitir nossa visita à emissora e a seus jornalistas, por contribuírem com suas experiências de vida e partilharem da paixão pelo telejornalismo. O meu muito obrigado a Camila Saenz, Fátima Diniz, Patrícia Aguiar e Virgílio Gruppi pelas experiências compartilhadas;

Aos muitos amigos que compreenderam os momentos de ausência para que este trabalho fosse feito e que perguntaram, acompanharam e sugeriram para a realização desta monografia;

*Um pouco da reflexão acadêmica
sobre o telejornalismo,
objeto de estudo e de paixão.*

Iluska Coutinho, 2010.

RESUMO

Estudo da análise de conteúdo das duas edições do MGTV produzidas em Juiz de Fora a fim como é tratada a regionalização das emissoras pela TV Integração Juiz de Fora. Este trabalho analisa qual a parcela de reportagens exibidas nas duas edições do telejornal é produzida localmente e qual a porção de matérias que são importadas de outras emissoras mineiras afiliadas à Rede Globo, de acordo com as proposições de Rogério Bazi acerca de como se caracteriza uma emissora de TV regional. Os resultados obtidos apontam para a meta de a TV do Triângulo promover a integração de suas emissoras por meio do intercâmbio de reportagens exibidas pelos noticiários produzidos em suas diversas praças.

Palavras-chave: Telejornalismo; TV Regional; TV Integração Juiz de Fora.

LISTA DE FIGURAS

FOTOGRAFIAS

- 01 - Foto Panorâmica do cenário do MGTV 2ª Edição. p.53
- 02 – Central técnica da TV Integração Juiz de Fora. p.53
- 03 – Momento da gravação da escalada do MGTV 2ª Edição . p. 54

GRÁFICOS

- 01 – Produção de reportagens da TV Integração entre os dias 24/06 a 29/06/13 . p. 55
- 02 – Origem das reportagens produzidas em outras cidades. p. 56
- 03 – Editorias das reportagens vindas de outras praças. p. 57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO NO BRASIL	15
2.1 OS PRIMEIROS PASSOS DA TV	17
2.1.1 Os primeiros passos em Juiz de Fora	26
2.2 O TELEJORNAL COMO UM LUGAR DE REFERÊNCIA	31
3 A REGIONALIZAÇÃO DAS EMISSORAS DE TV	36
3.1 A PROPOSTA DE UM TELEJORNALISMO REGIONAL	37
3.2 O CASO DA EPTV EM CAMPINAS	39
3.3 A REGIONALIZAÇÃO EM JUIZ DE FORA	42
3.3.1 A história recente do telejornalismo juiz-forano junto à regionalização: TV Panorama e a chegada da TV Integração à cidade	44
4 ANALISANDO O JORNALISMO DA INTEGRAÇÃO	48
4.1 METODOLOGIA	49
4.2 A ESTRUTURA DA TV INTEGRAÇÃO JUIZ DE FORA	51
4.2.1 A ampliação do regional na TV	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	67
ANEXOS	72

1 INTRODUÇÃO

Desde que foi inaugurada no Brasil, em 18 de setembro de 1950, a televisão tornou-se um importante objeto de estudo para muitos pesquisadores. Em mais de 60 anos de história, a TV deixou de ser um mero aparelho eletrônico para se consolidar como a principal fonte de informação e entretenimento para a maioria dos brasileiros, visto que ela está presente em mais de 80% dos lares, segundo o IBGE, e exerce uma forte influência na cultura e hábitos dos cidadãos.

Desde que se firmou como um "lugar" para os cidadãos, ela passou a fazer parte da sociedade, estando intimamente ligada a ela, orientando a população em suas ações e, ao mesmo tempo, contribuindo para sua formação.

Neste contexto, temos o telejornalismo que, desde o início da TV, se consolidou na grade de programação das emissoras como meio de acesso à informação por parte da população. O cidadão tem nas notícias exibidas na telinha um panorama do que ocorre no Brasil e no mundo.

Principal telejornal do país e o primeiro a ser transmitido simultaneamente para todo o Brasil, o "Jornal Nacional" surgiu no final da década de 1960 com a proposta de levar seu conteúdo ao maior número de pessoas através da recém-criada rede de micro-ondas. No entanto, anos mais tarde, a proposta do telejornalismo da TV Globo foi a de seguir o caminho oposto: investir no jornalismo regional, aproximando as notícias cada vez mais dos cidadãos, os principais consumidores das informações veiculadas.

Esse processo também pôde ser observado em Juiz de Fora, cidade conhecida por seu pioneirismo industrial no final do século XIX, uma das primeiras do interior do país a receber uma emissora de televisão. Ainda que tenha sido de forma breve e amadora, a

existência da TV Mariano Procópio, durante o início da década de 1960, representou um importante marco para o telejornalismo local.

A ideia inicial, quando formulamos o projeto desta pesquisa, seria o de realizarmos um estudo sobre a participação do repórter na regionalização do telejornalismo em Juiz de Fora. No entanto, ao longo do desenvolvimento do trabalho, percebemos que seria mais interessante e oportuno focarmos nossas análises na produção em si do jornalismo da TV Integração Juiz de Fora. Um dos motivos que nos levaram a concentrar nossas ações na emissora foi o fato dessa ser afiliada à Rede Globo de Televisão, presente na cidade desde o início da década de 1980 e que, a partir dos anos 90, investiu na regionalização de suas emissoras instaladas no interior do país.

Com isso, a partir de 1998, a TV Globo Juiz de Fora passa a se chamar TV Panorama, em uma manobra para que houvesse maior autonomia das emissoras, que, com isso, tiveram a chance de aumentar a parcela de conteúdo regional em suas programações. No entanto, a TV Panorama deixou de existir em 2012, dando lugar à TV Integração, tornando a emissora uma afiliada à Rede Integração, cuja sede está localizada em Uberlândia, no Triângulo Mineiro. A transição teve início em 2007, quando 50% das ações da TV Panorama foram vendidas ao Grupo Integração, que tem como presidente o empresário Tubal Siqueira.

Essa mudança se constitui no segundo ponto que nos levou à escolha de nosso objeto, trazendo à tona o seguinte questionamento: seria afetada de alguma forma a linha editorial do MGTV, o principal telejornal da programação da TV Integração Juiz de Fora? Pensamos nessa possibilidade em função de o grupo que controla a empresa ser fixado em uma região do estado com características sociais e políticas bastante diferentes das encontradas na Zona da Mata Mineira.

Sendo assim, refletimos: como seriam produzidas as duas edições do MGTV, sob o aspecto de produção da elaboração de pautas? Será que haveria alguma mudança com

relação aos materiais exibidos no telejornal — como aumento de conteúdo produzido em outras cidades que recebem o sinal da Integração, em detrimento das reportagens produzidas em Juiz de Fora?

Para que pudéssemos ter uma visão ampla do processo de elaboração das notícias, decidimos acompanhar, durante uma semana, a produção das duas edições do MGTV em um trabalho etnográfico, com a presença deste pesquisador na redação. Desta forma, poderíamos não só ter uma visão mais próxima da rotina de produção do telejornal, mas também seria possível acompanhar as atividades dos jornalistas, realizando um trabalho etnográfico, com o qual pudéssemos registrar anotações obtidas a partir da observação do ambiente e também da entrevista com os profissionais ligados à produção do jornal.

Contudo, em função de políticas internas, não pudemos ter acesso a esse recurso, nos sendo oferecida, somente, a possibilidade de realização de entrevistas com os jornalistas e uma visita guiada à empresa, na qual tivemos acesso às instalações da TV Integração.

Todo o prédio da emissora foi recentemente adaptado para a transmissão do sinal digital e em alta definição, como pudemos verificar ao visitarmos o estúdio de onde são apresentados os programas da emissora, além de central técnica e a redação — assim como a sala de controle a partir da qual é feita a transmissão dos programas.

Paralelamente a esse trabalho de campo, gravamos durante uma semana — entre os dias 24 e 29 de junho de 2013 — as duas edições do MGTV, a fim de verificamos qual seria a parcela de reportagens exibidas pelo jornal produzidas em Juiz de Fora e qual seria a de conteúdo vindo de outras cidades inserido no telejornal.

Os resultados e nossas análises são apresentados nas quatro seções seguintes. A próxima, o capítulo dois, se dedica a resgatar a história da televisão e do telejornalismo no Brasil, utilizando como suporte autores como Alfredo Vizeu (2008; 2010), Gabriel Priolli (2000) e Guilherme Jorge de Rezende (2000), que se dedicaram a recontar a chegada da TV

no país e sua importância para a sociedade, assim como ocorreu com o telejornalismo. Desta forma, também é apresentada nesta seção o desenvolvimento da televisão em Juiz de Fora, desde o início, com as atividades da TV Mariano Procópio, passando pelo pioneirismo da TV Industrial, durante a década de 1970, e culminando com a instalação de uma filial da Rede Globo de Televisão na cidade no início de 1980, cuja história se estendeu até 1998.

Ainda neste capítulo tratamos do telejornalismo como um "lugar de referência", conceito formulado por Alfredo Vizeu e José Carlos Correia (2008) a partir da importância que o gênero ganhou no decorrer do tempo. De acordo com os autores, o telejornalismo ganhou o status de um produto que norteia a sociedade, através do qual as pessoas buscam referências para suas vidas cotidianas, a partir das informações que recebem pela televisão.

No capítulo três, tratamos do processo de regionalização das emissoras de TV, e, conseqüentemente do modo como elas passaram a produzir seus telejornais, movimento que teve início nos anos 80 a partir da proposta da Rede Globo de expandir sua transmissão para o interior do país. Para isso, utilizamos dos conceitos de Rogério Bazi — um dos primeiros autores a estudar as TVs regionais —, que observou o processo de regionalização ocorrido em Campinas, no interior do estado de São Paulo, e que também é tratada em nosso trabalho.

Autores como Iluska Coutinho (2003; 2010), Christina Musse (2010) e Flávio Rodrigues (2010) também contribuem para a apresentação da história da televisão em Juiz de Fora, assim como seu desenvolvimento e processo de regionalização do telejornalismo, quanto à importância da TV e como ela influencia no cotidiano da sociedade. Encerramos a seção apresentando como se deu a regionalização em Juiz de Fora a partir de 1998 com a chegada da TV Panorama, parte do projeto de regionalização iniciado pela rede Globo.

O capítulo quatro trata exclusivamente de nossa análise acerca do conteúdo veiculado pela TV Integração Juiz de Fora. Primeiramente apresentamos a metodologia utilizada, composta pela revisão bibliográfica, pela análise de conteúdo, conforme definiu

Heloiza Herscovitz (2010), e complementada a partir das entrevistas em profundidade — seguindo o modelo proposto por Jorge Duarte (2005) — feitas com jornalistas da emissora.

Em seguida, no capítulo cinco, expomos nossas considerações finais, nas quais pudemos observar que, embora se trate de uma emissora regional, a TV Integração não exhibe somente reportagens produzidas em Juiz de Fora — também são levadas ao ar matérias feitas a partir de outras emissoras da Rede Integração e outras feitas pela TV Globo Minas, em Belo Horizonte.

A partir das entrevistas realizadas com profissionais da emissora, pudemos perceber que, embora a mudança no nome da emissora da Mata Mineira tenha sido feita, oficialmente, há pouco mais de um ano, mudanças internas quanto às linhas editoriais seguidas já vêm sendo feitas há mais tempo — essa transição reflete nos conteúdos apresentados à população, que vê também na tela da TV outras regiões do estado.

No entanto, apesar de haver reportagens produzidas em outras cidades a partir do que pôde ser observado em nossas entrevistas, há, por parte de produtores, repórteres e editores o discurso de cuidado ao selecionar o conteúdo vindo "de fora". A seleção dos temas seria feita com base em sua relevância para a população juiz-forana.

Quando analisamos o que ocorre em uma cidade de médio porte — como é o caso de Juiz de Fora —, localizada no interior do estado de Minas Gerais, esse fenômeno ganha maior importância. Em uma região como essa, a televisão contribui não só para a formação das pessoas ao fornecer a elas informação e entretenimento, mas também dá condições para a criação de laços de pertencimento e identidade com aquela população, que espera se ver representada na telinha.

E sendo a TV Integração Juiz de Fora a principal emissora de televisão da cidade — em relação à sua estrutura —, afiliada ao maior grupo de comunicação do Brasil, as Organizações Globo, o estudo sobre seu conteúdo torna-se bastante relevante. Uma das

principais questões que nos levaram a trabalhar a temática da regionalização do telejornalismo foi o fato de esse ser um movimento retomado há pouco mais de dez anos e que contribui tão bem para as discussões.

Esta pesquisa não possui a intenção de esgotar a temática sobre a TV regional ou jornalismo. Nossa proposta é a de poder contribuir com questionamentos que possam dar espaço para o surgimento de novas discussões acerca do telejornalismo e sociedade, elementos tão importantes na formação dos cidadãos.

2 A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO NO BRASIL

A televisão, mais que um simples aparelho eletrônico, é um dos meios de comunicação de maior presença e importância nos lares brasileiros, apontada por muitos pesquisadores como uma das principais fontes de informação e entretenimento para os cidadãos. Os dados relativos ao Censo 2010, divulgados Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, apontam que o número de residências que possuem aparelhos de televisão supera o das que têm aparelhos de rádio. De acordo com o levantamento, 95,1% dos domicílios têm aparelhos de TV, enquanto que o rádio aparece em 81,4% dos lares¹.

Outro fator que evidencia a grande presença da televisão nos lares brasileiros é o que a coloca como um dos itens mais presentes nos lares nacionais, perdendo só para a geladeira. No Censo de 2000, os refrigeradores foram encontrados em 83,4% das casas visitadas; já em 2010, esse número subiu para 93,7%.

O baixo índice de leitura entre a população brasileira é outro fator que contribui para que a televisão seja uma das principais fontes de informação às pessoas. A Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil², divulgada em 2012, constatou que metade da população brasileira pode ser considerada leitora (tendo lido, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses).

¹ No ano 2000, o rádio era o aparelho doméstico mais presente nas casas (em 87,9% delas), contra 87,2% em relação ao televisor.

² O estudo, realizado pelo Instituto Pró-Livro e executado pelo IBOPE Inteligência, considerou como universo de pesquisa a população brasileira residente com cinco anos ou mais, independente de ser alfabetizada ou não. A pesquisa foi feita por amostragem e teve como base 5.012 entrevistas realizadas em 315 municípios dos 27 estados, no período de 11 de junho a 03 de julho de 2011. Informações disponíveis no site do Instituto Pró-Livro www.prolivro.org.br. Consulta feita em 18/06/2013.

Ainda que o número tenha subido, a pesquisa mostrou que 85% dos entrevistados consideram "assistir televisão" como a atividade que mais gostam de exercer em seu tempo livre (em 2007, esse número era de 77%). A leitura (seja de jornais, revistas, livros ou textos na internet) foi citada por 28% dos consultados, aparecendo em 7º lugar. Em 2007, 36% dos pesquisados disseram ler em seu tempo livre. Esses números, somados às circunstâncias da chegada da televisão no Brasil, exemplificam a dimensão do espaço e da importância que a TV tomou entre a população e ajudam a compreender a escolha deste veículo como foco desta pesquisa, tendo também como prerrogativa, dados os números, o fato de que muitos brasileiros têm a TV como principal (ou única) fonte de informação ou entretenimento.

Uma das principais características do forte apelo da televisão é seu formato audiovisual, o que permitiu que ela se tornasse "mais atraente do que o cinema, pois este praticamente só oferece entretenimento; mais do que o jornal, que praticamente só oferece notícias; e mais do que o rádio, pois a TV agrega imagem ao áudio, o que permite que seu conteúdo audiovisual seja mais compreensivo" (SQUIRRA, FECHINE, 2009, p.15).

Por isso, nossa proposta é, neste capítulo, a partir de revisão bibliográfica, traçar um breve histórico da televisão no Brasil, pontuando a instalação da pioneira TV Tupi, inaugurada em 1950, e da TV Globo, fundada em 1965. Esta segunda representa relevância em nosso trabalho em função de ser a principal emissora de televisão em nosso país, a primeira a produzir um telejornal exibido em rede nacional e devido ao fato de o nosso objeto de pesquisa, a TV Integração Juiz de Fora, ser pertencente à sua rede de afiliadas.

Também propomos, neste tópico, uma abordagem da importância do telejornalismo na sociedade, resgatando alguns telejornais produzidos ao longo desses mais de 60 anos de história, dentre eles o Repórter Esso (produzido pela TV Tupi), o Jornal de Vanguarda (produzido pela TV Excelsior) e o Jornal Nacional, telejornal produzido pela TV Globo e que está há mais tempo no ar, completando 44 anos em setembro de 2013.

Encerramos esta seção com uma discussão sobre o telejornalismo como "lugar de referência", assim como propuseram Vizeu e Correia (2008), para a população, tomando como base o espaço que essa produção televisiva ganhou na sociedade ao longo das décadas, tanto em função de sua importância como fonte de informação como também em relação ao fato de ter sido utilizado como uma ferramenta de integração nacional, passando a fazer parte do cotidiano das famílias.

2.1 OS PRIMEIROS PASSOS DA TV

Inaugurada no Brasil em 18 de setembro de 1950, a televisão teve como pioneira a PRF-3 TV Difusora de São Paulo, ou TV Tupi, instalada no bairro do Sumaré, zona oeste da capital paulista. Comandada por Assis Chateaubriand, fundador do Grupo Diários Associados — do qual fazia parte —, a primeira emissora de televisão da América Latina foi criada pouco tempo depois das transmissões realizadas nos Estados Unidos e durante boa parte de seus primeiros anos de atividade pôde ser desfrutada apenas pela elite da época (HAMBURGER, 2005, p.21).

De forma diferente do que ocorreu na sociedade norte-americana, que se espelhou no modo de produção do cinema, a televisão no Brasil sofreu grande influência do rádio que, devido sua grande presença, foi a base para que o novo veículo de comunicação fosse introduzido no país. Em seus primórdios, tanto a técnica de produção quanto os profissionais envolvidos nas transmissões televisivas foram "herdados" do rádio (MATTOS, 2010).

O alto custo dos aparelhos, ainda desconhecidos pela maioria da população brasileira, essencialmente rural, foi o principal fator que fez com que a novidade se

mantivesse distante das pessoas. Vida Alves (2008) destaca o fato de o empresário Assis Chateaubriand - para que um maior número de pessoas pudesse conhecer a novidade na cidade de São Paulo - ter importado cerca de 200 aparelhos de TV, mandando que fossem instalados em diversos pontos da capital.

Na sua primeira década, a TV teve uma configuração claramente insular. Surgiu em São Paulo e expandiu-se, já em 1951, para o Rio de Janeiro. Em 1955, atingiu Belo Horizonte e, nos anos seguintes, chegou a Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Campina Grande, Fortaleza, São Luís, Belém e Goiânia. Em cada uma dessas cidades, entretanto, era transmitida uma programação diferente, ainda que a maioria das estações fosse de propriedade de uma mesma empresa, as Emissoras Associadas, de Assis Chateaubriand. (PRIOLLI, 2000, p.17).

Nos primeiros dias, a TV Tupi – Canal 3 exibia apenas três horas de programação, geradas entre 20h e 23h. Embora tenha exibido conteúdos de entretenimento, como clipes musicais previamente filmados com artistas da casa ou com eventuais atrações que passassem pelas Emissoras Associadas (ALVES, 2008, p.74), os responsáveis pela TV logo perceberam seu potencial para a informação e já no segundo dia de exibição, em 19 de setembro, entrava no ar o primeiro telejornal da história: o *Imagens do Dia*.

Vida Alves ainda relata que o telejornal, cujo formato fora herdado do rádio, não possuía horário certo para ir ao ar (era transmitido a partir de 21h30min ou 22h, dependendo da programação exibida antes) e tinha as notas lidas pelo locutor Rui Resende seguindo o modelo radiofônico. O que o diferenciava eram algumas imagens produzidas em filme em preto e branco que eram sobrepostas ao texto lido pelo apresentador, no formato hoje conhecido como *loc off vivo* (locução em *off*³, ao vivo).

Essa falta de periodicidade era devido ao fato de a programação da TV ser toda ao vivo, de modo que os primeiros telejornais apresentavam diversas falhas técnicas originadas

³ Forma reduzida de *off the records* [...]. Na TV, voz em *off* é o comentário em que o repórter não é focalizado pela câmera. (JORGE, 2008, p.228)

tanto das grandes deficiências técnicas quanto da inexperiência dos primeiros profissionais, a maioria procedente das emissoras de rádio. A repercussão dessas falhas na comunidade, no entanto, era muito pequena, pelo limitadíssimo número de pessoas que tinha acesso às imagens de TV. Possuir um televisor, naqueles tempos, simbolizava “regalia” e status, medido pelo número de televisinhos, cada vez mais crescente à medida que o hábito de ver televisão se espalhava. (REZENDE, 2000, p.106).

Outro telejornal produzido pela Tupi e considerado por muitos pesquisadores como um dos mais importantes na história do jornalismo foi o Repórter Esso, exibido entre os anos de 1953 e 1970, tanto na sede paulista quanto na TV Tupi do Rio de Janeiro, que fora inaugurada em janeiro de 1951. O nome do telejornal remete ao padrão de alguns programas de rádio, prática também conferida no início da televisão, já que

nos primeiros tempos da TV brasileira, como os anunciantes compravam os espaços, os programas recebiam o nome do seu patrocinador, como é o caso desse telejornal lançado em 17 de junho de 1953, em São Paulo, dirigido e apresentado por Kalil Filho. No ano seguinte, os cariocas ganhavam a sua versão, com Gontijo Teodoro. Os dois eram conhecidos locutores de rádio, mas já começavam a esboçar uma linguagem e uma narrativa mais televisiva, o texto era objetivo, o apresentador enquadrado no plano americano e tinha horário fixo para entrar no ar, às 20h. A abertura do noticiário ficou famosa: "Aqui fala o seu *Repórter Esso*, testemunha ocular da história." (PATERNOSTRO, 2006, p.37).

Como se percebe, o Repórter Esso trouxe características que são indispensáveis no telejornalismo brasileiro atual, como a linguagem mais acessível, objetiva e, principalmente, um horário fixo dentro da grade de programação da emissora. No entanto, embora fizesse sucesso entre os telespectadores, não eram todos que tinham acesso a ele.

Produzidas em São Paulo e no Rio de Janeiro, as notícias se restringiam basicamente a essas duas cidades, uma vez que não havia recursos para expansão das redações e, principalmente, faltavam condições técnicas para que o sinal da TV — preso às transmissões ao vivo — fosse expandido para uma área maior do país. Para se ter uma ideia,

de setembro de 1950, quando se inaugurou a TV Tupi de São Paulo — primeira emissora do país e do hemisfério Sul do planeta —, até abril de 1960, quando foi introduzida aqui a tecnologia do videoteipe, a televisão só existiu onde estavam erguidas as antenas de transmissão. Os telespectadores podiam captá-la num raio

máximo de 100 quilômetros em torno do transmissor que gerava as imagens. (PRIOLLI, 2000, p.16-17).

O videoteipe, mais conhecido como VT, foi utilizado pela primeira vez em 1960 durante a cobertura da inauguração da nova capital federal, Brasília. O aparelho, por possibilitar o registro prévio das imagens feitas, fazia com que fosse possível a duplicação dos materiais gerados — contornando, assim, as dificuldades da distância entre a capital do país e o eixo Rio-São Paulo quanto à veiculação das imagens na TV.

Se a década de 1950 representou o momento de experimentação e conhecimento da novidade que acabava de chegar aos (poucos) lares brasileiros, a década seguinte deu oportunidade para que as emissoras fossem testando novos formatos e buscando novas linguagens para o telejornalismo que, até então, seguia os moldes utilizados no rádio, com o apresentador lendo as notícias frente às câmeras — sem uma adaptação do texto ao novo veículo.

Até então, os telejornais eram apresentados por um locutor, vindo do rádio, sentado diante de uma mesa e tendo como fundo uma cortina de veludo. Na mesa, uma cartela com o nome do anunciante.

Tudo em preto-e-branco, ao vivo. De vez em quando entrava um filme produzido no dia anterior, em geral mostrando um coquetel ou a posse de alguma autoridade. Uma ou outra notícia internacional era ilustrada com uma radiofoto de péssima qualidade. (LIMA, 2007, p.59)

No entanto, a partir do surgimento da TV Excelsior, o telejornalismo brasileiro ganhou uma nova cara. Inaugurada em julho de 1960 em São Paulo, a emissora pertencia ao empresário paulista Mário Simonsen, que na época era o maior vendedor de café brasileiro na Europa.

Contando com profissionais vindos da Rádio Bandeirantes, a emissora tinha em sua direção nomes como Alberto Saad, Carlos Manga e Geraldo Casé. Buscando sempre inovar, os programas produzidos pela emissora, como aponta Lima (2007, p.56) "eram distribuídos para as emissoras afiliadas, que já eram mais de vinte em fitas de vídeo pelos

aviões de carreira." Além disso, o autor ainda destaca seu pioneirismo na produção de shows de variedades, jornalísticos e novelas, tendo sido "a primeira televisão a realizar novelas diárias, todas produzidas em São Paulo." (LIMA, 2007, p.56).

Em 1962, foi inaugurado o canal na cidade do Rio de Janeiro e, a partir dele, o telejornalismo deu um grande passo com a criação do "Jornal de Vanguarda", que entrou no ar em setembro do mesmo ano, revolucionando a linguagem dos jornais na TV, muito em função de sua equipe, numerosa para a época, ser composta, basicamente, por jornalistas vindos das redações de jornais impressos (LIMA, 2007).

"Entrava no ar às dez e meia da noite, também ao vivo e com muitos apresentadores, cerca de oito ou nove pessoas dentro do estúdio. Em vez de buscar pessoas de rádio, sua base era formada por jornalistas que vinham da imprensa escrita. Um marco, de fato." (LIMA, 2007, p.59). Sua inovação lhe rendeu diversos prêmios na imprensa brasileira e internacional, como em 1963 quando recebeu na Espanha o Prêmio Ondas como o melhor telejornal do ano.

Todavia, a irreverência e inovação do programa encontraram resistência no golpe de 1964 e, principalmente no Ato Institucional nº 5, decreto instaurado pelo governo militar em dezembro de 1968, que endurecia o regime e permitia a censura prévia nos meios de comunicação e nas produções culturais, como cinema, teatro e música. Depois de seu início da TV Excelsior e de passar pela Tupi, Globo e Continental, o Jornal de Vanguarda foi tirado do ar durante sua temporada na TV Rio (LIMA, 2007).

Naquele dia de dezembro [de 1968], toda a equipe se reuniu, convicta de que um programa como o Jornal de Vanguarda, com tanta criatividade, tanta dignidade, tantos prêmios, não poderia ser submetido à censura total imposta pelo AI-5. Decidimos então tirar o jornal do ar — a última frase da última edição foi "Um cavalo de raça mata-se com um tiro na cabeça." (LIMA, 2007, p.61)

A década de 1960 também representa um período importante para a televisão brasileira em função da inauguração de uma das principais empresas de comunicação do país:

as Organizações Globo, cuja história acompanha-se a partir da inauguração da TV TV Globo - Canal 4, do Rio de Janeiro, em 26 de abril de 1965. Levando ao ar 13 horas de programação diária, a empresa fora criada pelo jornalista e empresário Roberto Marinho sob a política de concentração de propriedade, explorando comercialmente a televisão com o intuito de geração de lucro (REZENDE, 2010).

O Decreto n.º 42.946, de 30 de dezembro de 1957, assinado pelo então presidente Juscelino Kubitschek, deu a concessão de uma estação de radiotelevisão no Rio de Janeiro à Rádio Globo S.A, conforme levantado por Carlos Eduardo Lins e Silva (1985, p.30), gerando mudanças significativas e permanentes no modo de se fazer televisão, tanto no âmbito artístico quanto no jornalístico — que constitui o foco de nosso trabalho.

Detalhes sobre os primeiros anos da emissora são alvo de diversos estudos e críticas. O principal deles é o acordo realizado entre a emissora e o grupo norte-americano Time-Life, firmado em 1962, que possibilitou o investimento de milhões de dólares na empresa. Segundo Carlos Eduardo Lins e Silva (1985), o contrato foi ponto decisivo para o rápido desenvolvimento da emissora a partir da compra de novos e sofisticados equipamentos.

De acordo com as leis da época⁴, a negociação infringia o artigo 160 da Constituição de 1946, que impedia a participação de capital estrangeiro em empresas de comunicação brasileiras — as negociações entre Globo e Time-Life previam à empresa participação de 30% nos lucros gerados pela emissora.

Apesar de terem sido constatadas irregularidades no contrato, nada foi determinado até 1968, quando o General Costa e Silva encerrou o caso, embora houvesse evidências de operação ilícita (PORCELLO, 2008, p.53). O grupo Time-Life deixou a TV Globo em 1969, no auge do regime militar, quando a emissora, que se firmava na produção de

⁴ Conforme Carlos Eduardo Lins e Silva, na obra "Muito Além do Jardim Botânico", em 1966, logo após a abertura da emissora carioca, foi instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar o acordo entre o grupo americano e a TV Globo.

programas de entretenimento e jornalísticos, caminhava para um projeto ambicioso para a época: colocar no ar um telejornal de caráter nacional.

As primeiras articulações para esse feito começaram em 1967, quando foi criado o Ministério das Comunicações, que contribuiu para a implantação de importantes modificações no setor das telecomunicações e também na redução da influência de organizações de caráter privado, reforçando a influência oficial no setor (MATTOS, 2010, p.31).

A partir da arrecadação de verbas pelo Fundo Nacional de Telecomunicações, sob gerenciamento dos recursos pela recém-criada Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel, de 1965), os serviços de telecomunicações foram modernizados e expandidos, quando o governo militar concluiu seu projeto político de "integração nacional" (PRIOLLI, 2000, p.18). O contrato previa a inauguração da Rede Básica de Micro-ondas, que interligava diversas regiões do país por sofisticados sistemas de telefonia e transmissão de sinais de TV, rádio e dados, permitindo

[...] a transmissão de programas ao vivo, em tempo real, para muitas cidades, tornando desnecessário o envio das fitas por avião ou outros meios. Da mesma forma, os satélites Brasilsat vieram complementar e ampliar a rede de microondas, de 1985 em diante, cobrindo efetivamente todos os quadrantes do território brasileiro. (PRIOLLI, 2000, p.19).

Dentro dessa proposta de integrar o Brasil estava a proposta de criação de uma atração que pudesse consolidar esse desejo, uma vez que

[...] num jogo de *troca de favores*, [grifo original da autora] se assim podemos caracterizar, a TV, no caso, a Globo, deveria unir o povo brasileiro no plano imaginário, enquanto a Embratel garantiria a infraestrutura necessária à telecomunicação, conectando o país através de antenas e satélites. (BUCCI, 2004; HERZ, 1987; SILVA, C., 1985, apud MAIA, 2009, p.30).

A edição 52 da revista *Veja*, de setembro de 1969, anunciava a nova atração, denominada pela revista de "Edição Nacional do Telejornal da Rêde Globo", como "um

programa tão caro e caprichado como a novela de maior IBOPE". As três emissoras pertencentes à TV Globo (Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte), além das TVs Gaúcha (Porto Alegre), Paraná (Curitiba) e Nacional (em Brasília) formariam o complexo mais extenso da América do Sul, cobrindo uma região com um total de 56 milhões de habitantes e permitindo que seis estações de TV cedessem espaço para que seus correspondentes participassem da produção do conteúdo do jornal (VEJA, 52:58).

Exibido desde 1º de setembro de 1969, período de endurecimento do regime militar, o Jornal Nacional é o telejornal que há mais tempo está no ar e o primeiro veiculado em rede nacional, inaugurando um novo estilo de telejornalismo. Também inovou ao dispor de uma grande estrutura de produção, o que permitiu a instalação de escritórios em diversos estados do Brasil, assim como no exterior, o transformando no principal meio de consumo de informação pela maioria da população brasileira até os dias de hoje.

E pensando o telejornalismo no contexto de centralidade que Vizeu e Siqueira (2010) propuseram o conceito de que o telejornalismo possa ser considerado um "lugar" para os brasileiros, próximo ao daquele destinado à família e aos amigos, como se quando assistíssemos à televisão, ela também nos visse.

E, considerando a estrutura do Jornal Nacional, tanto em relação à sua localização na grade de programação como quando analisada a disposição das reportagens ao longo de sua edição, percebe-se um cuidado ao se produzir um telejornal criado com o propósito de integrar um país de dimensões continentais.

Atentos ao fato de que a principal audiência na televisão brasileira veio das telenovelas, atrações que logo caíram no gosto popular e se tornaram produtos de exportação, os responsáveis pela TV Globo decidiram posicionar o telejornal que tinha a proposta de se tornar o principal do país entre duas tramas para garantir a audiência da nova atração.

Aquele seria o programa de prestígio da casa. Para que tivesse uma audiência garantida, ficaria espremido entre duas telenovelas, já então o gênero mais popular e com uma fórmula que se mostraria imbatível ao longo dos anos: às 19 horas, um

enredo mais leve e bem-humorado e às 20 horas outro mais adulto e dramático. No meio delas, um telejornal que desse à dona-de-casa o tempo certo para colocar o jantar na mesa e ao chefe da família a chance de inteirar-se, mesmo que superficialmente, dos principais assuntos do dia. (SILVA, 1985, p.35).

Outra característica do Jornal Nacional, também encontrada em outros telejornais, é a organização de sua edição seguindo o formato de narrativa característica do drama, fenômeno denominado por Iluska Coutinho (2003) como "Dramaturgia do Telejornalismo". Em sua análise, foi verificado que o jornal exibida, em algumas de suas reportagens, elementos característicos da narrativa dramática, como aqueles que surgem a partir de um conflito, com direito a cenário, personagens retratados em ação, referências temporais e as diretrizes para que ele seja solucionado.

De acordo com a autora, estas últimas características poderiam ser melhores verificadas nas reportagens mais "leves" que se utilizam de lições de moral como recurso para o encerramento do telejornal, como uma forma de preparação para a próxima atração que viria a seguir na programação, uma telenovela, antecedendo o "boa noite" que pode ser assistido em praticamente todo o território nacional.

Essa característica de estrutura semelhante à da narrativa encontrada no Jornal Nacional é uma das quais serão apresentadas a seguir, que ajudam a compreender o conceito proposto por Alfredo Vizeu e Fabiana Cardoso de Siqueira, quando afirmam a existência de um local ocupado pelo telejornalismo, se aproximando de seus espectadores e fazendo com que eles tenham ali na televisão um produto que ocupa um "'lugar' para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo" (VIZEU; SIQUEIRA, 2010, p.83).

2.1.1 Os primeiros passos em Juiz de Fora

A aparição da TV em Juiz de Fora, assim como ocorreu com a TV no Brasil, coincide com a forte presença do rádio e do jornal impresso na sociedade. A TV Mariano Procópio surgiu a partir da influência dos Diários Associados — conglomerado de comunicação administrado por Assis Chateaubriand — na cidade a partir de 1959. Segundo pesquisa de Livia Fernandes (2010, p.71), o grupo possuía na cidade dois jornais e uma rádio, dominando os meios de comunicação local, que passaram a desenvolver o interesse de instalar, também, uma emissora de televisão.

A TV Mariano Procópio foi uma iniciativa do diretor dos Diários Associados em Juiz de Fora, Renato Dias Filho. Segundo o jornalista Wilson Cid (2007), que trabalhou na TV Mariano Procópio e no Diário Mercantil [jornal que pertencia aos Diários Associados], Dias Filho queria conseguir a concessão de um canal de televisão definitivo para a cidade. O objetivo era criar uma estrutura de comunicação mais ampla, atingindo todas as mídias da época, que seria completada com a televisão. A emissora pretendia para isso aproveitar-se do prestígio que a rede de Chateaubriand tinha em todo o país. (OLIVEIRA, 2010, p.71).

Segundo Flávio Lins (2010), os primeiros passos para a instalação do canal em Juiz de Fora começaram em 1956 com a protocolação, junto ao Governo Federal, de um pedido de concessão para que fosse criada na cidade uma emissora geradora de TV, que seria a primeira a ser instalada no interior do Brasil.

O pedido, feito pelo grupo controlado Assis Chateaubriand, já tinha em mente a criação de uma rede de emissoras, visto o grande sucesso que a TV Tupi vinha fazendo e também devido ao prestígio de Juiz de Fora em função de seu desempenho na industrialização.

No entanto, devido a entraves burocráticos que atrasaram a inauguração do canal, a emissora iniciou suas atividades somente alguns anos mais tarde, muito impulsionada pelos

incentivos dados pela operação realizada pelo Governo Federal para que a inauguração da nova capital federal, Brasília, fosse amplamente noticiada. A operação ficou conhecida como "Operação 21 de Abril" e previa a ligação do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Ribeirão Preto e Brasília através de links de micro-ondas.

Segundo o ex-superintendente da TV Itacolomi, Víctor Purri Neto (2009), Juiz de Fora foi um dos sete locais escolhidos para receber uma antena de retransmissão, por possuir uma montanha com altitude adequada, o Morro do Arado⁵. [...] Dentro da Operação 21 de Abril, que seguia instalando as antenas de retransmissão da Tupi a partir do Rio de Janeiro, os trabalhos em Juiz de Fora foram concluídos em fevereiro de 1960. A partir daí a cidade começou a receber oficialmente o sinal da emissora Associada, deixando para trás as experiências feitas até aquele momento com a transmissão da Tupi. (RODRIGUES, 2010, p.102-103)

A instalação da antena possibilitou a captação com qualidade captação de três canais do Rio de Janeiro: TV Tupi, TV Rio e TV Continental, preparando para o que viria a se tornar a TV Mariano Procópio, que recebeu este nome em memória ao construtor da primeira rodovia do país.

A transmissão desses canais cariocas, durante a década de 1960, contribuiu para que se firmasse uma proximidade entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro, responsável pela criação do termo "cariocas do brejo", pejorativo em referência aos costumes vindos do Rio sendo consumidos pelos juiz-foranos.

[...] a população local contava com três emissoras cariocas para assistir, o que mantinha os *cariocas-do-brejo* ainda com a sensação de fazerem parte do Rio de Janeiro. A cidade Maravilhosa, que mesmo deixando nos anos 60 de ser capital da república, através dos artistas, programas de rádio e de TV, permanecia fornecendo elementos para a construção do imaginário popular. (LINS, 2006, p.31).

Esse "diálogo" estabelecido pela televisão entre Juiz de Fora e Rio persistiu após a extinção da TV Mariano Procópio, em 1963, sendo mantido a partir do início das atividades da TV Industrial na cidade, inaugurada oficialmente em 24 de julho de 1964. Isso se deu a

⁵ O Morro do Arado é o atual alto do São Benedito, bairro de periferia da região Leste de Juiz de Fora.

partir do noticiário "Filmando Juiz de Fora", produzido na cidade a partir de 1966, mas veiculado pela TV Tupi para todo o estado do Rio e para parte de Minas Gerais, incluindo Juiz de Fora e Belo Horizonte, uma vez que a transmissão desse material poderia ser realizada por meio da Associada mineira.

O programa era exibido dentro do Jornal da Tarde, com a narração dos locutores da Tupi (Carlos Frias, Waldo Moreira, Dalvan Lima e outros grandes nomes da emissora) e redação dos juiz-foranos Wilson Cid, Laiz Velloso, Mário Helênio, Ricardo Martins, Ismair Zaghetto. As filmagens eram feitas por Jorge Couri, Jaime Santos e Edy Vasques. (RODRIGUES, 2010, p. 127-128)

O primeiro programa jornalístico exibido pela TV Mariano Procópio foi o "Telefoto Jornal", a partir de outubro de 1961, que era colocado no ar às 20h15, logo após a exibição do "Repórter Esso".

O jornalístico veiculado na TV era feito inteiramente a partir de slides, material fotografado por Jorge Couri. [...] De acordo com Jorge Couri, este Telefoto Jornal durou cerca de três anos e entrou na rotina dos juizforanos, que se aglomeravam em bares da cidade para assistir o jornal na telinha. (LINS, 2009 apud OLIVEIRA, 2010, p.75).

No entanto, apesar de buscar retratar Juiz de Fora em sua programação, a TV Mariano Procópio nunca deixou de ser experimental. O pedido de concessão para a emissora se arrastava durante os anos muito em função da difícil relação entre o governo da época e Assis Chateaubriand, que utilizava seus veículos de comunicação para fazer oposição política.

De acordo com Oliveira (2010), foi em 1964 que o grupo de Chateaubriand teve que brigar mais duramente pela concessão do canal 10, que na época também era disputado pelo empresário Sérgio Mendes, dono da Rádio Industrial. Apesar do forte apelo político, principalmente por meio do Diário Mercantil — jornal impresso pertencente aos Diários Associados em Juiz de Fora —, a TV Mariano Procópio teve de dar lugar à TV Industrial-Canal 10.

Em sua pesquisa sobre a emissora pioneira em Juiz de Fora, Flávio Lins destaca que:

A TV Mariano Procópio não foi fechada, não encerrou suas atividades, não faliu, mas desapareceu, assim como entrou no ar. Apesar da sua breve existência, mantida pela emoção de pessoas que queriam ver Juiz de Fora na TV, não é possível precisar a data do último programa, pois os pioneiros fazem referência a transmissões que teriam ocorrido e das quais não existem vestígios, sequer nos periódicos da época. Exibido durante quase dois anos, o programa Filmando Juiz de Fora foi a mais importante realização da TV Mariano Procópio, atuando como uma afiliada, produzindo material jornalístico para ser exibido pela emissora cabeça de rede, a Tupi. (RODRIGUES, 2010, p.131).

Com isso, chega a Juiz de Fora uma nova emissora de televisão: a TV Industrial, idealizada pelo advogado e comerciante Sérgio Vieira Mendes e administrada também por seus filhos Gudesteu e Geraldo Mendes. Primeira estação geradora de televisão do interior mineiro — conforme o Decreto nº 2236, de 22 de janeiro de 1963 —, a emissora foi instalada no alto do Morro do Imperador, ao lado do local onde fora colocada a torre do sinal de televisão na cidade.

É importante ressaltar a construção da torre e dos estúdios num mesmo local para que se compreenda algumas limitações de ordem econômica mesmo. A própria aprovação do Conselho Nacional de Telecomunicações assim o determinou. Era muito difícil importar equipamentos naquela época e não havia recursos para a importação de um "link" de micro-ondas, ligando o transmissor que ficaria originalmente num ponto mais alto e os estúdios, caso fossem sediados na cidade. Assim foi que se viabilizou o acoplamento entre parte do transmissor e a parte de funcionalidade da emissora, ou seja, estúdios telecine e outros apetrechos tão necessários mesmo naquela época. (CABRAL, 1985, p.08)

O primeiro telejornal da emissora se chama "Teledéz", uma referência ao canal de sintonia da TV, seguido pelo "Jornal Imagem", que tinha os apresentadores lendo notas dentro do estúdio. Apesar do nome, muitas vezes faltavam imagens para ilustrar o jornal, como relembra a jornalista Christina Mendes, que apresentava o programa:

[...] Era muito engraçado porque ele se chama "Imagem", e de imagem praticamente ele não tinha nada. Porque não tínhamos esses recursos — unidade portátil para fazer jornalismo na rua — usavam-se recursos ridículos para televisão. Eram *slides* e, muitas vezes, você gravava áudio igual ao de rádio e colocava a pessoa falando.

Assim, a foto e aquele som, porque não tínhamos muito recurso para fazer reportagem. Então, era um jornal que chamava "Imagem", mas parecia uma rádio. [...]

Todo dia fazíamos a redação das matérias na sede da rádio mesmo, que era no Calçadão, na rua Halfeld, no Centro da cidade. Então, eu pegava uma cópia e subia para o estúdio da televisão, que funcionava no Morro do Imperador. Lá em cima, mudou depois que a televisão foi vendida. Foi com a Globo que a televisão passou a ter uma estrutura de redação na própria torre porque antes a parte administrativa e tudo o mais funcionava no Calçadão. Lá em cima só funcionavam o estúdio de transmissão e a parte técnica. (MENDES *apud* MUSSE; RODRIGUES, 2012, p.118)

A falta de especialistas em emissoras de televisão fez com que profissionais de fora fossem chamados para treinar os novos funcionários da TV, uma vez que ela nasce com a proposta de produção de programas locais, retratando os problemas enfrentados em Juiz de Fora. Com isso, a programação do canal, quase toda produzida no município e ao vivo, era formada por programas educativos, de auditório, atrações de variedades, coberturas de eventos e telejornais. Em função de um número reduzido em sua equipe, também eram exibidos filmes para que fosse coberta a grade de programação.

[...] Com a criação da Rede de Emissoras Independentes, criou-se um intercâmbio maior de programações e a Industrial, integrante dessa nova Rede, intensificou seu empenho na qualidade da programação local. Para cobrir a programação que faltava, fez uma série de contratos com emissoras e redes, onde recebia VTs de programas que eram colocados no ar semanas depois de sua exibição pela emissora de origem, ou mesmo, entrando em cadeia com outras geradoras.

Não constava de sua programação as novelas, na época, um tipo de programa bem menos proeminente do que hoje, isto porque, segundo o Sr. Geraldo Mendes, "a diretoria da emissora achava que a novela não traria um proveito maior ao telespectador. Além disso, seria interessante oferecer ao público uma outra opção, diferente daquela oferecida pela principal concorrente". E admite ainda que "a Industrial, sendo uma pequena geradora, não dispunha de condições para formar um 'cast' para fazer telenovelas ou outras produções que o equivalassem". (CABRAL, 1985, p. 10-11)

Embora fosse fazendo sucesso entre a população com suas transmissões de partidas de futebol e programas de auditório, a TV Industrial apresentava diversos problemas econômicos. A falta de incentivos às pequenas emissoras era o principal fator, e, considerando que a Industrial não era afiliada a nenhuma outra empresa, esse foi um elemento determinante para sua venda, em 1979, à Rede Globo.

A TV Industrial encerrou suas atividades em 1980, quando o canal foi vendido para a Rede Globo de Televisão. Mesmo abrindo espaço para o jornalismo local, a mudança provocou segundo Luiz Carlos Nazaré⁶ muita "reclamação", pois as pessoas já não se viam mais, já que mais de 90% da programação não era da cidade. (LINS, 2006, p.03).

A TV Globo Juiz de Fora estreou no dia 14 de abril de 1980. De propriedade da família Marinho, a compra da geradora em Juiz de Fora fazia parte de um plano de conquista e desenvolvimento dos mercados de televisão na Zona da Mata e no Sul de Minas.

Durante o período em que funcionou na cidade, entre 1980 e 1998, foi, basicamente, uma retransmissora do sinal gerado pela "cabeça" do Rio de Janeiro e pela filial de Belo Horizonte, que produzia os conteúdos regionais. Até o final da década de 1990 houve pouca atividade telejornalística local na cidade, com produção limitada a dois blocos locais exibidos ao meio dia, numa extensão do "Jornal Hoje" e às sete da noite, em um bloco do extinto "Jornal das Sete".

Em 1998, como parte do "Projeto Regional do Futuro", a Rede Globo passa a investir na regionalização de seu jornalismo através de suas afiliadas espalhadas pelo país (BAZI, 2001). Com isso, a TV Globo Juiz de Fora passa a se chamar TV Panorama e ganha a possibilidade de expandir sua produção local.

Quando a Rede Globo colocou em prática o "Projeto Regional do Futuro", em outubro de 1998, visando a conceder mais autonomia às cinco emissoras regionais do grupo Marinho — quatro são paulistas e uma está localizada em Juiz de Fora, Minas Gerais —, a rede carioca já tinha em mente que o processo de regionalização era irreversível. (BAZI, 2001, p.28-29).

2.2 O TELEJORNAL COMO UM LUGAR DE REFERÊNCIA

⁶ Luiz Carlos Nazaré, hoje na TV Integração Juiz de Fora, era cinegrafista da emissora na época.

A aproximação entre o telejornalismo e os cidadãos se deu em um campo em que convivem os campos do real e do imaginário, representados pelos telejornais e pelas telenovelas, o principal produto de ficção da TV Globo, muito em função da disposição na grade de programação dessas duas atrações. O principal telejornal da emissora, o Jornal Nacional, foi concebido dessa forma, entre duas telenovelas — no entanto, não foi o pioneiro.

A primeira emissora a se utilizar do modelo foi a Excelsior. O primeiro telejornal a utilizar o formato foi o "Jornal da Cidade", que estreou em 1962 e era exibido às 20 horas, sob a direção do jornalista Fernando Barbosa Lima. Embora tivesse um formato dinâmico, com uma escalada "apresentada" por um menino de 12 anos que corria pelos corredores da Excelsior como se estivesse vendendo jornais, o telejornal perdia audiência para o Repórter Esso, apresentado na TV Tupi por Gontijo Teodoro (LIMA, 2007, p.57). Para contornar a questão, o diretor do jornal, que também era o responsável pelo jornalismo da emissora, decidiu arriscar e colocar a atração entre as duas telenovelas produzidas: uma às 18h e outra às 19h.

Conversei com o Edson Leite, diretor-geral da Excelsior, e dei a ele a ideia de programar o Jornal da Cidade entre as duas novelas. Prometi fazer um jornal menor, mais rápido. [...] Esse famoso sanduíche continua até hoje, em várias emissoras. E sempre dá certo. Quem gosta de novela continua ligado — ou ligada — na emissora, esperando a próxima novela. Uma grade bem-feita é o lance estratégico de uma televisão. Os programas devem ser vistos como vasos

Comprovada a audiência que a novela das 19h dava ao telejornal seguinte, que também atraía o público para a próxima atração, a fórmula passou a ser copiada por outras emissoras.

Segundo Flora Neves (2008), a Rede Globo, a partir do momento em que colocou o Jornal Nacional no ar, sempre repetiu esse modelo. No entanto, em alguns casos, ela se utilizou de reportagens produzidas pelo telejornal e estabeleceu uma "ponte" com a realidade:

Em 2002, por exemplo, o telejornal noticiou maciçamente o reencontro de Pedrinho, adolescente que havia sido sequestrado quando bebê e encontrado depois de dezesseis anos. O caso foi inserido em toda a programação da rede e serviu de base para a novela *Senhora do Destino*, em 2005. Telejornalismo e telenovela pactuam entre si uma divisão de trabalho para a consolidação da realidade discursiva. [...] (NEVES, 2008, p.46)

Ainda de acordo com a autora, a mais notada mudança de linha editorial do jornal se deu na década de 1990, quando a audiência foi abalada, principalmente, pelas novelas mexicanas exibidas pelo SBT e pelo surgimento de telejornais sensacionalistas, sobretudo o "Aqui Agora", também da emissora paulista, fazendo com que na época surgisse a ordem "para que as reportagens contivessem mais 'emoção'" (NEVES, p.46). A medida abriu espaço para matérias com temas policiais, que, de forma diferente da linha editorial seguida até então, passaram a exibir mais cenas de violência.

Também contribuindo para que entendamos a relevância do telejornalismo na sociedade brasileira, a pesquisadora Iluska Coutinho (2003), em sua tese de doutorado, verificou que o *Jornal Nacional* também apresentava em suas edições uma característica típica das narrativas dramáticas. Constatou-se que havia espaços para a introdução de conflitos rumo à sua solução e também a apresentação de alguns entrevistados nas reportagens desempenhando papéis que podem ser associados aos de personagens, como os de "mocinho, vilão, herói, vítima, expert, parceiro/aliado, mediador, concorrentes e ainda o de 'musa' ou troféu de disputa" (COUTINHO; FERNANDES; MATA, 2009, p.103).

A presença desses elementos no jornalismo, sobretudo no telejornalismo que ganha destaque maior em função da grande influência da televisão, merece destaque quando consideramos a proposta de que o telejornalismo serve como um "lugar de referência para as pessoas buscarem informações" (VIZEU; CORREIA, 2008, p.25) acerca dos fatos que ocorrem na sociedade. Esse "lugar de referência" seria uma forma mais ampla do conceito do jornalismo como "lugar de segurança" proposto anteriormente, no qual a estrutura dos jornais com as matérias selecionadas, assim como o final alegre, com uma reportagem mais

descontraída, garantisse ao telespectador uma maior tranquilidade e desse a ele ânimo para seguir em frente, além de informá-lo sobre os principais acontecimentos (CORREIA, 2005 apud VIZEU; CORREIA, 2008, p.22).

Fazendo isso, o telejornalismo está não só transmitindo informação a seu telespectador, mas também — uma consequência do trabalho do jornalista — proporcionando conhecimento a ele (VIZEU; CORREIA, 2008) não só das questões de seu país, mas também do mundo. Um exemplo recente na mídia brasileira é o caso das manifestações que ocorreram em todo o país motivadas pelos protestos que defendiam a redução das tarifas do transporte público.

A forte adesão de parte da população em diversas cidades brasileiras, assim como a ação repreensiva de policiais durante alguns momentos e os atos isolados de vandalismo que se seguiram aos protestos, provocou uma intensa cobertura dos eventos e mobilizou todo um aparato para que as informações mais recentes pudessem chegar ao público, que acompanhava de perto o desenrolar dos fatos e se orientava por meio das informações veiculadas.

Esse evento recente acaba por retratar o papel que a televisão e o telejornal desempenham na sociedade quando observado, a partir dos protestos, o que se espera do telejornalismo. Sobre isso, Alfredo Vizeu e João Carlos Siqueira colocam que "o telejornalismo hoje ocupa um espaço central na sociedade brasileira como a primeira, a mais barata e mais cômoda informação que os cidadãos e as cidadãs recebem" (VIZEU; SIQUEIRA, 2010). Os autores ainda apontam que

a televisão no cotidiano das pessoas representaria [...] uma espécie de referência, de estabilidade, diante da violência, da insegurança e da complexidade do cotidiano. Os telejornais funcionariam como uma janela para a realidade, mostrando que o mundo circundante existe, está lá e tudo não se transformou num caos e a vida segue a sua normalidade. (VIZEU; CORREIA, 2008, p.21).

Ora, se o telejornalismo opera como um local de referência e identificação para as pessoas, no qual elas buscam informações e recebem, também, conhecimento acerca dos fatos que as cercam, como se dá essa relação em uma região do interior? Porque, como vimos, o telejornalismo, a partir da criação do Jornal Nacional, foi utilizado como forma de integração nacional, com o qual havia o objetivo de se atingir uma grande parcela da população a partir da veiculação de uma mesma mensagem. E, considerando que em regiões de interior os laços de identidade e pertencimento tendem a ser mais fortes, o discurso da televisão tende, também, a ter efeito mais intenso.

Não por acaso que, a partir da década de 1990, como explica Rogério Bazi (2001), a Rede Globo passou a investir na regionalização de seu jornalismo, com a criação, na década anterior, da Central Globo de Afiliadas e Licenciamento (CCGAL), que permitiu a instalação de emissoras afiliadas em diversos pontos do interior do país, inclusive em Juiz de Fora, nosso foco de pesquisa, como veremos a seguir.

3 A REGIONALIZAÇÃO DAS EMISSORAS DE TV

Falar sobre a regionalização do telejornalismo é, também, falar sobre resgate às origens do gênero e sobre um caminho inverso ao percorrido até então pelas notícias na TV. Se o projeto iniciado no final da década de 1960 com a criação do Jornal Nacional era o de integrar o Brasil por meio do telejornal, veiculando um mesmo conteúdo para todo o país usando o recém-criado sistema de telecomunicações, pouco tempo depois, a partir dos anos 80, decidiu-se não só pela massificação do discurso, como também pela criação de novas "caras" para o telejornal.

Esse "lugar de referência" para a população, como propuseram Alfredo Vizeu e João Carlos Correia (2008), pôde levar até as pessoas não só as notícias do Brasil e do mundo, mas também os fatos, questionamentos e soluções para o que acontece mais próximo delas: voltada para as necessidades das comunidades locais e com uma participação mais ativa dessas pessoas, que se veem na TV e, de alguma forma, "são vistas" por ela.

Portanto, este capítulo propõe-se a se aprofundar no que se constitui a regionalização do telejornalismo, apresentando como ele se dá nas emissoras e, principalmente, exemplificando esse fenômeno a partir do caso apresentado por Rogério Bazi (2001), que se dispôs a estudar a TV regional utilizando o molde da Rede EPTV, focando sua pesquisa na emissora instalada em Campinas (SP).

Por fim, será traçado um breve histórico da televisão em Juiz de Fora, desde as primeiras experiências com a transmissão de imagens, passando pelas emissoras pioneiras (TV Mariano Procópio e TV Industrial), até se chegar à instalação da TV Globo na cidade e, posteriormente, às suas afiliadas: TV Panorama e, mais recentemente, TV Integração Juiz de Fora (em função de o objeto desta pesquisa ser a TV Integração Juiz de Fora, será dado maior destaque à história ligada à Rede Globo na cidade).

3.1 A PROPOSTA DE UM TELEJORNALISMO REGIONAL

Quando buscamos referências acerca da regionalização de emissoras de TV e como elas atuam, uma das dificuldades encontradas é exatamente caracterizá-la desta forma. A principal delas é questão de não haver na legislação da radiodifusão brasileira algo que defina o que venha a ser uma TV regional, uma vez que "seria preciso definir em termos de alcance das ondas de TV o que é uma 'região', tarefa um tanto complicada visto que a possibilidade de se expandir o sinal por micro-ondas ou satélites vincula o conceito às limitações tecnológicas e econômicas" (CRUZ, 1996, p.160 apud BAZI, 2001, p.15). Portanto, assim como Bazi (2001), adotaremos o conceito de que televisão regional é "aquela que retransmite seu sinal a uma determinada região e que tenha sua programação voltada para ela mesma." (p.16).

O interesse em retratar nesta pesquisa o funcionamento de uma emissora regional leva em consideração a importância da televisão na sociedade brasileira, seja em função de sua forte presença nos lares ou sua participação como fonte de informação e lazer, como também o fato de ela se constituir como ponto de referência para que muitas pessoas possam acompanhar os fatos que se desenrolam no país.

Para atingir toda a extensão territorial do Brasil, as grandes redes de televisão são formadas por emissoras filiais (ou emissoras próprias) e emissoras afiliadas, empresas associadas a uma emissora com penetração nacional de sinal, que retransmitem a programação da rede, embora também produzam programas, telejornais e comerciais locais.

Utilizando-se do sistema de afiliadas e filiais, a Rede Globo montou uma sólida estrutura de emissoras regionais em todo o país. (BAZI, 2001, p.24).

E, considerando uma emissora local, com características ligadas à regionalização da informação e a proximidade com a comunidade, as informações veiculadas por essas empresas se tornam mais fortes para a população, uma vez que a produção telejornalística dessas emissoras é que dá a possibilidade para que as pessoas possam acompanhar as notícias

de sua região — já que, muitas vezes, isso não é possível ao longo da programação das emissoras, que veiculam conteúdos voltados para o contexto nacional.

Pensando nessa proposta de dar espaço às emissoras locais dentro da grade de programação, a Rede Globo colocou no ar, a partir de 1983, o Praça TV, telejornal de produção local que, ao longo do território nacional, é nomeado de acordo com a praça¹ (neste caso, ao estado) à qual está ligado, como RJTV (no estado do Rio de Janeiro), SPTV (em São Paulo) e MGTV (em Minas Gerais). Tradicionalmente, o Praça TV é exibido em dois horários: o Praça TV 1ª Edição, que vai ao ar a partir do meio dia e que tem um tempo médio de produção entre 30 e 40 minutos, e o Praça TV 2ª Edição, com tempo médio de 15 minutos, exibido por volta das 19h05.

Nesse contexto, de acordo com a análise de Rogério Bazi acerca da EPTV/SP, o sucesso de uma emissora regional pode ser atribuído a quatro fatores decisivos:

- 1 - Localização geográfica, que propicie e facilite a captação de recursos;
- 2 – Proximidade entre a emissora regional e a comunidade na qual ela se insere;
- 3 – O profissionalismo do jornalismo;
- 4 – O incentivo à regionalização do jornalismo, com produção de atrações voltadas para o público local/regional.

Nós completamos incluindo, ainda, o fator comercial, com o potencial mercado da região.

Outra característica importante de uma emissora regional, segundo Rogério Bazi (2001), é fortalecer o mercado publicitário do local em que ela está, principalmente a partir do papel desempenhado pelo pequeno anunciante, já que

[...] ao mesmo tempo em que uma emissora regional proporciona ao anunciante local ver seu produto na televisão, mediante preços mais acessíveis, ela cumpre, por outro lado, a função indireta de desenvolver o mercado publicitário, pois a

inauguração da TV regional em uma determinada região exige a criação de comerciais para a exibição nos seus intervalos. Começam a aparecer as agências, os estúdios gráficos e os redatores, abrindo-se, assim, um mercado de trabalho. (BAZI, 2001, p.80).

Dentro desse cenário, ele buscou verificar como se dava o telejornalismo na cidade paulista de Campinas, utilizando como objeto de pesquisa a Rede EPTV, que possui três emissoras no interior do estado e uma localizada no sul de Minas Gerais.

3.2 O CASO DA EPTV EM CAMPINAS

O grupo EPTV (Emissoras Pioneiras de Televisão), rede de emissoras afiliadas à Rede Globo de Televisão, foi fundado em 1979 pelo empresário José Bonifácio Coutinho Nogueira quando foi inaugurada a emissora com sede na cidade de Campinas. Atualmente, a EPTV possui outras três afiliadas: a TV Ribeirão, em Ribeirão Preto, e a TV Central, em São Carlos, no estado de São Paulo e a TV Sul de Minas em Varginha, Minas Gerais.

A sede da EPTV se localiza na cidade de Campinas, pois foi nesse município que o grupo implantou sua primeira emissora: a TV Campinas, em 1979. Um ano depois, o grupo inaugurou a EPTV Ribeirão Preto; em 1988 foi a vez da EPTV Sul de Minas, e, em 1989 a cidade de São Carlos recebeu os sinais da EPTV Central. No início, o sinal da emissora de Campinas chegava em apenas 20 cidade. Hoje o sinal das quatro emissoras do grupo atinge 292 municípios em um público estimado em 9 milhões de pessoas. (BAZI, 2001, p.12-13).

De acordo com o levantamento feito por Bazi (2001), antes da inauguração da EPTV Campinas o público da cidade e região desconhecia o que era telejornalismo regional¹, tendo como referências o jornal impresso e o rádio. Assim como ocorreu nos primeiros anos da pioneira TV Tupi, a principal dificuldade da instalação da nova emissora foi encontrar profissionais que tivessem conhecimento do novo veículo de comunicação que chegava à

cidade. As primeiras produções locais podiam ser conferidas nos últimos blocos do Jornal Hoje, que era exibido a partir das 13h15, e à noite, quando o "Jornal das Sete" entrava no ar, com produção totalmente local.

O Jornal das Sete se tornaria campeão de audiência, um informativo regional imprescindível, apresentado antes do Jornal Nacional; o desafio e o grande diferencial que a TV Campinas se impôs, desde o início, é levar ao telespectador, em primeira mão, a notícia local e regional, apresentada do ponto de vista do homem e da mulher do interior de São Paulo. (EPTV, 1999, p.114 apud BAZI, 2001, p.40).

Os altos índices de audiência da EPTV, de acordo com o autor, poderiam ser registrados somente se o grupo se limitasse a retransmitir os programas produzidos pela Rede Globo. No entanto, a emissora decidiu por investir e seguir, também, por outro caminho, desenvolvendo produções locais, principalmente os telejornais e informativos, exibidos em horários cedidos pela Globo, emissora "cabeça de rede"¹ — horários chamados "periféricos", uma vez que uma emissora do interior nasce com a proposta de servir a uma grade de programação nacional que admite pouca flexibilidade de horários.

A EPTV, por exemplo, como em qualquer outra emissora afiliada à Globo, possui horários predeterminados para mostrar sua programação regional. No entanto, por 10 vezes, a EPTV já ocupou outro espaço na programação da Globo, utilizando-se do horário do programa "Globo Repórter", exibido em rede nacional, às sextas-feiras, para apresentar suas produções regionais. Até o momento, ela é a única das 107 emissoras da Globo que ocupou tal espaço. (BAZI, 2001, p.29)

E, tentando aproveitar os espaços cedidos pela programação, a EPTV foi criando diversos programas que atendessem à proposta de mostrar a região na qual ela está presente, de várias formas, principalmente atrás de atrações ligadas à área de serviços e natureza.

EPTV Comunidade – Semanal, aos domingos, na parte da manhã, tem 25 minutos de produção. Foi inspirado no "RBS Comunidade", um programa exibido pela Rede RBS no sul do país. É um programa de entrevistas de estúdio, que procura aprofundar diversos assuntos e enfatizar algum fato da semana na região de origem. Sempre que há possibilidade, o programa produzido por uma EPTV é exibido em outra. O esquema de rodízio é feito quando o assunto é considerado atemporal. (BAZI, 2001, p.49).

Terra da Gente – [...] É voltado aos aspectos da natureza, meio ambiente, culinária, música caipira, curiosidades da região onde é gravado, assim como a fauna local. Na maioria das vezes, o carro-chefe do programa é a pesca esportiva. A sua produção é exclusivamente feita pela equipe da EPTV Campinas e é exibido aos sábados, depois do "Jornal Hoje". (BAZI, 2001, p.50).

Com a proposta de complementar seu trabalho junto à comunidade, a EPTV, além de seus programas jornalísticos e de variedades, também realiza campanhas e eventos voltados à população — uma estratégia que tem a intenção não só de reafirmar sua credibilidade junto às pessoas, como também a de arrebatar novos anunciantes para a programação, principalmente aqueles que possuem poucas verbas publicitárias.

De acordo com Rogério Bazi (2001), a linha de atuação repassada às afiliadas da Globo é a de interagir e participar de forma mais ativa da vida de suas comunidades, estando presentes no dia a dia das cidades e destacando as similaridades entre os habitantes, como exemplifica o diretor da CGAE, Francisco Góes.

Queremos que a TV saia da tela e vá para a rua. Não para cobrir o bizarro e sim para participar da vida da região. O compromisso das emissoras é realizar um conjunto de ações que criem situações e contato direto com o público. Nossa intenção é deixar que o telespectador comum se veja na tela. Queremos também exibir notícias positivas no vídeo, e não que as cidades apareçam somente quando ocorre um grande acidente ou que sejam exibidos apenas os escândalos de um prefeito. (TELA VIVA, 1999)

Dentre os eventos realizados pela EPTV destaca-se a "Corrida Integração", mais tradicional corrida de rua do interior do estado de São Paulo promovida anualmente pela emissora no mês de setembro e que integra o calendário da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), sendo uma das dez maiores do Brasil. Além dela, há também a "Taça EPTV de Futsal" (antes Torneio de Futsal), lançada em 1985 em Ribeirão Preto e que, desde então, também se constitui como um evento que integra emissora de TV e comunidade nas áreas de cultura, esporte e lazer.

Além de eventos, outros elementos também podem ser considerados como estratégias de aproximação com o público, como as vinhetas utilizadas nos telejornais, que

têm a proposta de informar o telespectador sobre assuntos considerados importantes no âmbito das cidades, como as que caracterizam temas como "Saúde", "Educação", "Artes e Espectáculo", entre outras — assim como as campanhas incentivadas pela emissora. No caso das empresas ligadas à Rede Globo, há o projeto "Ação Global".

O objetivo é incentivar a solidariedade junto às comunidades carentes de alguns municípios, quando a população tem a oportunidade de retirar seu documento de identidade, o registro de nascimento, a carteira de trabalho e o alistamento militar, além de ter assistência jurídica, tratamento médico e dentário, corte de cabelo e palestras sobre educação e saúde. (BAZI, 2001, p.58).

Sobre a importância das emissoras regionais, Rogério Bazi finaliza salientando que

é importante lembrar que as emissoras regionais se utilizam da produção local de seus programas para sobreviverem e, ao mesmo tempo, obterem credibilidade junto às comunidades em que atuam. Além disso, os altos índices de audiência registrados por essas emissoras demonstram a confiabilidade do público em seus programas. Assim, baseados nesses fatos e em outros revelados no decorrer da pesquisa, podemos afirmar que o modelo de emissora regional, adotado pela Rede EPTV, é de extrema importância para uma região e para a comunidade local, pois é através da TV regional que o público possui a oportunidade de se ver retratado na tela da televisão, tentando talvez obter, de alguma maneira, respostas aos seus anseios ou, simplesmente, sentir-se mais próximo de seus direitos. (BAZI, 20001, p.87).

3.3 A REGIONALIZAÇÃO EM JUIZ DE FORA

Nos últimos dez anos, o cenário telejornalístico em Juiz de Fora não sofreu alterações. Há, na cidade, três empresas afiliadas a diferentes emissoras de televisão: a TV Alterosa Juiz de Fora, emissora pertencente ao grupo Alterosa (com sede em Belo Horizonte) e filiada ao SBT; a TVE Juiz de Fora, emissora afiliada à Rede Minas, e a TV Integração Juiz de Fora, ligado ao grupo Integração, com sede na cidade mineira de Uberlândia, e que é afiliada à Rede Globo de Televisão. Registramos, ainda, que há um escritório/redação da

Rede Record. No entanto, uma equipe produz as reportagens que seguem até a sede da emissora, em Belo Horizonte, de onde são transmitidas.

Embora, oficialmente, a televisão tenha chegado ao Brasil em 1950, Juiz de Fora já havia sido palco para a transmissão de imagens através das mãos do técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire, que na década de 1940 construiu um conjunto de TV formado por um conjunto câmera-transmissor-receptor — responsável pela primeira transmissão pública de imagens realizada não só em Juiz de Fora, como também em toda a América Latina, em 1948.

Segundo Freire (2001), que não era radioamador e teve acesso às revistas [nas quais foram publicados os esquemas para a montagem do conjunto] na oficina onde trabalhava, a montagem foi possível com a ajuda de um dicionário de inglês, já que não dominava o idioma, e ainda, graças a um kit para construção do equipamento, trazido dos Estados Unidos pelo amigo carioca, Eduardo Ferreira Rocha. O técnico destaca ainda, que o equipamento só previa a transmissão de imagens, pois para o envio do som, os radioamadores utilizariam os próprios radiotransmissores. (RODRIGUES, 2010, p.90).

Poucos anos após a criação da TV Tupi, em setembro de 1950, começa a história da televisão em Juiz de Fora, em 1959, a partir da instalação de várias emissoras de TV na cidade ao longo dos anos, como as TVs Mariano Procópio, Industrial, Globo Juiz de Fora, Panorama e Integração (todas essas, com exceção da TV Mariano Procópio, ligadas à Rede Globo de Televisão).

A partir deste ponto nossa pesquisa resgata um histórico dessas emissoras da cidade, desde a criação da TV Mariano Procópio, pioneira no município, passando pelas experiências com a TV Industrial e culminando na chegada definitiva do grupo Integração no município, em abril de 2012.

3.3.1 – A história recente do telejornalismo juiz-forano junto à regionalização: TV Panorama e a chegada da TV Integração à cidade

Conforme expusemos no capítulo dois, em Juiz de Fora a instalação da TV Panorama seguia os planos da Rede Globo de tornar seu jornalismo mais regionalizado, a fim de atrair novos mercados publicitários a partir de cada uma das regiões que produziam conteúdo. Sobre isso, Rogério Bazi destaca que

[...] podemos constatar que as emissoras filiais da Globo foram estrategicamente instaladas em regiões de grande concentração populacional e com mercados comerciais ativamente promissores. [...] Podemos afirmar que essas emissoras regionais representam para a Rede uma grande fonte de lucro e, além disso, são elas que conseguem, por meio de telejornais e programas regionais, manter o vínculo estreito com a comunidade. A empresa sabe que é atrás dessa relação estreita com a comunidade que reside a audiência refletida em seus programas e, também, o anunciante. (BAZI, 2001, p.34).

Com isso, o MGTV passou a ser apresentado, também, a partir de Juiz de Fora, centralizando novamente a produção telejornalística na cidade e, assim, aproximando-se do público.

O estímulo à nova regionalização faz com que o espaço reservado ao telejornalismo local aumentasse de 15 minutos para aproximadamente 50 minutos diários. Os telejornais MGTV 1ª e 2ª edição passam a ser apresentados também no estúdio de Juiz de Fora, em interação com os apresentadores da TV Globo Minas. (MATA, 2011, p.72).

Desta forma, assim como no período em que a TV Industrial estava em atividade na cidade, o juiz-forano tinha à disposição um conteúdo voltado para suas questões de forma direta, ao contrário dos anos anteriores, quando o jornal apresentava temas ligados a Belo Horizonte, onde era produzido (SILVA, 2012, p.38).

Álvaro Moura, então diretor responsável pelas relações entre a Globo e suas afiliadas, afirmou, na época, que

as alterações são parte da estratégia da Globo, que pretende, cada vez mais, promover a regionalização de suas emissoras. Com isso pretendemos prestar melhor serviço às comunidades. Vamos fortalecer a infra-estrutura dos departamentos jornalístico e comercial das afiliadas para que fiquem mais locais. (OLIVEIRA, 1998 apud BAZI, 2001, p. 29)

No entanto, cinco anos após a regionalização, em 2003, a Rede Globo opta por vender suas afiliadas instaladas no interior a empresários ou grupos dispostos a administrá-las. Desta forma, a TV Panorama passa, então, ao controle do empresário Omar Rezende Peres, que também conquista a concessão de uma emissora de rádio e cria um jornal impresso em Juiz de Fora. Sobre essa venda, Coutinho esclarece que:

Em 2003, como estratégia comercial, a Rede Globo opta pela venda de emissoras localizadas fora dos grandes centros. Com isso, a TV Panorama é vendida para o empresário Omar Peres, secretário de indústria e Comércio de Minas Gerais no governo Itamar Franco. A emissora se torna então o ponto central das chamadas Organizações Panorama [OP.COM] que, atualmente¹, incluem a Rádio Panorama FM, o Jornal Panorama, o portal Ipanorama.com e a PanShow, empresa de eventos. (COUTINHO, 2005, p.05).

Nesta época, a TV Panorama investia bastante em programação local, além dos noticiários MGTV 1ª e 2ª Edição. Eram produzidos os programas "Panorama Esporte" e "Panorama Revista" além do "Notícias de Domingo", flashes jornalísticos com os destaques de Juiz de Fora e da Região, e do "Nossas Cidades", inserções diárias de cerca de 45 segundos durante a programação que trazia informações sobre as cidades da região. Firmando seu compromisso com o público e região, a TV Panorama também mantinha em sua grade o "Panorama Serviço", um canal direto com a comunidade que se estabelecia por meio de campanhas institucionais voltadas à prestação de serviços de utilidade pública (MACHADO, 2002, p.99-100).

Outra atração criada ainda em 2005 foi o "Panorama Entrevista", programa apresentado nas noites de domingo a partir das 23h15, logo após o Fantástico, na faixa da programação disponibilizada às afiliadas Globo pela jornalista Christina Musse, que recebia

no estúdio personalidades de destaque da região e convidados, que debatiam sobre diversos temas. Alegando falta de investimentos no esporte regional, em 2005 a emissora transforma o "Panorama Esporte" em um quadro dentro do MGTV, enquanto que o conteúdo do "Panorama Revista", ligado à cultura e comportamento, também foi incorporado ao telejornal, a partir de 2007.

No mesmo ano, a Rede Integração, de propriedade do empresário Tubal de Siqueira Silva, com sede em Uberlândia, no Triângulo Mineiro, adquire 50% das ações da TV Panorama e se torna a maior empresa de comunicação do interior mineiro (MATA, 2008, p.08), exibindo sua programação a 233 cidades de Minas 121 delas só a partir da TV Integração Juiz de Fora.

A Rede Integração, atualmente, está presente nas regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Pontal, Noroeste e Centro-Oeste mineiro, além do Campo das Vertentes e Zona da Mata, antiga área de cobertura da TV Panorama. Ao todo, são quatro emissoras geradoras — nas cidades de Araxá, Ituiutaba, Uberlândia e Juiz de Fora — produzindo nove programas, sendo cinco diários (bloco local do "Bom Dia Minas", "Integração Notícia" e o MGTV 1ª e 2ª Edição), além de três semanais ("Terra de Minas", "Bem Viver", "Carona" e "MG Rural"). Há outras duas unidades: Uma em Divinópolis (cujo conteúdo é gerado em Araxá) e outra em Uberaba (cujo conteúdo é produzido em Ituiutaba), ambas com conteúdo local (MOREIRA, 2007, p.34).

A emissora nasceu em Uberlândia em 1964 como TV Triângulo e se tornou uma filiada à Rede Globo a partir da década de 1970.

A retransmissão da Rede Globo, em Uberlândia, começa em 1972. O primeiro programa é o Jornal Nacional. No pacote da programação, estavam incluídos o humorístico *Planeta dos Homens* e o programa do *Chacrinha* [grifo da autora]. Eles seguiam a mesma rotina antiga, via malote. Meses depois, a emissora mineira passa a receber toda a programação carioca. (AMARAL, 2008, p.63).

Embora tenha entrado em Juiz de Fora já em 2007, quando assumiu 50% da TV Panorama na cidade, a emissora trocou de nome somente no dia 1º de abril de 2012, passando a se identificar para público, oficialmente, como TV Integração Juiz de Fora. A partir da presença da nova emissora na cidade, os programas produzidos localmente foram extintos, restando, da grade anterior, apenas a produção dos MGTVs. Com a mudança, passou a ser produzida no município a edição do MG Rural, exibida aos sábados a partir das 08h, e alguma inserção no programa Bem Viver (embora haja estrutura de cenário para o programa na sede da emissora, a produção do programa é feita a partir de Uberlândia).

No próximo capítulo, nos dedicaremos a analisar a produção telejornalística da TV Integração Juiz de Fora quanto ao seu enquadramento como uma emissora regional. Para tanto, serão utilizadas entrevistas com jornalistas da emissora e também a análise de conteúdo do principal telejornal exibido, o MGTV em suas duas edições diárias, a fim de se verificar como são escolhidos os assuntos discutidos, com a proposta de atender uma área de cobertura.

4 ANALISANDO O JORNALISMO DA INTEGRAÇÃO

Conforme apresentamos nos capítulos 2 e 3, a televisão representa para as pessoas muito mais que um item doméstico ou um simples aparelho eletrônico: ela se tornou, ao longo dos anos, um importante veículo de comunicação que está presente na grande maioria dos lares, levando informação e entretenimento, além de contribuir para a disseminação de ideias e valores. Tão relevante a ponto de se transformar em um campo de referência para a população, principalmente a partir do telejornalismo, que se constitui como uma das principais fontes de informação para os cidadãos, conforme propôs Alfredo Vizeu (2008) ao afirmar que o gênero se constituiu como um local no qual as pessoas buscam informações sobre os fatos que acontecem ao seu redor — chegando, inclusive, a se orientar a partir das informações que recebem pela televisão.

Neste capítulo, nos dedicamos à apresentação da análise da produção jornalística da TV Integração Juiz de Fora, emissora afiliada da Rede Globo. Buscamos identificar no conteúdo veiculado pela emissora os elementos que caracterizariam a produção regional, segundo Rogério Bazi (2001). Desde o início desta investigação sentimo-nos muito instigados por este propósito, uma vez que a TV Integração, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma afiliada do principal conglomerado de comunicação do Brasil, também integra um grupo com presença forte em Minas Gerais.

Em meio a estas tramas empresariais, que, certamente, exigem negociação, motivou-nos avaliar se a produção jornalística da emissora atende aos requisitos elencados por Bazi para a produção regional. Adiante, explicitaremos os resultados apurados. De início, apresentaremos a metodologia utilizada neste estudo.

4.1 METODOLOGIA

Neste trabalho, nos utilizamos de alguns métodos de pesquisa distintos com a finalidade de apresentar da melhor forma nossa proposta de analisar o conteúdo jornalístico da TV Integração sob o contexto de uma emissora regional e, ainda, verificar como são produzidas as duas edições do principal telejornal exibido — o MGTV. Além de ser a principal emissora de televisão de Juiz de Fora, a empresa se tornou importante para nós, como objeto de estudo, em função de estar localizada na Zona da Mata Mineira mas cuja sede se encontra no Triângulo, uma região com características sociais, econômicas, políticas e culturais totalmente diferentes.

Inicialmente, para que a história da televisão brasileira pudesse ser resgatada, assim como o desenvolvimento da TV em Juiz de Fora, nos utilizamos da revisão bibliográfica, por meio da qual pudemos narrar a trajetória desse veículo de comunicação tão importante no país a partir do que já fora levantado por outros pesquisadores.

Como segunda etapa desta investigação, pretendíamos acompanhar, presencialmente, durante uma semana, a produção das duas edições do MGTV, num trabalho de cunho etnográfico (observando as rotinas, entrevistando produtores e repórteres, anotando em caderno de campo os elementos apurados), a fim de obter os elementos necessários para a redação deste capítulo. No entanto, devido a normas internas da empresa, não obtivemos autorização para o acompanhamento da rotina de produção dos telejornais. Foi-nos permitido, tão somente, fazer uma visita guiada às instalações da emissora e entrevistar alguns profissionais jornalistas.

Assim, baseamo-nos em Jorge Duarte (2005) e realizamos a entrevista em profundidade, “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos

definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2005, p.62). O pesquisador também apresenta essa modalidade de entrevista como um meio de compreensão dos meios de comunicação a partir dos profissionais responsáveis por sua produção. “A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (DUARTE, 2005, p. 64).

Tomando como pressuposto os modelos de entrevista apresentados pelo autor (aberta, semi-aberta e fechada), escolhemos para esta etapa a prática semi-aberta, na qual há a elaboração de um breve roteiro com quatro a sete perguntas sobre o tema abordado.

A partir do momento em que uma pergunta é esgotada, segue-se para a próxima, que assim como a anterior, será explorada ao máximo, de acordo com o entrevistado. Seguindo as orientações de Duarte, entrevistamos três profissionais envolvidos na produção das duas edições do MGTV da TV Integração: Virgílio Gruppi⁷, um dos responsáveis pelo núcleo de rede, e as repórteres Patrícia Aguiar e Camila Saenz — Patrícia foi escolhida por ser a repórter mais experiente da emissora, enquanto que Camila foi selecionada por também ser produtora da emissora.

Durante uma semana, de 24 a 29 de junho de 2013, também gravamos a primeira e a segunda edição do telejornal da afiliada da Zona da Mata para análise de conteúdo. Essa gravação tem a finalidade de verificar quantitativamente a porção de material produzido pela emissora e a parcela exibida cuja produção é externa, vinda de outras praças pertencentes à Rede Integração ou à TV Globo Minas. Conforme Heloiza Golbspan Herscovitz (2010), a

⁷ Na data em que a entrevista foi realizada, 24 de junho de 2013, Virgílio Gruppi ocupava o cargo de chefe de redação da TV Integração. Dias depois, houve mudanças no quadro de funcionários da empresa, inclusive com a saída do então gerente de jornalismo. Com a reformulação, Gruppi passou a integrar o Núcleo de Produção de Rede e o cargo de chefe de redação foi extinto.

análise de conteúdo é uma das melhores técnicas para se avaliar a produção registrada por uma população, principalmente no ramo jornalístico.

Pode ser usada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. (HERSCOVITZ, 2010, p.123).

A autora ainda ressalta que, embora não haja um método perfeito de pesquisa, a análise de conteúdo se faz relevante por permitir a classificação qualitativa e quantitativa de amostras, preferencialmente sons, imagens, textos ou símbolos veiculados — sejam eles na mídia impressa ou eletrônica/digital, como faremos.

4.2 A ESTRUTURA DA TV INTEGRAÇÃO JUIZ DE FORA

Atualmente, a TV Integração Juiz de Fora leva ao ar, de segunda a sexta, pouco mais de 60 minutos de conteúdo telejornalístico, com a exibição do bloco local do “Bom Dia Minas” e dos noticiários “MGTV 1ª Edição” e “MGTV 2ª Edição”. A emissora produz, ainda, durante os fins de semana, o programa “MG Rural”, apresentado a partir do estúdio de Juiz de Fora, além de reportagens para o “Bem Viver” — programa de variedades cujo tema central gira em torno de saúde e qualidade de vida — e “Carona”, focado na música, ambos gerados a partir da sede da empresa, em Uberlândia.

Conforme propusemos, analisamos neste trabalho o que é veiculado nas duas edições do MGTV, visto que ele é o principal produto da casa e dada a proposta, na sua

criação, de proporcionar a regionalização do jornalismo da Rede Globo, ainda na década de 1980, conforme apresentamos no capítulo 3.

Nosso trabalho de análise teve início em 24 de junho com a entrevista concedida por Virgílio Gruppi e com a visita deste pesquisador à emissora, guiada pela assistente de produção Fátima Diniz, que trabalha na TV desde 1997 (período em que ainda funcionava a TV Globo Juiz de Fora) e atual responsável pelo CEDOC (Centro de Documentação) da emissora. Nessa visita, tivemos acesso ao estúdio, que foi todo preparado para a nova tecnologia de transmissão digital⁸, além da central técnica e redação, na qual estava sendo preparada a segunda edição do MGTV.

Chegamos por volta das 15h30 na TV Integração. Nesse momento, todas as equipes de reportagem estavam nas ruas preparando o material que seria exibido naquela noite. O principal fato do dia era um protesto que ocorria em frente à Câmara Municipal de Juiz de Fora, em que manifestantes pretendiam entregar um documento com suas reivindicações ao prefeito Bruno Siqueira — matéria que estava sendo produzida pelo repórter Felipe Menicucci. Outro fato que iria ao ar naquela segunda-feira era a fuga de presos da cadeia de Barroso, cujos detalhes ainda precisavam ser confirmados pelo repórter responsável, Fabrício Werneck.

Embora faltasse pouco mais de três horas para o telejornal ir ao ar, todo o estúdio já havia sido preparado para a edição da noite. As câmeras já estavam posicionadas e o cenário já havia sido modificado — para aproximar o estúdio, geralmente um lugar cuja aparência é mais "fria", compõem o cenário fotografias de Juiz de Fora e região de cobertura, que são trocadas conforme a edição do MGTV. Na edição do meio-dia são exibidas fotos

⁸ A transmissão do sinal digital da TV Integração Juiz de Fora teve início, oficialmente, no dia 27 de maio de 2013.

diurnas, enquanto que na 2ª edição fotografias noturnas de pontos da cidade fazem parte do ambiente do telejornal.



Foto panorâmica do cenário do MGTV 2ª edição

Depois de percorrermos o estúdio, que também abriga os cenários dos programas "MG Rural" e "Bem Viver", subimos ao primeiro andar do prédio e chegamos à nova central técnica, que agora abriga sofisticados equipamentos que recebem o sinal via satélite da TV Globo e retransmite às mais de 120 cidades cobertas pelo sinal da TV Integração Juiz de Fora. O espaço necessita de monitoramento em tempo integral, uma vez que, caso haja alguma falha no sinal recebido, devem ser feitas operações rápidas para que não haja nenhum comprometimento na transmissão.



Central técnica da TV Integração Juiz de Fora

No terceiro andar da emissora, fica a redação. Cerca de dez pessoas, entre elas o editor-chefe do MGTV 2ª Edição Alberto Mendes, a editora adjunta e também apresentadora Marina Campos, além de produtores e estagiários, preparavam a edição do dia 24 de junho. Naquele momento, as informações sobre a fuga da cadeia de Barroso e o protesto no Centro de Juiz de Fora — as notícias mais importantes do dia, segundo o editor-chefe — eram atualizadas.

Com as equipes nas ruas, a comunicação entre redação e reportagem se tornava essencial, de modo a nortear o trabalho dos editores, como ordenar o "espelho"⁹ do telejornal e cuidar do direcionamento dado às reportagens.

A partir das 17h, as equipes retornam à emissora e começa o trabalho de edição das matérias produzidas ao longo da tarde. Esse é um momento crucial para os editores e repórteres, que começam a finalizar os textos que irão acompanhar as imagens selecionadas nas ilhas de edição. Nesse horário também é gravada a escalada do MGTV. A editora Marina Campos desce ao estúdio e prepara o que é a "capa" do telejornal, com as principais manchetes do que é destaque daquela edição.



Momento da gravação da escalada do MGTV 2ª Edição

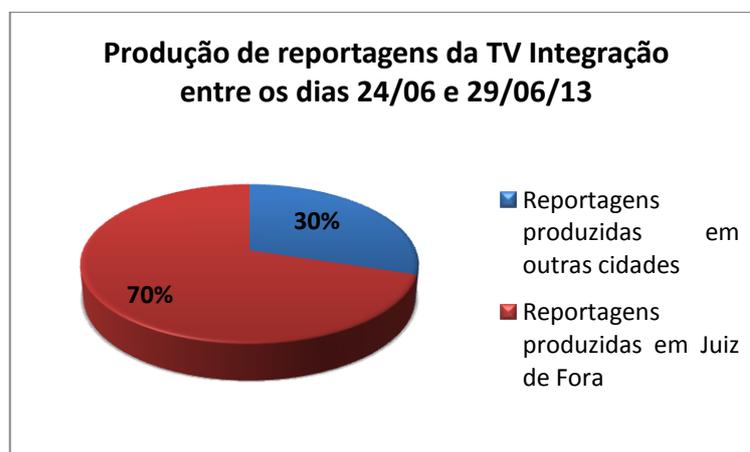
⁹ No telejornalismo, "espelho" é o nome dado ao roteiro a ser seguido durante o jornal. Nele estão contidas todas as informações textuais que farão parte daquela edição, como as reportagens em sua ordem de exibição, com seus respectivos temas, as notas lidas pelo apresentador e eventuais entradas ao vivo.

O MGTV 2ª Edição vai ao ar a partir das 19h10 e tem cerca de 12 minutos de produção, ou seja: descontando o tempo de intervalos comerciais, esse é o tempo de material jornalístico produzido a cada edição. A sala de controle, de onde é transmitido o jornal, abriga cerca de 10 pessoas envolvidas — como o próprio nome sugere — no controle de todas as operações necessárias à exibição, como o corte de câmeras, entrada das reportagens e o *teleprompter*, a partir do qual a apresentadora lê as notícias.

4.2.1 A ampliação do regional na TV

Paralelamente à nossa visita, também foram acompanhadas as edições do jornal exibidas naquela semana, entre os dias 24 e 29 de junho. Ao todo, foram analisadas 12 edições do telejornal, nas quais foram exibidas 57 reportagens, com uma média de seis exibidas no MGTV 1ª edição e quatro veiculadas à noite. Nesta análise, não se busca fazer um aprofundamento do conteúdo exibido, mas categorizar as matérias jornalísticas quanto à sua origem: produzidas regionalmente pela TV Integração Juiz de Fora ou recebidas de outras praças da Rede, assim como as produzidas pela TV Globo Minas em Belo Horizonte.

Gráfico 1- Produção de reportagens da TV Integração entre os dias 24/06 e 29/06/13



Com isso, verificamos que, de 57 reportagens¹⁰ exibidas, 17 — o que corresponde a 30% do material selecionado — não foram produzidas em Juiz de Fora. Como o MGTV possui quadros fixos, não são raros os momentos em que, dentro destes, sejam exibidos materiais vindos de fora da região, como a reportagem produzida pela TV Globo Minas sobre as manifestações realizadas em Belo Horizonte contra o aumento das tarifas do transporte público, no dia 24.

Além dessa, outras duas reportagens com a mesma temática foram exibidas durante a semana, que ainda contou com uma matéria gravada em Araxá sobre a construção de um triciclo gigante, com nove metros de extensão — um fato curioso, caracterizando um *fait divers*¹¹.

Gráfico 2- Origem das reportagens produzidas em outras cidades



A partir da mudança ocorrida em 2012, na qual a TV Integração passou a ter controle total da TV Panorama, houve maior exibição de reportagens cuja produção se dá em outras cidades, sejam elas pertencentes à Rede Integração, sejam elas produzidas em Belo

¹⁰ Não foram consideradas como “reportagem” as notas cobertas e os links ao vivo realizados durante os telejornais.

¹¹ Expressão do jargão jornalístico que denomina um assunto que não se enquadra nas categorias tradicionais dos veículos de comunicação (cidade, política, economia, esporte, saúde), cuja temática gira em torno do inesperado, do pitoresco.

Horizonte pela TV Globo Minas, com a qual a emissora juiz-forana também mantém relações de troca de matérias.

Sobre essa descentralização, na qual Juiz de Fora passa a dar espaço, também, a temas de outros municípios, o jornalista Virgílio Gruppi afirma que não há interferência do Grupo Integração, cuja sede se localiza em Uberlândia, no tipo de conteúdo que será exibido localmente.

Não tem nada estipulado. O que nós procuramos? Nós procuramos, como o próprio nome já diz, MGTV. Minas. Então, dentro dos nossos telejornais, nós procuramos, ao máximo, dar [assuntos] factuais de fora da nossa região que interessem a nossa região, entendeu? Então o critério é esse, mas não é nenhuma "cota", não há nenhum... Algo estipulado. E há dias que a gente não dá nem nada [de fora da cidade], que é um dia que não tem mesmo [assunto] factual. (GRUPPI, 2013).

Durante nossa semana de análise, dentre as 17 reportagens cuja produção foi feita fora, sete delas foram compartilhadas de outras regiões diferentes das que possuem a cobertura da TV Integração Juiz de Fora. Quatro delas, o que representa um total de 57%, foram produzidas pela TV Globo Minas. Todas elas tinham a política como tema, sendo três referentes às manifestações contra o aumento da passagem do transporte público ocorridas na capital mineira e uma sobre líderes recebidos pelo governador Antônio Anastasia em Belo Horizonte.

Gráfico 3- Editorias das reportagens vindas "de fora"



A proposta da emissora de mostrar, em seus telejornais, o que aconteceu de mais importante em todo o estado, também está presente no discurso da repórter Patrícia Aguiar. Segundo ela, a partir da chegada da TV Integração, houve a preocupação de trazer para os telejornais informações sobre outras regiões de Minas.

O objetivo é, realmente, "fazer" Minas Gerais. Mas é muito distante. São realidades muito distantes. São cidades com as quais a gente não tem muito referência, né? A gente tem muito mais, uma referência, se tiver com Rio de Janeiro do que com Uberlândia! Mas o objetivo é informar. Então, a gente não pega tudo o que entra em Uberlândia e põe aqui. Não! É outra cidade, outra vida; as pessoas não conhecem e tal... A menos que seja, obviamente, uma notícia relevante que, se você assistir no "Jornal Nacional" vai te informar, vai te acrescentar. (AGUIAR, 2013).

Como chefe de redação, Virgílio acreditava que o grande desafio da emissora é gerenciar o que vai ao ar em seus telejornais. Juiz de Fora possui uma das quatro emissoras geradoras da Rede Integração, abrangendo uma área de 121 municípios, que, somados aos outros que também recebem o sinal da TV, totalizam 233 cidades com o sinal da Integração — o maior grupo de comunicação do interior de Minas Gerais.

Esse grupo, hoje, está presente em Uberlândia, Uberaba e Divinópolis. Com Juiz de Fora, portanto, são quatro geradoras presente em 233 municípios das regiões Zona da Mata, Campo das Vertentes, Centro-Oeste de Minas, Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. Então, você deixa de ser um grupo isolado e volta a fazer parte de um grupo maior. E uma coisa interessante nesse processo, que culminou no último dia 27 de maio [de 2013] é que a emissora passa a ser seu sinal 100% digital em Juiz de Fora e seu jornalismo é 100% HD [abreviação de *high definition*; ou seja, as imagens são em alta definição], em alta definição. (GRUPPI, 2013).

Ele ainda ressaltou a importância que a informação tem para o público local, principalmente em função da proximidade proporcionada pela televisão.

As pessoas tendem a se interessarem mais pela informação local. Então, eu acho que os "Praças" [telejornais locais, como o MGTV] são representantes importantes nesse contexto à medida que a audiência deles é enorme!

A nossa responsabilidade é enorme! O MGTV 2 tem 80% de *share*, ou seja: de cada dez televisores, oito estão ligados na TV Integração. E isso é muito importante. Muito importante a identidade do local, a identidade da cultura local e o nosso papel de informar com aqueles três pilares: correção, isenção e agilidade. E eu aposto

todas as minhas fichas que o espaço para a informação local tende a crescer muito. (GRUPPI, 2013).

O principal meio de intercâmbio de reportagens produzidas fora de Juiz de Fora são os quadros que foram inseridos no MGTV 1ª Edição, que trazem temas acerca de cuidados com a alimentação, com a educação dos filhos e tecnologia. Como são reportagens que não dependem de um assunto factual, ou seja, cuja existência é pontual, é estabelecida uma grade de produção, compartilhada com todas as emissoras da rede. Entretanto, como destaca Camila Saenz, produtora e repórter, há a priorização de fatos que ocorram em Juiz de Fora — embora não possam ser exibidos conteúdos vindos "de fora".

O intercâmbio, agora, de matérias, de linhas editoriais acabou aumentando. Você pode ver que a gente tem vários quadros, que são matérias feitas lá [em Uberlândia]; a gente manda matéria daqui pra lá. Então [a ideia] é mostrar, mesmo, Minas como um todo. É regional? É! A gente dá preferência pro factual daqui [de Juiz de Fora]? Com certeza!

Mas não existe o impedimento de uma matéria fria... Às vezes uma matéria em que a gente fosse mostrar de BH [Belo Horizonte], a gente vai mostrar Divinópolis. Da mesma forma que Divinópolis mostra [matérias] de Juiz de Fora. Existe muito isso, assim, de você tentar integrar, com o perdão da palavra, as praças e mostrar um pouco do perfil de cada um. (SAENZ, 2013).

Como também é produtora do MGTV — a divisão de equipes não é feita para atender a cada turno, os repórteres produzem reportagens para as duas edições —, Camila lida diariamente com a elaboração de pautas, que, a partir do novo cenário, precisam atender não só à Zona da Mata, mas também a outras cidades. Segundo ela, assim como relataram os outros jornalistas consultados, toda a região de cobertura da TV Integração quer "se ver" representada nos jornais.

Para dar destaque também a municípios como Ubá, Muriaé e Cataguases, as equipes de produção e reportagem se desdobram para produzir materiais que supram a necessidade de informação, sem deixar de lado a proximidade entre sociedade e emissora.

Como parte do projeto de integrar o estado de Minas Gerais e dar espaço a novas

"vozes" ao telejornalismo, em setembro de 2012 foi inaugurado em São João del-Rei um escritório, a partir do qual o repórter Fabrício Werneck e o repórter cinematográfico Thiago Morandi ficam responsáveis pelos acontecimentos da cidade histórica e região.

A gente tem seis equipes [de reportagem] por dia, sem contar com o Fabrício [Werneck], em São João del-Rei, e aí existe uma divisão de equipe que viaja, equipe que fica em Juiz de Fora, quem trabalha de manhã e quem trabalha à tarde. Normalmente, são três equipes de manhã, duas à tarde e uma de viagem. Somos duas [produtoras] na parte da manhã, com dois estagiários na produção... E são três à tarde, sem contar com a Vanessa [Rodrigues], que é produtora de rede e do [MG] Rural — então ela fica mais por conta dessas demandas. [...] São três produtoras à tarde com três estagiários. É uma equipe grande, mas a demanda também é muito grande. Se você for pensar que a gente tem MG1 [1ª Edição] de 45, 47 minutos por dia, é muita coisa para preencher! E muita coisa acontecendo. Não só aqui, como também na região, né? São 121 municípios. Então a gente tem que ver quem que vai rodar, e tudo... Porque Muriaé quer se ver, Ubá quer se ver... Tem que saber o que está acontecendo. (SAENZ, 2013).

De uma forma geral, durante nossas entrevistas, verificamos que, apesar de perceberem uma desaprovação por parte da população quanto à inserção de notícias de outras cidades durante o MGTV, as repórteres consultadas acreditam que a diversidade de matérias durante os telejornais não devem prejudicar a cobertura de fatos que acontecem em Juiz de fora, como destaca Patrícia Aguiar.

Juiz de Fora tem um problema que é o fato de que a gente não é igual a um Rio de Janeiro, uma [cidade de] São Paulo, Belo Horizonte, uma cidade maior, [em] que acontece notícia o tempo inteiro. Aqui não acontece! Claro, tem uma apreensão de Polícia... Mas nada representativo o tempo todo que justifique. [...] Depois que a TV Integração entrou, ela entrou com essa política de regionalizar, tirar um pouco de Juiz de Fora... Óbvio, mostrar Juiz de Fora, mas mostrar também Muriaé, mostrar Ubá, mostrar Viçosa... Porque a nossa área abrange isso tudo! A pessoa que está em Viçosa não tinha tanta informação; então, com isso, Juiz de Fora não diminui a participação, o jornal até aumentou, mas as pessoas sentiram um pouco essa falta. Mas, ao mesmo tempo, a gente tá levando isso, né? A informação pra Viçosa... Se tem notícia em Viçosa, a gente vai pra Viçosa. Se tem notícia em Muriaé, a gente tá em Muriaé. (AGUIAR, 2013).

Patrícia ainda salienta, assim como Camila, a existência de um VT compartilhado entre todas as emissoras da Rede Integração, no qual são os aspectos de um tema são

mostrados em diversos municípios, dando um panorama geral da situação no estado. Também de forma fixa, há espaço para conteúdo de fora nas duas edições do MGTV. No 1ª Edição existe um tempo reservado para as "notícias que são destaque em todo o estado", enquanto que, à noite, há o "Giro Minas", que traz pequenas notas do que foi destaque durante o dia.

Tem o "Mais Notícias", [em] que a gente dá um resumo como uma "lapada" [passada rápida por diversos assuntos], um resumo do que aconteceu no estado e, muitas vezes, entra [esse material]. [...] Mas com matérias, também; rapidamente, assim... Vinte segundos... Só uma informação, alguma coisa relevante do que aconteceu, um, um... Enfim... Uma casa [em] que caiu um muro em cima de alguém... Matou alguém. Uma coisa de destaque, muitas vezes negativo, mas de destaque que encerra o MG1. E no 2 [MGTV 2ª Edição] tem a "lapada" também, que a gente chama de "Giro Minas", com os destaques do estado. E não é só Uberlândia e Triângulo. Tem coisa de Belo Horizonte que vem, do Sul de Minas. (AGUIAR, 2013).

A partir do momento em que a TV Panorama deixa de existir e dá lugar à TV Integração, várias mudanças ocorrem no modo como a emissora passa a produzir seu principal telejornal. Quadros surgem, alguns profissionais — por coincidência — deixam a emissora e outras cidades, que antes tinham participação eventual durante os noticiários, passam a fazer parte constante da vida dos juiz-foranos.

Embora a transição interna da chefia na TV Integração tenha sido gradual, desde o momento em que o grupo de Uberlândia assume 50% da empresa, para o grande público a novidade se deu a partir de 1º de abril de 2012, quando, oficialmente, a TV Integração Juiz de Fora inicia suas atividades. Pelas considerações apresentadas, os jornalistas da TV Integração creem que não há prejuízo com a inserção de reportagens de outras cidades na programação da emissora.

Contudo, por se tratar de um episódio recente, os desdobramentos da transição de TV Panorama para Integração dão possibilidade a novas discussões, uma vez que, embora cumpra seu papel — enquanto emissora regional — de levar informação à área em que está

inserida, há a entrada de conteúdo vindo de outras regiões no telejornalismo local, o que pode causar estranhamento em parte da população, que não se vê mais, exclusivamente, na TV.

No entanto, podemos afirmar que, ao colocar em seus telejornais reportagens produzidas em regiões mais afastadas do estado de Minas Gerais, a TV Integração Juiz de Fora acaba por descaracterizar o que seria a principal característica do telejornalismo regional: a proximidade. Isso porque, ao pensarmos que a regionalização tem como propósito aproximar as pessoas dos fatos que a cercam, buscando uma maior interação entre mídia e comunidade, o que se vê é a presença de outra realidade sendo exibida no município.

De acordo com o foi dito pelos entrevistados, a proposta, a partir de 2012, quando — oficialmente — o Grupo Integração passa a ter uma emissora em Juiz de Fora, é a de integrar, através do telejornalismo, as regiões Sudeste e Leste do estado, na qual está localizada a sede do grupo. A partir da utilização em Juiz de Fora de reportagens produzidas pela sede da emissora e por matérias feitas em Belo Horizonte, o que se tem é a tentativa de interligar Zona da Mata, Triângulo e região metropolitana.

Além disso, a TV Panorama, que dedicava boa parte de sua programação à produção de programas que privilegiassem temas locais, passou a diminuir a oferta do conteúdo a partir do momento em que houve a entrada do grupo de Tubal Siqueira na empresa.

Conforme observamos durante nossas entrevistas, pudemos perceber através das falas das repórteres que a mudança da "marca" da emissora ainda causa estranheza em parte da população, fazendo com que, muitas vezes — segundo as jornalistas — haja o questionamento quanto à relevância do destaque dado a algumas reportagens durante o MGTV.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre o conteúdo da TV Integração enquanto uma emissora regional atenta para um resgate não só da história da televisão no Brasil, mas também para o fato de que o pioneirismo tão lembrado quando se trata do desenvolvimento industrial de Juiz de Fora também ter se refletido em sua história televisiva.

A revisão bibliográfica nos deu suporte para fazer o caminho inverso, buscando as origens da TV no país e como ela chegou até a Zona da Mata Mineira; desde suas incursões a partir da TV Mariano Procópio, até às modernas instalações da TV Integração. Uma emissora que se propõe a levar informação a mais de 120 municípios do interior do estado, que possuem, muitas vezes, nas duas edições do MGTV — seu principal telejornal —, a única fonte de informação disponível.

Essa busca pela informação reforça o conceito de que o gênero telejornalístico sofreu uma ampliação em seu significado a partir do momento em que, com a proximidade entre televisão e sociedade — fenômeno impulsionado pela dramaturgia na telinha —, houve também a aproximação entre jornalismo e sociedade. Esse contato fez com que a televisão aproximasse o jornalismo das pessoas, que buscam nas notícias da TV informação e, conseqüentemente, formação.

Um exemplo recente dessa característica informativa e condutora da televisão foram os recentes episódios de protestos ocorridos em todo o país, em que milhares de pessoas saíram às ruas para protestarem — inicialmente — contra o aumento dos valores das passagens do transporte público. Durante as semanas de manifestações, houve uma intensa cobertura por parte dos canais de televisão, que dedicaram grande parte de seus telejornais a

tratarem do tema — muitos, inclusive, com coberturas feitas ao vivo diretamente dos locais dos protestos.

E, quando pensamos no telejornalismo inserido em uma cidade do interior, como Juiz de Fora, a característica cidadã do telejornalismo toma maior relevância, uma vez que, para uma emissora regional, é muito importante a relação com a sociedade, que espera "se ver" representada nos telejornais de sua região.

A escolha da TV Integração Juiz de Fora como foco de nossa pesquisa foi feita em função da história da televisão no município, uma vez que diversas emissoras instaladas aqui buscaram exercer um telejornalismo mais regional, mostrando "a cara" da cidade. Também fizemos essa escolha a partir do recente episódio em que a TV Panorama — criada em 1998 como parte do projeto de regionalização da Rede Globo de Televisão para suas emissoras do interior do país — deixa de existir e dá lugar, oficialmente, à TV Integração, grupo com sede no Triângulo Mineiro que desde 2007 possuía ações da empresa juiz-forana.

Com a troca no controle da empresa, que passa a ser "100%" Integração, a partir de abril de 2012 também há mudanças na linha editorial do MGTV, o principal telejornal da emissora, que passa a dar maior espaço a fatos não só da área de cobertura da TV em Juiz de Fora, como também inseriu na grade de programação atrações produzidas por sua sede, instalada em Uberlândia.

Portanto, buscamos analisar como é feita a produção das duas edições do MGTV enquanto telejornal local/regional, cuja proposta é mostrar os fatos mais importantes do dia, segundo seus editores-chefe, porém sem deixar de lados acontecimentos ocorridos em outras localidades de Minas Gerais.

Esta é a proposta que chegou com a TV Integração: mostrar a Zona da Mata e Juiz de Fora, mas também levar à população as notícias que acontecem no Triângulo, no Centro-Oeste e na região metropolitana de Belo Horizonte. Com isso, passaram a ser exibidos no

MGTV quadros temáticos com reportagens produzidas em outras cidades, VTs compartilhados com outras praças da rede e houve também a criação de um escritório em São João del-Rei, de onde são produzidas matérias sobre a região das cidade histórica.

Apesar de ser uma mudança recente, a chegada da Integração a Juiz de Fora gerou mudanças significativas no telejornalismo local, sentidas, inclusive por alguns jornalistas da emissora, em cujo relato afirmaram que pessoas próximas estranharam a exibição de novas "vozes" no jornal local. Em função de se tratar de algo novo, ainda não podemos afirmar que esta tenha sido uma manobra que tenha causado algum prejuízo para a identidade local.

Embora possuam mais conteúdo vindo "de fora", as duas edições do MGTV ainda priorizam os fatos que acontecem em Juiz de Fora aos que ocorrem em outras regiões. Contudo, podemos afirmar que o conceito de TV regional como proposto por Rogério Bazi (2001) sofreu ampliação na cidade. Considerando o fato de que, uma emissora regional nasce com a proposta de produzir conteúdo sobre a comunidade e para a comunidade, o que é observado a partir da Integração em Juiz de Fora vai um pouco mais além.

O que tem sido verificado é a intenção de se buscar uma unidade no jornalismo, com a integração entre as praças da emissora, como verificado em nossa semana de análise, na qual houve a inserção de reportagens produzidas pela sede da emissora que são levadas ao ar em todas as edições do MGTV exibidas pela TV Integração.

O que podemos observar, também, é que a ocorrência de Belo Horizonte nos telejornais se dá através de matérias com temas ligados à política, principalmente em função de a cidade ser a capital de Minas Gerais, o que faz com que sua aparição não seja tão frequente como a de cidades como Araxá, Divinópolis, Ituiutaba, Uberaba ou Uberlândia.

Com isso, apontamos para o cuidado que deve ser tomado com a seleção das notícias levadas à telinha. A televisão se tornou muito mais que um meio de comunicação; ela faz parte da vida das pessoas e estas buscam se formar a partir dela, que deve se orientar de

acordo com a região em que está inserida e se preocupar com seu caráter transformador e formador, tão importante para milhões de pessoas que ligam a TV em busca de conhecimento.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Patrícia. *Patrícia Aguiar*. Juiz de Fora. 2013. Arquivo digital (19 min.): estéreo.

ALVES, Vida. *TV Tupi: uma linda história de amor*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

AMARAL, Patricia Aparecida. *Telejornalismo no Cerrado: do Triângulo à Integração, uma busca da audiência* (Rede Integração — MG). Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Comunicação e Cultura) — Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2008.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. *TV regional: trajetória e perspectivas*. Campinas, SP: Alínea, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

CABRAL, Luciano Neiva. *TV Industrial: um resgate histórico*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) — Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1985.

CAMPARELLI, Sérgio. *Televisão e Capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV*. Tese de doutorado em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2003.

_____; FERNANDES, Livia; MATA, Jhonatan. *Dramaturgia do Telejornalismo e Identidade Local: os personagens como referências do Jornal da Alterosa e MGTV 1ª Edição*. In: COUTINHO, Iluska; LEAL, Paulo Roberto Figueira. (Orgs.). *Identidades Midiáticas*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. p. 93-108.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2005. p.62-83.

EPTV. *Livro Comemorativo 20 anos*. Campinas, 1999.

FECHINE, Yvana; SQUIRRA, Sebastião. (Orgs.) *Televisão digital: desafios para a comunicação*. Livro da Compós — 2009. Porto Alegre: Sulina, 2009.

JORGE, Thaís de Mendonça. *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo: Contexto, 2008.

GRUPPI, Virgílio. *Virgílio Gruppi*. Juiz de Fora. 2013. Arquivo digital (59 min.): estéreo.

HERCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. (Orgs.) *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LIMA, Fernando Barbosa. *Nossas câmeras são seus olhos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

LINS, Flávio. *Identidade regional nas vinhetas dos telejornais: uma análise da representação visual na TV Panorama*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Globalização, Mídia e Cidadania) — Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

MACHADO, Cláudio Barros. *Projeto para as instalações físicas da TV Panorama, afiliada Rede Globo: pesquisa teórica*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002.

MAIA, Aline Silva Correa. *Telejornalismo e Identidade: estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens da periferia de Juiz de Fora — MG*. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Comunicação Social) — Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

MATA, Jhonatan. Não me sonhem nem me outrem. A re-construção da história da TV local contada pelos próprios jornalistas em Juiz de Fora. In: VI Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2008, Niterói, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Niterói, UFF, 2008. Disponível em < [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Nao me sonhem nem me outrem.pdf](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Nao%20me%20sonhem%20nem%20me%20outrem.pdf)>. Acesso em 02 de julho de 2013.

MATA, Jhonatan Alves Pereira. *Um telejornal para chamar de seu: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local*. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Comunicação Social) — Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

MOREIRA, Gustavo de Oliveira. *O meio ambiente no mundo da notícia: uma análise do jornalismo na TV Integração*. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Geografia) — Programa de Pós-Graduação Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

MUSSE, Christina Ferraz; RODRIGUES, Cristiano José. *Memórias possíveis: personagens da televisão em Juiz de Fora*. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2012.

MATTOS, Sérgio. A evolução histórica da televisão brasileira. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). *60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 23-55.

MOYA, Álvaro. *Glória in Excelsior: ascensão, apogeu e queda do maior sucesso da televisão brasileira*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

NEVES, Flora. *Telejornalismo e poder nas eleições presidenciais*. São Paulo: Summus, 2008.

OLIVEIRA, Lívia Fernandes de. *TV Mariano Procópio e identidade juizforana: a construção do mito do pioneirismo nas páginas do Diário Mercantil e do Diário da Tarde*. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Comunicação Social) — Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. 2.ed., rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PRIOLLI, Gabriel. Antenas de brasilidade. In: BUCCI, Eugênio. (Org.). *A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 13-24.

REZENDE, Guilherme Jorge de. 60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). *60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 57-81.

RODRIGUES, Flávio Lins. *TV Mariano Procópio: cariocas do brejo entrando no ar*. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Comunicação Social) — Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SAENZ, Camila. *Camila Saenz*. Juiz de Fora. 2013. Arquivo digital (24 min.): estéreo.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Rafael Simão e. *A relação entre o MGTV 1ª Edição e o governo de Minas Gerais*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) — Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

VEJA (1969). O País Numa Rede. *Veja*. Setembro de 1969, (52): 68.

VIZEU, Alfredo. (Org.). *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____; SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. O telejornalismo: o lugar de referência e a evolução das fontes. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). *60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 83-99.

ANEXO 01

Entrevista realizada com o jornalista Virgílio Gruppi, concedida no dia 24 de junho de 2013.

Como é gerenciar o processo de produção telejornalística em Juiz de Fora?

É o seguinte... Hoje, o nosso sinal aqui está presente em 121 municípios na Zona da Mata e Campo das Vertentes. São três telejornais que nós temos: o Bom Dia Minas, que vai ao ar às 07h20 com seis minutos; é um bloco local. Ele começa em BH e depois passa pra cá. Você tem o MGTV 1ª Edição que vai ao meio dia, que tem 45 minutos de produção local, e tem o MG2 [MGTV 2ª Edição] que vai ao ar às sete da noite com 15 minutos de produção. Então, o nosso desafio... O nosso grande desafio é monitorar esses 121 municípios e levar ao telespectador o que de mais importante acontece no presente nessas cidades, nessas regiões.

Por isso que é importante uma redação estruturada — e isso aqui nós temos — pra monitorar essa região, né? Atrás de bons assuntos, de boas histórias. Então essa colônia que você está vendo aqui [ele aponta para uma estação de trabalho na redação, onde cerca de cinco pessoas trabalhavam] é a colônia da produção. Nós trabalhamos em duas frentes; uma factual. Factual é: protesto agora às duas da tarde na Câmara Municipal. Factual. Agora.

São dois pilares básicos: factual e atualidades. Atualidades é [sic] o que pode ser exibido amanhã. Uma realidade aqui [ele pega a Capa de Pauta]: "Rua da Música em São João del-Rei", por exemplo, começou hoje, mas pode entrar essa semana que vale. [ele simula o texto que apresentará a reportagem] "São João del-Rei recebe a 'Rua da Música'". Uma atualidade. Então, a equipe de São João del-Rei estava fazendo a "Rua da Música" agora e aconteceu um factual em Barroso, tá? Foi descoberto um túnel dos presos na Cadeia Municipal de Barroso. Que aconteceu?

Ainda faltava o repórter completar a matéria da "Rua da Música" e estava no pilar... Lembra? Pilar "atualidades", pilar "factual". Pilar factual sempre fala mais alto que esse aqui. Ele tem poder... Ele é os Estados Unidos, ele tem o "Poder de Veto". Esse pilar [o do "factual"] falou mais alto, e o que aconteceu? "Fabrício [Werneck, repórter do escritório de São João del-Rei], Thiago [Morandi, repórter cinematográfico], a equipe, deixa a "Rua da Música"! Amanhã a gente completa! Amanhã a gente resolve isso! Vamos para Barroso!"

Factual. Quê que vai ao ar, então? Factual. Então, o pilar do factual sempre vai estar falando mais alto. E aí você tem sempre que trabalhar com duas fontes, com duas frentes: a produção está ali agora, trabalhando... No factual, que é hoje! Por exemplo: o protesto a gente ficou sabendo hoje de manhã. "Uai, tem o protesto!" Então uma atualidade foi pro brejo! Vai fazer o protesto! E, ao mesmo tempo, estar olhando, estar acertando as atualidades de amanhã. Por exemplo: o Fabrício vai completar esse material [da "Rua da Música"] de atualidade.

Então, eles estão sempre trabalhando o "hoje", o "agora", o "daqui a pouco" e o "amanhã". Dois pilares de produção. A edição coordenando todo esse trabalho e coordenando os repórteres na rua. Também trabalhando com esses dois pilares. Então cada jornal tem a sua estrutura, tem seus produtores, tem seus editores adjuntos e tem seu editor-chefe. Então, em cada jornal, o editor-chefe responde por aquele jornal, né?

Dentro dessas, vamos dizer, do ponto subjetivo, dentro desses dois pilares, nós temos mais três pilares, que [é o que] nos norteia. Nossos princípios editoriais, que são os princípios editoriais das Organizações Globo, os quais, nós como afiliados, contratualmente, temos que respeitar, né? É uma questão contratual: se não respeitar, meu amigo, um abraço, né? É *business*! O jornalismo é um negócio! Do ponto de vista macro, não é? Não aqui, porque a gente não vende nada. Quais são esses três pilares? A correção, a isenção e a agilidade. Voltando lá atrás.

Eu tenho um pilar "factual" e tenho um pilar "atualidades", que são nossos assuntos dentro dos jornais. Cada pilar desse é norteado a partir de três princípios: correção, isenção e agilidade. Com base nisso é que nós fazemos os nossos jornais. E com grande desafio, por termos uma área de cobertura enorme. Nós temos três cidades com mais de 100 mil habitantes: Barbacena, Muriaé e Ubá. Aliado a isso, nós temos uma das cidades históricas de Minas, que é São João del-Rei, com mais de 300 anos de fundação. Um ex-presidente enterrado lá [o ex-presidente da República Tancredo Neves]... emblemática, barroca... Enfim... São João del-Rei. Temos Viçosa — São João del-Rei tem uns 70 mil habitantes. Viçosa: 80 mil habitantes. Tem uma universidade que é referência nacional em estudos agrícolas; você tem alunos do Paraná, do Tocantins, do Acre... Importantíssimas as duas.

Somado a isso tudo nós temos Cataguases e Leopoldina que também têm a sua importância histórica econômica de seu tamanho. Cataguases com 70 mil [habitantes] e Leopoldina, com 50 mil. Cataguases sede da Energisa, uma distribuidora de energia [elétrica]... Várias indústrias estão presentes lá, uma história fantástica; um vanguardismo cultural, polo audiovisual de Minas Gerais, né? Tem crescido muito nos últimos anos com essa questão de referência. Foi filmado lá o [longa-metragem] "Meu Pé de Laranja Lima", uma produção muito grande, e tem um colégio projetado lá por Oscar Niemeyer, tem uma outra casa que também é do Oscar Niemeyer. Se você for lá no site do Oscar Niemeyer está lá, entre as suas grandes obras, o Colégio Cataguases! E Leopoldina é a mesma coisa, em menor proporção, mas mesmo assim é uma cidade também importante.

Então, excluindo essas oito cidades — mais Juiz de Fora — ainda sobram cento e poucas pra você brincar! Então, uma coisa que eu destaco, quando se fala em telejornalismo regional, é a questão dos desafios geográficos. Talvez seja o nosso principal desafio, entre outros, que são comuns ao jornalismo, de uma maneira geral.

No caso do aspecto histórico que você citou [o fato de Juiz de Fora ter tido uma emissora da TV Globo na década de 1980, uma das poucas emissoras genuinamente Globo no interior do Brasil], essa emissora [a TV Globo Juiz de Fora] é fundada no dia 14 de abril de 1980, uma emissora "100% TV Globo" e ela permanece "100% TV Globo" até 2003. Mas em 1998 a Rede Globo se reestrutura e já prepara a venda das suas afiliadas do interior. E aí ela deixa de ser TV Globo Juiz de Fora e passa a ser TV Panorama. Isso em 1998. Em 2003 ela é vendida e deixa de ser uma emissora "100% Globo" e passa a ser uma emissora particular. Ela fica como [TV] Panorama de 2003 a 2012, portanto, no ano passado. E no dia 1º de abril de 2012 ela deixa de ser Panorama e vira TV Integração, pertencente 100% de seu controle acionário pelo Grupo Integração, com sede em Uberlândia.

Esse grupo, hoje, está presente em Uberlândia, Uberaba e Divinópolis. Com Juiz de Fora, portanto, são quatro geradoras presentes em 233 municípios das regiões Zona da Mata, Campo das Vertentes, Centro-Oeste de Minas, Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. Então, você deixa de ser um grupo isolado e volta a fazer parte de um grupo maior. E uma coisa interessante nesse processo, que culminou no último dia 27 de maio [de 2013], é que a emissora passa a ser seu sinal 100% digital em Juiz de Fora e seu jornalismo é 100% HD [abreviação de *high definition*; ou seja, as imagens são em alta definição], em alta definição.

Então, toda a captação, edição e exibição já são em 16:9 [proporção da imagem gerada, que é mais ampla, no formato *widescreen*, como nas telas de cinema], ele já está sintonizado com o que há de mais moderno em termos de tecnologia no mercado brasileiro. E você, por exemplo, deixa de trabalhar com fita; não tem mais mídia. Todo o processo é feito de maneira digital.

Então, o repórter cinematográfico, ele imputa o material dele no sistema e ele já fica disponível em todas as ilhas [de edição]. E esse material é editado e vai para o *playlist*, o exibidor, tudo de maneira... Pela rede! Então isso muda radicalmente nossa forma de

trabalhar, porque antes era "fica pra cá, fita pra lá" e hoje já é totalmente digital. Pra você ver, os apresentadores usam *tablets*, por exemplo, no estúdio, então quer dizer: isso vem facilitar e vem agregar muito valor ao nosso trabalho do ponto de vista da tecnologia; porque jornalismo se faz de maneira coletiva, não é? Não existe um "monojornalismo": ele é, essencialmente, coletivo. O avanço tecnológico é fundamental, mas não é ele que vai ser o diferencial de uma empresa de jornalismo, e sim os talentos que trabalham nela.

Porque não adianta você ter uma câmera fantástica, uma câmera que grava em película cinematográfica, se você não tiver um bom repórter cinematográfico; se você não tiver uma boa produção que vai descobrir os fatos, que vai antecipar os fatos... Que vai ter uma empresa que tem uma logística pra poder fazer esse registro. Então é fundamental, toda vez que eu converso eu falo: "ainda não conseguiram substituir o jornalismo, ele é essencial! O computador facilita o trabalho, mas é uma relação de substituição; é uma relação de complementação"!

Quer dizer: hoje, aqui, no nosso exemplo, a gente pode fazer muito mais do que a gente fazia dois anos atrás. Mas esse "muito mais" vem a agregar. A gente não tirou, entendeu? A gente não demitiu ninguém; nosso quadro é o mesmo. Nós não demitimos ninguém, não se desligou ninguém, não substituímos ninguém! As mesmas pessoas; só que agora a gente faz melhor do que a gente fazia há dois anos. E assim sucessivamente: se você fizer um estudo histórico, quer dizer; hoje é quase impossível porque os acervos de televisão são particulares, né? Mas se fosse possível à Academia ter acesso, você vai ver gradualmente como as coisas foram melhorando e, paralelo a isso, a tecnologia foi, também, se aperfeiçoando pra contribuir.

Por exemplo: você tem *software* pra tudo hoje; nós lidamos com três ou quatro *softwares*... [Microsoft] Word, nada disso! São todos programas especializados nisso. E eles gerenciam tudo! De maneira que o editor digital a "cabeça" de uma reportagem e,

automaticamente, esse texto já vai lá pro TP [*teleprompter*]. Não precisa mandar, ele já tá lá! E esse sistema "conversa" com o sistema de exibição. Então quando o editor abre lá, por exemplo, "buraco cadeia" quando se edita no computador, "buraco cadeia" já está lá! Ele já vai, automaticamente, para o exibidor. Se ele está abrindo o jornal com "buraco cadeia" e ele resolve fechar o jornal... ele repagina, no sistema de exibição, automaticamente, ele... Antigamente era na fita, né? Você falava assim "ô amigão, esse 'buraco cadeia' que eu tô abrindo aqui, eu vou fechar agora: a fita 1 vai virar fita 18 e a fita 2 vira 1 e vai subindo todo mundo!" Aí o cara lá escala assim, e vai pegando as fitas... Hoje vai no automático. Mas repito: as mesmas pessoas! Facilitou demais, né? Fantástico, mas ainda precisamos dos talentos. Por quê?

A atividade jornalística ela é essencialmente intelectual. Ela tem a sua rotina? Tem! Mas ela é feita por escolhas. Desde as escolhas dos assuntos na redação, desde as escolhas do olhar do repórter cinematográfico na rua, das escolhas das palavras pelo repórter que está fazendo a matéria. Então é uma coisa de reflexão! O jornalista está pensando o tempo todo! "Ô gente, é brincadeira, né"?! A gente não carrega nada, a gente não, né? E você exhibe um jornal que vai ao ar e depois que ele foi... Primeiro que ele é intangível, né? Ele "vai ao ar", né? Já diz. E acabou aquela edição, acabou, meu amigo! Cadê? Eu vou levar pra casa? Não! [ele pega uma folha de papel e coloca sob o braço, simulando o que muitas pessoas fazem com o jornal impresso] Ele não é tangível, ele não é mensurável; ele está no ramo do conhecimento, da subjetividade.

Dai, dois desdobramentos: a sua importância, como formadora [*sic*] de opinião, a médio e longo prazo, e a feroz crítica, já viu? Tudo é contra nós! Não pode ter diploma, não tem piso [salarial] mais... A gente não tem uma federação, a ABI [Associação Brasileira de Imprensa] está cheia de dívidas... A FENAJ [Federação Nacional dos Jornalistas] está envolvida com partidos políticos... Por quê? É por causa disso. Da importância que a gente

tem, como atuação; por isso que a defesa do jornalismo tem que ser sempre intransigente, né?
Eu falo demais... Comunicação é comigo!

Como é o dia-a-dia de elaboração de pautas, considerando não só atender a Juiz de Fora, mas também à área de cobertura da TV Integração?

Vamos falar primeiro como [de] a pauta trafega dentro, depois a gente entra na região, para você poder entender. O seguinte: a pauta está nas mãos da produção! Como prioridade, né? Cada editor-chefe do jornal responde pelo "cardápio", ou seja, o conjunto de assuntos de cada jornal. Então, por exemplo: o MGTV 2ª Edição, que está ali agora... O Alberto [Mendes, editor-chefe] está ali agora em pé, ele que responde por ele [pelo telejornal]. Então a produção vê com o Alberto quais assuntos estão sendo pautados e nós temos duas reuniões de pauta periódicas por dia: uma às 13h e outra às 19h.

Então, tratado, mais ou menos com eles, nós discutimos coletivamente. Voltando àquele assunto da participação coletiva: então, todos podem opinar; isso no dia-a-dia dos telejornais. A minha participação, como chefe de redação, é tratar dos assuntos polêmicos, ou quando o editor-chefe tem alguma dúvida: ele passa pra mim. Assim como, seu eu tiver uma dúvida, eu tenho gerente de jornalismo, que eu consulto a ele. E, se ele permanecer na dúvida, ele tem o Diretor de Jornalismo. E o diretor, se tiver uma dúvida, só resta perguntar a Deus! Não tem mais a quem perguntar. Então eu trato de assuntos polêmicos, sempre, e trato da logística, né? A parte de logística das equipes; a macro. Não a mudança em Juiz de Fora, assim. Então eu trato de assuntos mais "macro", polêmicos, e ajudo no dia-a-dia; mas eu não sou o cara que toco as coisa mais do dia-a-dia. Igual eu falei: a "Rua da Música".

Eu fui saber da "Rua da Música" agora que vieram me falar o negócio [a fuga dos presos] de Barroso. Eu nem sabia da "Rua da Música". Está aqui, eu trouxe para você ver... Tá

aqui a "Capa de Pauta", que a gente chama; que é o planejamento do dia, né? Eu estou com ela ali. Mas eu te confesso — e eu não vou mentir pra você, porque eu não tenho porquê mentir — que eu passei os olhos, mas não me ative à "Rua da Música". Por quê? Porque é uma coisa cotidiana, não precisa da minha interferência. Como chefe de redação... "Rua da Música" é "Rua da Música"! Cabô! Não tem mistério! Por quê?

É importante você ter a estruturação das redações, é o seguinte: o editor-chefe do jornal, ele sabe o quê que é do interesse do jornal dele. Ele tem que ter a liberdade de trabalhar. Ele não pode ter um chefe que fale: "ô, amigão. É isso aqui que você tem que dar, isso aqui você não tem que dar! Isso aqui você tem que ter mais tempo", entendeu? Porque ele está tocando o dia-a-dia.

Cada editor-chefe tem a sua... O que a gente costuma... O que a gente faz muito aqui... A gente faz uma avaliação pós-jornal. Todo jornal, o MGTV 1ª Edição e o MGTV 2ª Edição, após ele... A gente faz uma avaliação coletiva. Por quê? Pra gente estar sempre melhorando nas próximas edições. Agora... A gente tem nossos princípios, e tal, que isso já é coletivo, dos treinamentos, dos anos de trabalho. Mas se eles têm alguma dúvida, eles me perguntam.

Com relação à região, a gente trabalha nesses dois pilares. Então, o que acontece? O pilar, pela diversidade das cidades, a gente vai esbarrar numa questão logística. Porque a gente não tem 120 — e seria inviável, economicamente — 120 repórteres na região, né? Aí nós usamos, de maneira intuitiva, uma coisa que você estudou no 2º período [da Faculdade], numa disciplina chamada Fundamentos do Jornalismo, uma coisa que você achou chatésima [em tom de ironia], que eu tenho certeza [ele ri], que são os critérios de noticiabilidade, né? Está lá: Nelson Traquina, Teorias do Jornalismo I e II, são dois volumes. Eu tenho certeza de que você tem em casa, você leu [ele ri]. Então, lá na letra 'J' está lá: "proximidade

geográfica...aquela lista lá: A, B, C, D... tudo ali". O que acontece? Nós temos uma equipe e temos uma região para cobrir. Os critérios de noticiabilidade vão "comer solto", por quê?

Uma coisa que acontece em... Você é daqui de Juiz de Fora, ou você é da região?

Eu sou daqui.

Uma coisa que acontece em Bicas, que é próxima daqui, vai depender muito da gente ir pra lá, né? O quê que vai interessar à nossa região, essas cidades todas, o que acontece em Bicas? Então o cara lá... O sujeito roubou uma bicicleta, eu não posso ir lá e dar uma matéria "o roubo aconteceu nesta rua..."; não é, entendeu? Então, isso, às vezes, as pessoas confundem um pouco. Porque nós temos que ter essa visão de região para/com a região.

E aí, por exemplo: em Dores do Turvo, uma cidade de 5 mil habitantes, próxima a Ubá, 15 estudantes lá ganharam medalhas de ouro nas Olimpíadas de Matemática Brasileira. Vale! Vamos lá! É interessante; você que mora em Juiz de Fora... "Pô, tem uma cidade aqui perto [em] que as 'criancinhas' adoram estudar Matemática. Os caras ganharam quinze!" Tem interesse a você! O túnel que os caras furaram em Barroso... "Pô... Furaram um túnel numa cadeia..." Tem interesse! Então, tem que ser avaliado caso a caso.

Na sexta-feira [provavelmente no dia 21 de junho] eu recebi uma turma aqui de estudantes e um deles era de Ibertioga... Lá da universidade [UFJF]... Ele: "vocês [TV Integração] nunca vão em Ibertioga". Eu disse "vamos sim"! Inclusive uma vez por ano tem a festa do carro de boi e nós vamos pra lá. Inclusive vai até [ao ar] no Globo Rural! Ele [o estudante] falou "ano passado". Eu falei: "me dá o seu e-mail"! Eu olhei no link [no site do programa] e realmente foi! O que interessa que acontece em Ibertioga é isso, não é... As outras coisas que acontecem, assim, de uma maneira geral, em Ibertioga, têm interesse local

para a cidade. Não têm interesse regional! Então, essa coisa da região, ela tem que ser avaliada ponto a ponto. Não tem outro jeito. Se você pegar hoje [ele recorre à Capa de Pautas], olha a produção... Nós produzimos aqui duas matérias de Ubá e três em São João del-Rei e uma em Muriaé, que está errado, que não colocaram, cadê? Aqui! A Letícia [Duarte, repórter]: "Comércio e confecções de inverno" é em Muriaé. A chave [identificação das reportagens] está errada.

Então, o quê que a gente fez de fora hoje? "Economia – confecções – Muriaé", fizemos um [link ao] vivo no [MGTV] 1ª Edição sobre redução da tarifa de ônibus em Muriaé. Por quê? Porque está essa confusão toda... "Muriaé abaixou, cara"... "Plano de contingência de chuvas", uma coisa importante, porque a região de Ubá tem alagamentos, e "incentivo – dança - jovem", que é um projeto que incentiva estudantes das escolas públicas a participarem de projetos de dança. E em São João del-Rei a história da "Rua da Música". Quer dizer: são assuntos que permeiam.

Então, tudo o que envolve a região tem essa questão da letra 'R' de relevância e dos fatos que acontecem. E aí a outra teoria que você estudou e que você não deu importância também, achou "chatérrima", que é o *Gatekeeper*. O *Gatekeeper* vai, inevitavelmente, como em todas as redações deste planeta, vai atuar cortando esses assuntos. O cara lá em Pedra Dourada esfaqueou a mulher.. Esfaqueou, não morreu, nem nada. Briga de marido e mulher... Desculpa... Isso não vai ser notícia aqui [em Juiz de Fora]. Agora, pra rádio de Pedra Dourada isso vai ser notícia. Talvez não seja nem pra Carangola, que é do lado ali.

Então, isso aí vai atuar. Porque se você começa a cobrir muita coisa da região também, aí o telespectador de Juiz de Fora, que tem mais de 500 mil habitantes... "O MGTV só passa as coisas da região. Eu quero saber o que acontece aqui", né? Eu não quero saber... E as pessoas...

As pessoas cobram bastante, entram em contato com a TV, seja para sugerir pautas ou criticar...

Entram [em contato]. Pelo "Fale Conosco" no e-mail e nós temos uma participação muito grande no "Você no MG", que tem até um aplicativo para Android [sistema operacional de *smartphones*] para as pessoas mandarem notícias pra gente, por exemplo: um acidente em Pedra do Anta que o cidadão manda pelo "Você no MGTV" tem chances de entrar, mais do que a gente despencar daqui, mais de três horas pra ir lá fazer um acidente; dificilmente a gente vai, né?

A não ser que a relevância seja muito grande! "Ah, um ônibus lá matou dez"! Então nós vamos lá! Não tem jeito. Nem porque nós somos carnificinas, mas é porque são os critérios de noticiabilidade, tá lá: Nelson Traquina, Volumes I e II, pode ler! [risos] Tão achando que nós estamos inventando a roda. Não estamos inventando roda nenhuma!

Os telespectadores se preocupam em dar sugestões; em fazer parte do jornalismo da emissora?

Sim, muito! Participação significativa dos telespectadores enviando sugestões pra gente ou dando uma opinião com alguma coisa que eles acham importante; isso tem muito. Telefone nem tanto, né? Mas tem muito e-mail. Quer dizer... O dia inteiro toca telefone aqui, mas é muita coisa pontual: "Oh, no meu bairro... A minha escola... Meu posto de saúde"... São coisas pontuais que chegam mais por telefone e, na região as denúncias, né? A prefeitura... Aquele negócio todo... E você tem que apurar, né?

Mas não defendemos bandeira de ninguém! Nós defendemos a bandeira de todos. Então, as coisas têm que ser devidamente apuradas e, quando você [se] envolve [em] denúncia, você tem que provar, né? Não adianta falar que "você está roubando"! Beleza! "E

ai"? Eu tenho que provar que você está roubando! Não é assim. Eu não posso... Eu seria leviano em dizer que você está roubando! Eu não sei se está roubando! Tem um vídeo mostrando... Mesmo assim o vídeo ainda tem que ser periciado, pra ver se não é montagem. Então quer dizer: há uma série de questões que, às vezes, o telespectador comum tem uma certa dificuldade de entender esse tipo de coisa.

Mas, com essa questão da difusão da internet, isso tem mudado muito. As pessoas hoje têm mais consciência das coisas do que tinham há cinco anos atrás.

Virgílio, como é a inserção da TV dentro da Rede Integração, quanto à comunicação entre a produção regional e a programação da Rede Globo?

Aí, na verdade, são várias premissas. Uma: a nossa relação com a Rede Globo é independente. Eu não preciso ligar para Uberlândia para oferecer um negócio para a Globo. Essa comunicação é direta "Praça Juiz de Fora – Rede Globo". Você viu que eu saí aqui, é que nós estamos mandando um *stand-up*¹² para o "Brasil TV" que é o [telejornal] que passa na parabólica na hora do MGTV [2ª Edição]. Nós negociamos diretamente com ela [Rede Globo]. Não há essa dependência. Com relação a Uberlândia, o que nós temos são ações integradas dentro das emissoras, por exemplo: quadros do MGTV são integrados. Então a gente tem essa relação... Essa relação que eu digo em relação a matérias, né?

E nós temos uma relação também com Belo Horizonte, que também é direta. Daqui [Juiz de Fora] com BH. Esse modelo é um para todos! Então, Uberaba conversa diretamente com Rio de Janeiro [cidade na qual há uma das geradoras da Rede Globo. A outra

¹² De acordo com Vera Íris Paternostro (2006), é "quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. Normalmente, ele está de pé, em primeiro plano, e permanece no vídeo durante todo o boletim ou flash. É usado na TV, quando a notícia que o repórter tem para informar é tão importante, que mesmo sem imagem vale a pena".

fica em São Paulo], se for matéria para a rede [Globo]; se for para Belo Horizonte, Uberaba conversa diretamente com Belo Horizonte!

Uberaba conversa com Uberlândia para assuntos "domésticos", né? Que são as matérias que a gente faz de maneira integrada, que são os quadros, por exemplo. Por quê? Porque, como a gente tem os quadros em todas as emissoras, se você vai falar de que, vou dar um exemplo aqui: "Leite em pó para criança tem que ser feito... Como se faz o preparo de leite em pó para recém-nascidos", por exemplo.

Do ponto de vista "macro", essa matéria pode ser feita aqui, Divinópolis, de Uberaba, Uberlândia, Araxá, São João del-Rei! Não vai ser demérito nenhum falar de como preparar um leite em pó para criança se essa reportagem foi feita em outra cidade que não Juiz de Fora! Por quê? Porque, a partir do momento em que eu faço essa matéria em Araxá, o tempo que eu ia perder de fazê-la aqui eu faço outra matéria!

Por quê? Quando a emissora é comprada pela Integração não houve redução de equipes! Então, a gente acabou mantendo o mesmo ritmo que a gente tinha, agregando os quadros. Então, a gente pode se dedicar mais a um assunto que nós não dedicaríamos porque teríamos que fazer um [conteúdo para um] quadro de bota no inverno, por exemplo.

E esse "bota-inverno" Divinópolis se comprometeu. E aí com todas isso é feito. Então são três relações que nós temos: uma com a Rede Globo, com os jornais de rede; outra com os jornais da nossa rede, da Rede Integração; e Belo Horizonte. Estado. E essas relações se dão de maneira independente.

A TV Integração, de certa forma, tem uma... Vou usar um termo que, infelizmente, não é o adequado, mas há uma espécie de "cota" de material jornalístico, que deve ser exibido nos telejornais em Juiz de Fora?

Não! Não tem nada estipulado. O que nós procuramos? Nós procuramos, como o próprio nome já diz, MGTV. Minas. Então, dentro dos nossos telejornais, nós procuramos, ao máximo, dar [assuntos] factuais de fora da nossa região que interessem à nossa região, entendeu? Então o critério é esse, mas não é nenhuma "cota", não há nenhum... Algo estipulado. E há dias [em] que a gente não dá nem nada [de fora da cidade], que é um dia que não tem mesmo [assunto] factual.

Então, aquele pilar que eu disse a você, do factual, às vezes, né? A gente coloca factuais de outras regiões com base na sua importância para a nossa região. Então, se o [Estádio do] Mineirão pega fogo hoje, interessa à gente saber que o Mineirão pegou fogo! Vai entrar [nos telejornais de Juiz de Fora]. Se você tem um acidente grave em Ituiutaba, nós vamos dar! Nós e as outras [emissoras da Rede Integração]. Mas não tem nada estipulado não.

Como é um dia típico na redação da TV Integração?

Dia típico é o seguinte: a gente abre a redação às 6 da manhã. Quer dizer: a redação nunca fecha porque a gente fica de plantão na madrugada, né? Mas no dia típico a gente abre a redação às 6 da manhã. Às 6 da manhã já chegam produtores e editores que vão se dedicar ao [bloco local do] Bom Dia Minas e vão se dedicar ao dia, porque tem um planejamento do dia. Às 7h20 vai ao ar o [bloco local do] Bom Dia Minas.

Acabou o Bom Dia Minas, a prioridade é o MGTV1! E vamos trabalhar no MGTV1! Depois do MGTV 1ª Edição a gente tem uma reunião; essa reunião demora meia hora, vai até [às] 13h30. E depois dessa reunião, que é o momento em que nós estamos agora, que é o MGTV2... Depois do MGTV2 tem uma reunião. Quer dizer: neste momento agora as equipes estão na rua trabalhando para... E daqui a pouco, por volta de 17h, vão começar a

chegar as reportagens, vão ser editadas na ilha de edição para serem exibidas no 2 [MGTV 2ª Edição]. E, de manhã, a mesma coisa.

Até por volta de umas 10h, repórteres na rua para chegarem e esse material ser editado para ser exibido no 1. Produção trabalha nos dois pilares: factual e atualidades. E os editores trabalhando nos telejornais, olhando com um olhar no dia seguinte também junto com a produção. Sempre com esses dois olhos: olho direito no factual, hoje, olho esquerdo no amanhã. Porque a televisão é planejamento, né? Essencialmente planejamento.

[Neste momento, nossa entrevista é interrompida por uma produtora que entra na sala para consultar Virgílio sobre uma determinada questão: havia sido marcada com um climatologista uma entrevista ao vivo para o MGTV 2ª Edição daquela noite próximo à Paróquia Melquita de São Jorge, localizada no Bairro Santa Helena.

No entanto, devido à instabilidade do tempo durante aqueles dias em Juiz de Fora, assim como em função de uma manifestação que estava sendo realizada no Centro da cidade, seguindo o calendário de protestos que vinham acontecendo em outros municípios, a equipe de jornalistas, juntamente com Alberto Mendes, editor-chefe do MGTV 2ª Edição, decidiu ser melhor transferir a locação da entrevista para a Praça Ágassiz, em frente à TV Integração — motivo pelo qual Virgílio, como chefe de redação, foi consultado].

Você reparou a pergunta dela? Ainda bem que as pessoas entram aqui e não me contradizem! A "gente" [equipe de jornalistas] tava conversando... Você viu o que ela falou? "A gente tava conversando, ficamos preocupados, ponderamos e viemos ouvir a sua opinião". Ou seja: primeiro se discutiu [a transferência ou não da locação da entrevista] lá. Se eles não tivessem alguma dúvida, eles não teriam transferido [a decisão] para cá. Não precisa me falar que vai transferir!

Só que, aí, eles ficaram preocupados. Por quê? Porque aqui tem a limitação de imagem, que é uma praça... "Bom, então vamos perguntar o Virgílio, então"... E, assim, é o dia-a-dia em tudo! Porque, a gente que tem um cargo de gestão assim, se a gente acaba participando de todas as decisões, a gente acaba fazendo... Implantando uma "ditadura", do ponto de vista da chefia, né?

Para você ter uma ideia, as pessoas discutiam, né? Se a chefia "bate o pé" que vai ser 'X', as pessoas, em um certo momento, vão parar e vai ser 'X', né? E aí você corre o risco de você viciar muito o olhar para uma ou duas pessoas. E a pluralidade do jornalismo é isso! Até estagiário dá palpite aqui, entendeu? Porque, quanto mais pontos de vista você tiver, menos chances de errar você tem! Foi um critério nosso, por exemplo... O texto de uma reportagem, por exemplo... Em média, cinco pessoas passam os olhos por ela antes de ir ao ar.

Porque, às vezes, você, repórter... Você, às vezes, fica impregnado de seu mundo — todo mundo tem, não trabalhamos com robô —, né? Pela sua vivência, pela sua experiência... Às vezes você pode ser tomado por uma paixão incontrolável que você não tem, vamos dizer assim... Que você não percebeu, que você não venceu aquela paixão. E tem uma visão mais enviesada sobre o seu ponto de vista; nestes filtros alguém pode falar "peraí, pô! Eduardo tá maluco, meu irmão! Como é que ele fala um negócio desses!", entendeu?

"Será que a gente não pode fazer diferente? E você: É... pode"! Então nunca é um repórter e "vai lá e faz"! Não! Ele vem, vem o editor adjunto, olha o texto dele, aprova; às vezes um outro editor, às vezes o editor-chefe... Às vezes outro editor que não editou o texto dele vai lá e dá uma olhada... O editor de imagem participa da edição, tá acompanhando, entendeu? Por conta disso.

Pra que você tenha sempre visões diferentes. Porque a "beleza" do jornalismo está na diversidade da redação. Porque se nós tivermos as mesmas pessoas com os mesmos pontos de vista, a gente corre um risco tremendo de ter uma coisa muito "naquele" caminho, por

exemplo: a produção. A Vanessa [Rodrigues] é de Guiricema, O Pedro [Nunes] é de Viçosa, a Letícia [Braga] e a Lu [Luciana Moraes] são de Juiz de Fora. Então nós estamos "meio a meio" ali. Estamos metade olhando mais "isso" aqui [a cidade Juiz de Fora] porque conhece isso aqui, viveu aqui, porque a família tá aqui, e a outra metade tá aqui [faz outro gesto com a mão sobre a mesa, indicando no mapa de cobertura da TV Integração a região do Sul de Minas]. Neste momento agora, entendeu?

Porque se você tem só produtor de Juiz de Fora... E a Letícia, o namorado dela — quase noivo — é de Muriaé. Ela convive com Muriaé porque tem a família do namorado de Muriaé que conta as coisas de Muriaé para ela, né? Então se você tiver só aqui [aponta Juiz de Fora no mapa] você tem a tendência de pensar aqui. Então, se você tem outros olhares, convive com outras pessoas de outras cidades, você ajuda sempre a ter outros olhares. Isso é importante na formação da reação e da busca do incansável que é a imparcialidade, né?

A imparcialidade ela é inalcançável porque ela é feita por homens; e homens não são imparciais, né? O que você consegue? Olha o teu trabalho coletivo... Você consegue se desligar um pouco da sua experiência, mas a imparcialidade, sob todos os pontos de vista, ela é inalcançável. Ninguém consegue ser imparcial, é impossível! Não existe!

Não tem jeito, né? O que nós fazemos é retratar a realidade. Nós não queremos seguidores. Nós queremos retratar a realidade. Ou dar um retrato inicial dos acontecimentos.

Porque quem vai aprofundar os acontecimentos é a história, não somos nós, jornalistas. Então, agora: protesto em frente à Câmara Municipal. Entregou o documento ao prefeito. Qual que é o nosso texto? "Manifestantes hoje se reuniram em frente à Câmara Municipal e entregaram uma lista de reivindicações ao Prefeito Municipal Bruno Siqueira. As reivindicações são"... Ouvir um manifestante, é! "Nós temos que mudar o Brasil. É importante"... Ouvir o Bruno: "É, nós vamos olhar isso aqui pra gente resolver". Tá bom! Acabou! É isso aí, meu amigo! O primeiro relato de um acontecimento.

Daqui a cinco, dez anos, os historiadores vão dizer porque o pessoal se reuniu, o quê é que o prefeito atentou... Aí é um outro caminho. O nosso é o relato inicial dos fatos. Não tem como eu fugir disso. A mesma coisa é: "é papel da imprensa investigar"... Não é papel da imprensa investigar! Quem investiga é Polícia e o Ministério Público!

Você teve treinamento de como se esconder, como fugir de uma perseguição, você teve isso, não? Como reagir quando uma pessoa apontar uma arma pra você, como fazer escuta telefônica? Não! Não é o nosso papel. Em alguns momentos, pela ineficiência do poder público, nós podemos investigar sim. Mas não é o nosso papel! Veja bem a diferença!

Podemos investigar? Podemos! Até devemos! Pela falha da atuação do poder público, mas não é nosso papel. Nosso papel é dar o relato inicial dos acontecimentos.

Virgílio, para nós podermos finalizar, eu gostaria que você dissesse, por favor: como foi sua trajetória no telejornalismo?

Eu sou meio maluco, né? Eu já me acostumei a ser taxado assim, não me importo não. É o seguinte: eu passei os dois primeiros anos na faculdade, até o 4º período, sem [participar de] bolsa, sem nada. Só estudante mesmo. E eu sou, como você já pode ter percebido, um apaixonado enlouquecido pela Comunicação... Tem gente que gosta de futebol, eu não ligo para futebol — até já fui repórter esportivo. Tem gente que gosta de música, outros gostam de roça... Cada um tem um tipo.

Eu gosto desse negócio [jornalismo], não tem jeito! E consegui aliar o meu prazer, o meu *hobby*, à minha profissão. Então, o quê que eu passo? Eu passo os meus dois primeiros [anos de faculdade] só trabalhando na Rádio Universitária [hoje Rádio Facom]. A partir do 5º período, do 5º ao 6º, eu fui bolsista da Produtora de Múltiplos Meios, aliado à Rádio.

E, por incrível que pareça, eu começo na Rádio com um programa que falava sobre mídia e comunicação, pra você ver, lá no 2º período. Só falava bobagem, né? Mas tudo

bem. E aí, nesse período em que eu estava na Produtora de Mídias, na disciplina "Técnica em TV", não sei se é no 5º ou 6º período, eu criei um projeto, junto com a turma, junto com o professor Eduardo Leão... Eu tive a ideia, mas foi um trabalho coletivo, né? Nós criamos um programa, o "Ponto de Vista", que existe até hoje, com outro nome, que é "Culto Circuito", que está [sendo exibido na] TVE.

E esse programa "vira" uma bolsa na Fapem e, então, eu passo mais uns oito meses, mais ou menos — porque eu pedi demissão do projeto que eu criei, mas isso é "história para botequim" —, trabalhando no "Ponto de Vista". E, concomitantemente, no 7º período, eu entro para o [programa de] estágio aqui da TV. E eu entro no estágio da TV e aí eu vou caminhando... Eu sou estagiário, fui produtor, aí eu fui chefe de reportagem, chefe de produção e chefe de redação, onde eu estou atualmente.

Então, eu fui correndo degrauzinho por degrauzinho, né? Não pulei os degraus... E eu trabalhei um ano no extinto Jornal Panorama em 2006. Em 2006 eu trabalhei aqui na TV e no jornal. No Jornal Panorama eu fui setorista de esportes, embora não seja apaixonado por esportes. Mas sou jornalista! E, como jornalista, eu posso, assim como você, nós podemos escrever sobre qualquer coisa! Porque a gente não tem que ser especialista no assunto! Você tem que ter fontes, né?

A fonte é quem é especialista, não é você! Você pode muito bem... Está habilitado a lê-lo, assim que formar... Escrever sobre turbina de avião, claro! Mas não é você quem vai falar sobre a turbina de avião! São suas fontes que vão falar, não é? Você vai fazer um estudo e vai... Então eu tenho essa ligação com a Comunicação porque eu gosto muito de telejornalismo, é um assunto que me motiva.

Quando eu vou dar palestras em colégios eu, no final, falo "descontem de 30% a 40% do que eu falei! Aí vocês vão chegar na realidade! Desconta 30% do que eu falei, baixa a bola, amigão, que a vida não é assim não"! A realidade é mais dura do que os relatos.

Mas eu acho que, sem brincadeiras, o jornalista tem um papel importantíssimo na sociedade democrática. Por mais que nós sejamos criticados, em 'n' setores, mas são setores que buscam engajamento. Nós não buscamos engajamento, nós não queremos seguidores. Nós queremos, apenas, fazer um relato inicial dos fatos. Para nós, jornalismo é isso. Não queremos matéria elogiosas, não é o nosso papel! Quem elogia é a Publicidade. Nós temos uma caça ao adjetivo, né? "Que é bom, que é melhor, que é maior, que é menor", né?

Vamos ver, direitinho... Não é o nosso papel adjetivar. E isso eu acho que o jornalismo tem melhorado muito sobre todos os aspectos da mensuração, do adjetivo, né? Você veja uma coisa que me incomoda profundamente: tem um incêndio em algum lugar, "um incêndio de grandes proporções". Como assim, "de grandes proporções"? Se uma cidade inteira estiver pegando fogo, então, o quê que é? Um "mega, ultra, puxa proporções"?

Sabe, não é o nosso papel adjetivar! Se está pegando fogo em um prédio, "está pegando fogo em um prédio"! Entendeu? A proporção é subjetiva, ela é do mensurável. Existe uma tabela internacional de incêndio? Se for em um quarteirão é "grande", se for em dois quarteirões é... Não é mesmo? Você concorda? Por causa disso, né? O adjetivo é muito complicado dentro do jornalismo; ele é complicadíssimo. Muito complicado.

Por exemplo: outro dia, em uma matéria que a gente fez aqui, "fulano de tal, que tem apenas 25 anos, trabalha com o pai na empresa... Fábrica de picolé". "Apenas" depende! Se você começou a trabalhar com 12 [anos], e você está com 25, tem 13 anos. Não é apenas, entendeu? Como assim, apenas? Se você começou a trabalhar com 12 anos e hoje está com 50, você viu a reportagem, você fala: "pô, mas com 25 já está perto de aposentar"! Entendeu? Sabe?

E não é o nosso papel a mensuração. Quem faz é um comentarista! A gente contrata o comentarista. "E agora vamos ao comentário do Eduardo"! Pra quem tá vendo, é o quê? "É o Eduardo quem está dizendo, não somos nós"! No jornal [impresso] você tem os

colunistas, é a opinião do cara! O editorial é a opinião da direção do jornal. Então você sabe. Agora, a reportagem, ela tem que ter a sua, como a gente discutiu lá atrás, a sua "isenção", não é?

Porque eu vou fazer um relato, um primeiro relato, dos acontecimentos. Por isso tem que acabar com os adjetivos, tem que ter no programa [de gerenciamento da redação, no qual são produzidos os scripts do jornal] ali "não ponha adjetivo nenhum": bonito, lindo, feio, nada disso! Não existe isso! Isso é muito subjetivo e nós temos que ficar caçando isso. Porque o elogioso não! O quê que é o elogioso?

É o "bom", é o "grande", é o "bonito", o "prático", é o "cheiroso", é o "exorbitante", é o "fascinante", né? Aí está no ramo da Publicidade, do elogio, né? E aí, meu amigo, é discussão para "mais de mês".

E qual você acha que seja o papel desse profissional engajado em seu trabalho com o jornalismo regional?

Eu acho fundamental. Eu acho que os assuntos locais, em ordem de prioridade, são os que mais me interessam, né? Quando eu falo "me", eu falo como telespectador. Eu acho que a importância é capital, é fundamental. Eu acho que nós temos um déficit de educação e cultura no país muito grande, então, à medida que isso [regionalização] vai crescendo, vai se tomando consciência da importância do jornalismo sério, da informação...

E isso é uma coisa que me incomoda profundamente. Os jovens, e quando eu falo "os jovens" eu me refiro aos jovens de maneira genérica. Qualquer conversa em que você vai é: "não, porque as pessoas não têm consciência para votar! As pessoas não sabem da realidade, as pessoas têm que"... Eu falo "amigão, vem cá! Você assiste ao telejornal local, nacional? Você lê jornal?" Não, não... Então falo: "Oh, amigão! Então tem que começar [a

mudança] por você"! Primeiro você veja telejornais, leia jornal, leia, revista, acesse um portal... Aí você muda você! Aí nós vamos mudar o mundo!

Não adianta mudar o mundo se eu não mudo você, cara! Porque todo mundo tem que ter consciência, é claro! Mas você tem que fazer a sua parte, né? E nisso o jornalismo é importante. Em países que têm um desenvolvimento mais elevado, como os Estados Unidos e em alguns na Europa, quer dizer... Já tem esse consumo de informação muito maior! No Brasil cresceu muito, cresceu! Mas precisa crescer mais ainda.

Porque eu vou decidir o meu voto com base nas informações que eu tenho, não é? No Brasil se vota de maneira intuitiva! É intuitivo. Não há uma ligação com a realidade! Uma questão de simpatia na televisão, uma questão de propostas apresentadas na televisão. Quando eu falo "televisão", no programa gratuito, você sabe muito bem, assim como eu, que isso é tudo baseado em marketing! Não é um "pé" na realidade"! Isso é uma coisa quase que ficcional. São propostas ficcionais. Não são propostas baseadas.

A pessoa vai votar com base nos primeiros relatos da realidade que você teve anterior, não ali na... E isso só se faz com o quê? Quem vai trazer os relatos? O jornalismo! Daí o nosso papel, a nossa importância. E ele é importante por quê? Porque eu elejo vereador, elejo prefeito, certo? Quem vai me dar essas informações? É o [jornalismo] local! E quem vai me dar o [jornalismo] nacional é o nacional!

Então eu acho que... Assim... A comunicação da informação tem um espaço significativo e tende a ter mais espaço, e as pessoas tendem a se interessarem mais pela informação local. Então, eu acho que os "Praças" [telejornais locais, como o MGTV] são representantes importantes nesse contexto à medida que a audiência deles é enorme!

A nossa responsabilidade é enorme! O MGTV 2 tem 80% de *share*, ou seja: de cada dez televisores, oito estão ligados na TV Integração. E isso é muito importante! Muito importante a identidade do local, a identidade da cultura local e o nosso papel de informar

com aqueles três pilares: correção, isenção e agilidade. E eu aposto todas as minhas fichas que o espaço para a informação local tende a crescer muito.

A questão do entretenimento é muito relativa porque ele vem para divertir, para dar outro ponto. Então eu não sou muito defensor do entretenimento local porque, inevitavelmente, é comparado o entretenimento local com o nacional. E aí a diferença dos recursos é muito grande, então fica uma coisa muito mambembe. Então, eu sou mais defensor da informação, né? Ou da valorização da cultura local.

Porque, às vezes, você tem um programa de entretenimento que valorize a cultura local, como um programa de música, por exemplo. Um programa que valorize o teatro, enfim... A cultura, de uma forma geral, aí eu acho legal. Só que você tem o problema de dinheiro pra isso. Tem que ter recursos pra isso. E aí a "roda trava"! A "roda trava" um pouco por conta disso.

Mas vamos pensar que a informação tem ganhado espaço local, por exemplo: nos últimos cinco anos, o MGTV 1ª Edição "aumentou" 15 minutos e "nasceu" o "Bom Dia" local. Isso falando de cinco anos. Quer dizer: a gente teve um aumento aí, real... E o MGTV 2ª Edição "aumentou" uma média de 12 pra 15 [minutos], teve mais três minutos.

Então, nos últimos cinco anos, de maneira mensurável, a gente aumentou seis minutos de manhã, 15 na hora do almoço e três à noite. Então dá uma soma de 24 minutos, 25 minutos por dia, né? Olha quanto isso vai impactar ao longo de um ano. Então, vamos torcer para que a gente consiga aumentar mais esse espaço que, ao meu ver, é fundamental para [a] construção de uma consciência coletiva crítica com relação à sociedade, ao tempo atual em que a gente vive.

ANEXO 02

Entrevista realizada com a jornalista Patrícia Aguiar, concedida no dia 22 de julho de 2013.

Patrícia, como você começou no jornalismo? Foi direto em TV?

Foi direto. Eu formei já faz tempo. Eu me formei em 1998. E, na época, tinha uma TV que se chama TV Tiradentes, e ela era afiliada da TV Record na época. E o meu sonho era... Sempre quis trabalhar com televisão. Aí eu peguei e fui direto bater lá na porta, pedi...

Eu tive greve, também, na faculdade. Então eu formei numa época e depois que eu fui tirar o registro, o diploma mesmo, por causa de... Enfim. A gente já tinha pago a formatura... Deu um atraso. Mas, mesmo assim, eu formei... Não que foi oficialmente; extraoficialmente... Já fui lá... Bati na porta... Era a Zilma [Hauck, jornalista], que morreu agora, há pouco tempo agora, que era a chefe. Ela cuidava da TV... E "Zilma, pelo amor de Deus, meu sonho!" e bati, bati; insisti tanto que, dois meses [depois] que eu formei, abriu uma vaga e ela me chamou.

E fiquei lá um ano trabalhando na reportagem e tive uma chance de fazer tudo lá. Porque era uma emissora pequena, apesar de ser Record, a gente fazia... A gente ajudava na produção... Eu era repórter, mas ajudava na edição, na produção. E você faz matérias num curto espaço de tempo, então você aprende a ser rápida, você aprende a ser...

A qualidade não é a mesma de, obviamente, quando você tem mais tempo para produzir, mas você aprende muita coisa. A ser esperta, a produzir, enfim. Foi ali que eu comecei, em 1998, dois meses depois de formar.

Na TV Integração, que antes era TV Panorama, como você começou?

Então, eu formei, fiquei na Tiradentes esse tempo, um ano... Porque eu era repórter quando a TV acabou. Ela virou Alterosa e eu tinha a chance de ficar, mas eu tinha pressa, né? A gente, quando forma, tem muita pressa! Então busquei, lá em Belo Horizonte, outras emissoras, fui embora para Belo Horizonte e trabalhei cinco anos na Rede Minas e fiz outras coisas lá. Trabalhei na Record, trabalhei na Rede TV, Band...

Porque lá você tem a oportunidade. Se você está no vídeo em uma, você pode fazer edição em outra; e fiz isso. Aí fiquei cinco anos lá. Depois desses cinco anos, eu fiquei quase três anos em São Paulo. Foi um período em que eu me afastei um pouco da televisão porque eu estava meio estressada, um pouco cansada, em BH eu fechava jornal também... E eu precisava dar um tempo para a minha cabeça.

E aí eu fui para a assessoria. Mas foi uma experiência que eu não gostei não porque, assim, quem gosta de televisão, parece que corre na veia... É uma cachaça mesmo! Você trabalha muito, você trabalha contra o tempo, mas... Então... Aí quando eu voltei para Juiz de Fora. Casei! Voltei para Juiz de Fora por causa do meu marido, não foi uma opção minha porque eu gosto de cidade grande, gosto de cidade maior...

E falei "Juiz de Fora, como é que vai ser a minha vida?", porque o mercado é muito pequeno. Eu já tinha outras experiências e então bati lá na TV Integração, era TV Panorama ainda... E era o Roberto [Gonçalves], o diretor de jornalismo na época. Me apresentei, tinha uma amiga que trabalhava lá e me apresentou para ele. E eu falei "olha" ... Me apresentei, levei meu currículo, conversei, insisti, não tinha vaga... Mas ele gostou de mim. Não sei! Ele foi acessível, pelo menos. Não sei se gostou de mim, mas foi acessível, e tal...

E sempre me dava notícias: "Ó, quando sair vaga você vem"... E foi muito legal, porque ele apostou sem me conhecer, só vendo meu material. E aí quando saiu o "C.A." [Carlos Alberto Ferreira], que era um repórter, na época, de Esportes, o Ricardo [Wagner],

que era um outro repórter de Geral, tinha o interesse de ir para o Esporte e eu entrei na vaga de Geral. Isso foi em 2008, faz pouco tempo. Faz cinco anos que eu estou aqui. E, por incrível que pareça, em cinco anos eu sou a mais antiga de rua na TV, porque houve uma rotatividade... Uma troca muito grande nos últimos tempos. Então, foi assim que eu entrei.

Como é a sua rotina de trabalho?

Eu tive filhos... Meus filhos são pequenininhos; então lá na TV repórter não tem horário! A gente tem, independente da hora, tem dia que você está de manhã, uma semana você está de tarde, uma semana você está à noite... Só que, por conta dos meus filhos serem muito pequenininhos, eu negocieei com os meus chefes e eu estou trabalhando no turno da tarde, não em um horário fixo, mas no turno da tarde.

Então, tem semana em que eu pego às 11h, tem semana em que eu pego às 13h, tem semana em que eu pego às 14h... Então a minha rotina é esta. Eu chego na TV nesse horário, as pautas já estão lá; a produção já prepara a pauta previamente. Eu pego a pauta, leio, troco ideia com o cinegrafista e a gente já vai para a produção. Normalmente, são duas matérias que a gente faz, mais o [link ao] vivo no meu horário, neste horário em que eu estou. E aí eu chego, faço uma matéria... Normalmente a primeira matéria que eu faço é pro MG2. Então eu faço ela, já volto pra TV, fecho ela, gravo e já saio para outra! Então, a rotina é esta assim... É muito apertado, muito corrido.

Você é de Juiz de Fora?

Sou.

Como é fazer a cobertura telejornalística da região?

Ah... Eu acho legal porque você contribui com a informação, né? Porque a nossa função é esta: é informar. E é muito bom as pessoas estarem comentando um assunto que você "cobriu" e você sabe detalhes e que você está trazendo aquilo para as pessoas.

Juiz de Fora tem um problema que é que a gente não é igual a um Rio de Janeiro, uma São Paulo, Belo Horizonte, uma cidade maior, que acontece notícia o tempo inteiro. Aqui não acontece! Claro, tem uma apreensão de Polícia... Mas nada representativo o tempo todo que justifique... Um roubo... Mas acontece de vez em quando... Um incêndio grande... E é muito bom você participar disso, você informar, trazer para a sua região esse tipo de coisa.

Porque, a carência que a gente tem, que a região tem, é justamente você estar informado da sua região. Porque, depois que a TV Integração entrou, ela entrou com essa política de regionalizar, tirar um pouco de Juiz de Fora... Óbvio, mostrar Juiz de Fora, mas mostrar também Muriaé, mostrar Ubá, mostrar Viçosa...

Porque a nossa área abrange isso tudo! A pessoa que está em Viçosa não tinha tanta informação; então, com isso, Juiz de Fora não diminui a participação, o jornal até aumentou, mas as pessoas sentiram um pouco essa falta. Mas, ao mesmo tempo, a gente tá levando isso, né? A informação pra Viçosa... Se tem notícia em Viçosa, a gente vai pra Viçosa. Se tem notícia em Muriaé, a gente tá em Muriaé.

[Em] Juiz de Fora a gente tá todo dia, porque tem sempre equipe aqui. Então, eu acho que é legal, assim, a gente cumprir o que a gente quer, que é mostrar para as pessoas o que tá acontecendo... Que a gente chega primeiro, né? Isso é muito legal!

No seu trabalho, seja nas reportagens, seja nos links ao vivo, você tem o cuidado de se aproximar do telespectador, no sentido de tratar a informação passada?

Ah, tem que ter. Você tem que falar com uma língua muito próxima da pessoa porque, ao mesmo tempo que você tá falando pra um cara intelectualizado, que teve uma educação diferenciada, você tá falando pra uma pessoa simples.

E, às vezes, um cara da área, um cara da Saúde... Às vezes a pessoa não entende... E o seu objetivo de informar se perde, né? Porque você tem que informar no sentido completo. "O que essa palavra significa"? Porque, você passar a informação, mas de uma linguagem que não vai atingir a "Dona Maria", o "Seu Zé", o cara da zona rural, você perde todo o sentido. Então você tem sempre que buscar uma linguagem...

Obviamente você não vai ser chulo, não vai usar gíria; mas você tem que falar de um jeito que a pessoa entenda, principalmente termo médico, uma epidemia... Você tem sempre que ser muito didático no que você está fazendo sem, também, ser "MOBRAL", obviamente, mas pra que as pessoas... A informação cumpra, realmente, o papel dela, né? Que é orientar, se for o caso de orientar, informar, se for o caso de informar, a quem seja, né? Independente da educação que a pessoa tenha recebido.

Apesar de ter somente cinco anos de trabalho na rua em Juiz de Fora, você é a repórter mais experiente da emissora, acompanhando, exatamente, a transição entre Panorama e Integração. Como foi isso?

Olha, num primeiro momento, pra gente, não teve um impacto, assim, grande. Teve de infraestrutura de prédio, de logística. Isso a gente sentiu. Porque o prédio foi

reformado, teve troca de equipamento, de fiação... Porque era analógico e passou a ser tudo digital, equipamento novo... O prédio todo. Quebrou... Então foi um período muito difícil nesse sentido.

De trabalho, num primeiro momento, a gente não teve diferença. Porque essa transição já vem acontecendo há muito tempo! Porque o dono da TV Integração era sócio do Omar Peres, que era o dono na Panorama há muito tempo, desde 2007. Então, já tinha um período em que eles já estavam ali dentro. Mas, óbvio...

Quando sai "um" 50% e vira 100, e tem um grupo, porque a Integração tem outras emissoras, tem outras praças, que a gente chama, né? Tem Uberlândia... Eles já têm uma política estabelecida. Então, aos poucos, eles buscaram essa regionalização, nisso a gente sentiu. A gente passou a viajar muito mais. Vivo! Passou a ter muito mais vivo, entradas ao vivo no jornal. Foi tirado um apresentador... A ideia era ter um apresentador na bancada, no MGTV 1ª Edição, que era a Érica [Salazar] e o Ricardo [Ribeiro] — que era o apresentador junto com ela — seria um âncora da rua.

Só que, aos poucos, isso foi se perdendo, porque não dava sempre, viajava... Acabou tendo vivo demais... E, aos poucos, as coisas foram, também, se ajustando. Agora, também, a gente está ajustando de novo. Teve uma mudança de gerente, agora chegou a Fernanda Lilia [atual gerente de jornalismo da emissora], que é uma outra pessoa que já vem da Integração, que a gente tá ajustando de novo.

Então, no primeiro momento, não foi um impacto violento, a coisa foi gradativa. Porque ela já vinha acontecendo desde 2007; então a gente sentiu a obra e depois quando virou "agora é só Integração", realmente foi essa mudança mesmo de pauta, mas que já vinha acontecendo, então não teve esse impacto tão violento.

E como é essa relação entre Integração Juiz de Fora e Uberlândia?

Olha, o objetivo é, realmente, "fazer" Minas Gerais. Mas é muito distante. São realidades muito distantes. São cidades que a gente não tem muito referência, né? A gente tem muito mais, uma referência, se tiver com Rio de Janeiro do que com Uberlândia! Mas o objetivo é informar. Então, a gente não pega tudo o que entra em Uberlândia e põe aqui. Não! É outra cidade, outra vida; as pessoas não conhecem e tal... A menos que seja, obviamente, uma notícia relevante que, se você assistir no "Jornal Nacional" vai te informar, vai te acrescentar.

Então, via de regra é isso. Agora, a gente tem um VT compartilhado, aos sábados. Todo sábado no segunda edição a gente tem um VT compartilhado de todas as praças da Integração. Por exemplo: Droga. Balanço de droga ou violência nos pontos. Agora teve a Semana Missionária, né? A Jornada [Mundial da Juventude]... Então, um assunto relevante e vê como é que tá em cada cidade. Um repórter que fecha. Então cada praça envia o material. Por exemplo: Uberlândia envia "aqui 'tantos' jovens estrangeiros estão aqui e tá tendo missa, não sei o quê". Uma entrevista. E eu vou fechar aqui em Juiz de Fora.

Uberaba, a mesma coisa. Ituiutaba, Divinópolis. E aí você chega e fecha. Então nesse momento existe, realmente, uma integração. Mas, em via de regra, mesmo é quando a informação é realmente relevante, né? Que é o princípio do jornalismo. Não impor. Se for servir, se for acrescentar, aí sim a gente usa. E os quadros! A gente tem quadros, também. Esse [modo de] jornal da Integração trouxe muitos quadros. "Economia [Popular]", "Pais de Primeira Viagem"... Então nessa hora, como é uma matéria "fria", teoricamente, dentro do quadro, a gente usa material deles... Às vezes eles usam material da gente, cada semana é um que produz...

Todo dia, quase, tem quadros, aí é no MG1. Tinha o "Profissão S.A.", o "Profissão S.A." acabou... Tem o "MGTec", tem "Pais de Primeira Viagem", "Economia

Popular", enfim... Tem esses quadros. Então, esses quadros são matérias... Cada praça faz uma semana... "Ó, essa semana é nosso"! Então é mais nesse sentido, mas não é uma coisa muito regionalizada. Você não fala muito de Uberaba, de Uberlândia; você fala aquela história, que acontece lá, acontece aqui...

Pra gente poder finalizar, Patrícia, você acha que essa "interferência", essa inclusão do material vindo de fora possa causar algum tipo prejuízo...

Não! Houve, realmente, num primeiro momento, as pessoas assustaram! Houve uma repercussão, que não foi muito legal, entre a população. Mas eu acho que os gestores estão sabendo dosar isso. Eles não estão chegando e colocando um material que não tem nada a ver! Ah, no final do jornal também têm [outras notícias da região]! Tem o "Mais Notícias", que a gente dá um resumo como uma "lapada" [passada rápida por diversos assuntos], um resumo do que aconteceu no estado e, muitas vezes, entra. O Triângulo e tal... Mas com matérias, também; rapidamente, assim... Vinte segundos... Só uma informação, alguma coisa relevante do que aconteceu, um, um... Enfim... Uma casa que caiu um muro em cima de alguém, matou alguém. Uma coisa de destaque, muitas vezes negativo, mas de destaque que encerra o MG1. E no 2 [MGTV 2ª Edição] tem a "lapada" também, que a gente chama de "Giro Minas", com os destaques do estado. E não é só Uberlândia e Triângulo. Tem coisa de Belo Horizonte que vem, do Sul de Minas, a gente faz esse geral. Então, isso entra.

Então eu acho que está se sabendo dosar. A política deles [Grupo Integração], apesar de ter causado uma estranheza "Ah, tá vindo! Impondo!", as pessoas falaram muito isso: "Tá impondo! Tá colocando Uberlândia na marra pra gente! Não tem nada a ver" [com a realidade de Juiz de Fora]! Mas a coisa não tá sendo assim.

Se você observar, a coisa está sendo de acordo com o grau de informação. Se vale, vale! No "Jornal Nacional" você não assiste? Então eu acho que a coisa está sendo — no primeiro momento causou estranheza — , mas não tá sendo, assim, imposta. Tá sendo de uma maneira bem natural... Se vale, entra! Se não vale, não entra!

Há algum detalhe, Patrícia, alguma questão que você gostaria de destacar, sobre a regionalização aqui em Juiz de Fora...

Ah, eu não sei. Eu acho que é importante isso. Acho que essa política com a qual eles chegaram, apesar de num primeiro momento.. As pessoas ficaram "Ah, Juiz de Fora ficou de lado". Não ficou. O jornal aumentou o tempo. A produção de Juiz de Fora continua a mesma. O entorno é que ganhou um pouco mais de espaço. E isso é importante! Por quê?

Porque se você tem um sinal que chega em várias cidades e você só assiste em Juiz de Fora, perde-se o sentido, né? Então eu acho que essa visão de regionalizar é importante no processo, realmente, de informar. Porque, às vezes, a notícia não tá aqui! Às vezes a notícia tá em Viçosa, às vezes a notícia tá em Muriaé, às vezes a notícia tá em Ubá, numa cidade menorzinha... Guiricema!

Então a gente tem que estar atento pra isso, pra nossa área de cobertura, pros nossos festivais... E valorizar também, né? Porque não é só isso também, né? É valorizar, também, os eventos da gente, assim... Uma competição esportiva, um evento cultural tradicional de culinária.... Isso tudo, as pessoas querem saber o que tá acontecendo... Tiradentes, São João del-Rei... Então, eu acho que isso possibilita mostrar o que tá acontecendo; essas coisas legais, bacanas e, com isso, a gente ajuda também a desenvolver as cidades!

Porque você ajuda na economia, você mostra o que está acontecendo e as pessoas querem ir lá, querem ver pessoalmente. Então, eu acho que o jornalista tem esse papel

também de prestação de serviços. Não só dar informação, mas também de prestação de serviços na comunidade... Problema do bueiro, problema do buraco... A pessoa tá passando... É uma maneira de mostrar e cobrar das autoridades isso. Aonde for, você, seja em Ubá, seja aqui em Juiz de Fora, na periferia, aqui no Centro, eu acho que a gente tem esse papel sim.

Não só de mostrar o que tá acontecendo na informação factual, como a gente chama, mas mostrar o dia-a-dia das pessoas, de ajudar, de cobrar da autoridade a resolução de um problema. E ajudar a desenvolver também, né? Mostrando isso: o festival, o evento cultural, o festival de cinema... Eu acho que isso é bacana.

O [MG] Rural... A gente tem um quadro no Rural, também... Aí! Isso também! Eu tô esquecendo as coisas... Quando você me perguntou da [TV] Integração como um todo. O Rural também! O Rural, nessa hora, tem [integração entre as praças]. Não é o jornalismo do dia-a-dia, mas o programa "MG Rural", agora, é ancorado de Juiz de Fora. Mas nele entram todas as praças. Entra Uberlândia, Uberaba... Até porque eles têm muito mais coisas de leite, né, do que a gente! A gente tem também, mas... Gado Zebu, plantação... Acho que de abacaxi, lá no Frutal... No Triângulo, lá...

Enfim... Então, tem isso também. Mas a informação, né? Não "aqui em Uberlândia. Mas "a plantação de abacaxi precisa disso", "o eucalipto aqui"... Então, eu acho que isso, assim... Você regionalizar, informar, mas sem impor! Sem falar "pô, não quero saber de Uberlândia"! Mas, se a informação for relevante, por que não se informar? É informação, né? Informação tem que ser sempre bem-vinda, sem preconceitos.

Você, que já trabalhou em BH, em São Paulo... Você acha que falta alguma coisa no telejornalismo local; em Juiz de Fora?

É diferente! É totalmente diferente! Acho que é por que falta concorrência! Acho que é o principal. Falta concorrência; com isso o salário é mais baixo, porque... Você sair

daqui, pra onde você vai? Então eu acho que concorrência é uma coisa fundamental pra aquecer, mas isso falando do trabalho da gente, né?

Agora, em questão de jornalismo, a estrutura é outra, né? A gente não tem auxiliar, num grande centro você tem. A estrutura de trabalho é diferente do interior, mas o objetivo é o mesmo, né? É informar!

ANEXO 03

Entrevista realizada com a jornalista Camila Saenz, concedida no dia 31 de julho de 2013.

Camila, como você começou no jornalismo? Foi direto na televisão, não é?

Foi. Eu me formei em 2007, só que eu já era estagiária aqui [na TV Integração. Na época, TV Panorama]. Aí, eu entrei em novembro de 2007... E aí eu me formei "de verdade", porque teve umas demoras e tal, em abril de 2008, quando foi a colação [de grau]. Em maio de 2008 apareceu a vaga para o Megaminas [portal de notícias da Rede Integração], que é o site.

Aí eu fui contratada, fiquei quatro anos no "Mega", quase cinco, e aí quando foi em agosto do ano passado [2012], eu estava voltando de férias, aí com todas aquelas mudanças do "Serginho" virar vice-prefeito¹³, do Ricardo ir para a campanha¹⁴...

Aí a Laila [Hallack], que era produtora, foi para a reportagem e aí eu fui para a produção; voltei de férias já na produção. E aí faz um ano agora que eu estou na produção e foi um ano que eu fiz, assim: tudo! Eu sou da produção, mas já fui editora, repórter, apresentadora... Eu só não fiz câmera porque eu sou pequena, então não ia dar muito certo não! Mas, assim... Comecei aqui e fui formada aqui, né? Porque se você for pensar, eu tive experiência de estágio antes, mas mais na parte de assessoria.

Eu falo que eu nunca imaginei fazer TV na vida, nunca foi uma coisa que eu quis fazer, falar: "nossa, eu entrei na faculdade pra fazer TV"! Não foi. Eu entrei na faculdade

¹³ Sérgio Rodrigues, jornalista que estava na emissora há mais de 20 anos, saiu da empresa para se dedicar à política, como candidato à vice-prefeitura de Juiz de Fora. Com a vitória de Bruno Siqueira (PMDB), Sérgio assumiu o cargo a partir de 2013.

¹⁴ Ricardo Ribeiro, que também integrava o quadro de funcionários da TV Integração, deixou seu cargo de jornalista para trabalhar na campanha da candidata Margarida Salomão (PT).

porque eu gostava de [jornal] impresso. Ao longo da faculdade eu comecei a gostar de tudo, mas TV era sempre a última coisa que eu imaginava! E aí fiz muito estágio em assessoria e tudo.

E aí quando foi o último estágio que eu peguei, que foi aqui, eu peguei e fiz tudo... Só assessoria, assessoria... E aí quando foi no último período da faculdade apareceu esse estágio aqui e, na época, ainda tinha o estágio geral: era TV, rádio [Rádio Panorama], impresso [Jornal Panorama, que depois se transformou no JF Hoje], reportagem, site [Megaminas.com] e produção. E aí eu passei por esses todos e, na hora em que eu me formei, calhou de ter a vaga e eu fiquei. Aí foi direto já! Vai fazer seis, anos; sete anos.

E como é um dia típico de trabalho seu?

Igual hoje, por exemplo: meu horário é de 7h às 14h, mas eu não saio às 14h! Não saio. Eu saio umas 16h, "quatro e pouca"... Produção é muito... Eu brinco que é "máquina de fazer doido", assim. É muito corrido, é muita confusão, o factual acontece, vem sempre naqueles dias em que não pode acontecer, que você não tem equipe pra mandar, tem que "cair" com tudo, tem que remarcar as coisas pra mandar...

Mas aí a gente chega — eu sou o segundo horário, às 7h. Tem, ainda, a Ana [Paula Cruzeiro], que chega às seis da manhã. Aí ela chega, ela já fez a ronda... E aí eu chego pra fazer já a reunião de pauta com ela e com o editor do MG1 e ver o quê que a gente tem pro dia: se tem algum [link ao] "vivo" que precisa ser feito, se tem algum factual que a gente tem que cair com pauta pra mandar equipe fazer, se tem alguma nota pé de reportagem que foi feita e correr atrás de resposta de prefeitura, de secretaria [de Governo] e tudo mais...

Feito isso, pra ver o quê a gente vai fazer, a gente já pensa o dia seguinte! A gente tem seis equipes [de reportagem] por dia, sem contar com o Fabrício [Werneck], em São João

del-Rei, e aí existe uma divisão de equipe que viaja, equipe que fica em Juiz de Fora, quem trabalha de manhã e quem trabalha à tarde. Normalmente, são três equipes de manhã, duas à tarde e uma de viagem.

E aí a gente vai definir o quê que vai ser feito para o MG1 do dia seguinte, o quê que é a "capa" do MG1 do dia seguinte: "ah, amanhã a gente vai falar"... Igual eu sugeri, essa semana, "falta de banheiro público em Juiz de Fora". Juiz de Fora não tem banheiro. Você está na rua, você precisa ou ir ao banheiro de um shopping, que é pago; ou até o do Parque Halfeld, que aí que eu descobri que funcionava, porque eu nem lembrava que ele funcionava! Mas que também é pago, e tudo...

Aí: "ah, mas quem é que a gente vai ouvir"? Ah, vai ouvir prefeitura, vai ouvir pessoas na rua, vai ouvir, às vezes, alguém... O Mister Shopping, que oferece o banheiro, mas fala que tem que cobrar porque precisa manter o banheiro limpo... E aí começa a correr atrás disso. Normalmente, como somos duas [produtoras] na parte da manhã, com dois estagiários na produção... E são três à tarde, sem contar com a Vanessa [Rodrigues], que é produtora de rede e do [MG] Rural — então ela fica mais por conta dessas demandas...

Então são três produtoras à tarde com três estagiários. É uma equipe grande, mas a demanda também é muito grande. Se você for pensar que a gente tem MG1 [1ª Edição] de 45, 47 minutos por dia, é muita coisa para preencher! E muita coisa acontecendo. Não só aqui, como também na região, né? São 121 municípios. Então a gente tem que ver quem que vai rodar, e tudo... Porque Muriaé quer se ver, Ubá quer se ver... Tem que saber o que está acontecendo... Acidente em estrada...

Igual teve em Leopoldina essa semana, aquele super acidente. O dia tava todo marcado, aconteceu o acidente em Leopoldina, o fim do mundo... "Cai" com tudo, manda três equipes para Leopoldina... "Nego" dorme lá e tal... E a produção que acaba concentrando muito isso: a gente consulta os editores, mas essa questão de fazer, tipo a "mão na massa", de

"nascer" é com a produção. Então tem essa questão "do dia" e do pensar o dia seguinte, o que está acontecendo em Juiz de Fora, qual é o principal problema...

Muita gente liga reclamando... Aí, às vezes de uma pessoa que fez uma ligação nasce uma pauta; então a gente vai tentando mostrar, mesmo, a "cara" da cidade, o quê que a cidade tá vivendo... Problema do lixo! Essa semana, a gente tentou fazer uma matéria de lixo não focando na questão do DEMLURB [Departamento Municipal de Limpeza Urbana], porque o DEMLURB tá aí recolhendo, mas da falta de educação das pessoas que...

Tipo: eu ainda fiquei brincando, parece que tem gente que fica da janela. Passou o caminhão, ela foi lá e colocou [o saco de lixo na rua], entendeu? A gente tentou fazer uma matéria casada... Uma equipe foi de manhã cedo para mostrar, e a equipe voltou às 18h... Aquele lixo que ficou ali o dia inteiro, choveu, cachorro passou, catador de reciclado abriu... Quê que virou aquilo.

Então, a gente tenta pensar umas coisas produzidas legais assim para dar um panorama geral da situação mesmo. E aí a gente faz. Fez esse contato, marcou com as fontes, pediu uma resposta da prefeitura. Cada um [produtor] faz a sua pauta, fecha essas questões mais burocráticas de estrutura de pauta... E, salvo os dias que... Igual eu... Hoje eu tenho o [MG] Tec...

Aí [às] 11h para tudo! [Vou para o] Camarim, me maquio, me arrumo, desço [para o estúdio, que fica no térreo do prédio], apresento, subo [para a redação]; aí fica coisa pra "bater" pra mais tarde, não tem jeito! Igual às pautas: porque, nas pautas, a gente tenta deixar tudo bem explicado para o repórter. Tem a proposta da pauta: o que você pensou para aquilo e tem o roteiro:

"Olha, nossa primeira marcação vai ser"... Eu tô pautando para amanhã [dia 01/08/13] a questão do Bruno [Siqueira], que proibiu o uso de fogos de artifício em boates. "Nossa primeira marcação vai ser em uma boate de Juiz de Fora que já tem o hábito de não

utilizar esse tipo de coisa, o proprietário disse 'tal, tal coisa'... Lá a gente também vai encontrar com a Secretaria de Atividades Urbanas, falar como vai ser a fiscalização... Aí em seguida a gente vai encontrar com o Corpo de Bombeiros no lugar 'tal', falar como utilizar [os fogos de artifício] de forma segura, e [entrevistar] um comerciante que vende esse tipo de fogo pra falar que existem outras alternativas, que tem muita gente que confunde o que usar onde, e tal"...

Deixar tudo [na pauta] bem "explicadinho" para o repórter, porque, às vezes, o tempo que ele tem na rua, na hora de apurar as coisas, não dá tanto tempo... Então, tendo aquilo ali, já facilita. "Olha, não... Com você eu vou perguntar 'tal' coisa, com você eu quero saber 'tal' coisa"... Facilita muito a vida dele. Então a gente tenta deixar tudo bem "mastigadinho".

E, aí, é essa a questão. De pensar, mesmo, a matéria, de oferecer... Porque o editor pode chegar pra mim e falar assim: "olha, amanhã eu quero falar do aeroporto"! Mas, ao mesmo tempo, ele pode falar: "e aí? O que a gente vai falar amanhã"? "Hmmm, deixa eu ver o que a gente vai falar amanhã"... Aí a gente começa... Tem aquelas... Saber o que está acontecendo na cidade, mesmo... Estar por dentro de tudo...

Eu falo que o jornalista tem a obrigação de saber um pouquinho de cada coisa! Você não gosta de esporte? Paciência! Tem que saber um pouquinho de esporte. Tem que saber se o Tupi vai jogar, tem que saber que o [time de] vôlei [da UFJF] perdeu... O mínimo para você conseguir gerar, ali, as pautas! Ter um conhecimento geral de tudo. Mas a rotina é mais ou menos... É bem corrido, é bem louco! Tem dia que a gente sai daqui quase chorando, mas na hora em que vê tudo pronto, vê tudo certo, é muito bom!

Eu brinco que é uma coisa que conquista a gente. Igual eu falei: nunca pensei em fazer e agora é só o que eu quero fazer! Independente do cargo, igual ficam brincando comigo. Porque, faltou alguém, eles falam que me colocam em qualquer coisa. Aí eu ainda

brinquei. Eu falei: "se o Fernando [receptionista que fica na portaria da emissora] não vier, eu posso ficar aqui embaixo, recebendo as pessoas, atendendo às solicitações"...

Porque eu aprendi a gostar muito de tudo. Então, nas férias, agora, da Michelle [Pires], editora do [bloco local do] Bom Dia [Minas], eu fiquei fechando o Bom Dia também, além de apresentar... Então eu fechava o "Bom Dia", editava as matérias do MG1 com o editor do "1" e apresentava o "Bom Dia" também. Ia pra rua fazer "vivo" e se tinha dia que não tinha repórter, eu ia pra rua fazer a matéria... Então, eu acho que vale também, muito, pela questão de você entender como a engrenagem toda funciona.

Porque, às vezes, a gente até está tendo reuniões setoriais porque mudou o diretor de jornalismo, né? Aí a gente está tendo reuniões setoriais pra conversar, e tudo... E aí ela mesmo falou, a Fernanda [Lília], que é a nossa nova gerente... Ela falou: "olha, um tem que se colocar no lugar do outro". E, quando você passa por todas as fases, é muito mais fácil você se colocar no lugar do outro.

Quando você está aqui na produção, você marcou a matéria... O entrevistado falou para você "X". Aí o repórter vai pra rua, conversa com a mesma pessoa que conversou com você pelo telefone e ele vai te falar "Y". Eu já fui pra rua fazer pauta de fiscalização de lojas, de prevenção de incêndios com os Bombeiros...

O bombeiro garantiu para o produtor: "olha, vamos nos encontrar no Calçadão [da Rua Halfeld], vai estar tendo a fiscalização, mas tem uma loja que já foi autuada, agora ele está OK... A gente já conversou com o proprietário e a gente vai gravar nesta loja". Cheguei lá, gravei primeiro com o Comandante, que tinha que ir embora, e "tal"... "Vamos lá na loja? Vamos"! Chegamos lá na loja: "ah, não! Não vou gravar não"! Eu falei: "então vamos fazer a fiscalização"? "Não, mas é porque é, assim... Fiscalização? Ela não está acontecendo, assim, e 'tal' "... Eu peguei, olhei: "o que é que eu faço"?

Aí, nessa hora, a questão da produção ajudou! Falei: "não, então vamos fazer o seguinte? Tem a galeria 'tal' ali, que pegou fogo há pouco tempo e o vizinho da loja é muito 'gente boa', ele foi personagem em várias matérias com a gente, 'Seu' Valdir... A gente conversa com o 'Seu' Valdir, com a síndica da galeria, recupera essa questão do incêndio, o senhor fiscaliza pra saber se está tudo OK e tudo"... [o bombeiro] Acabou achando irregularidade, morri de vergonha do homem! Mas fechei o VT! Então, quando você tem toda essa vivência, facilita. E você entende o lado do outro, porque, às vezes, repórter chega "puto": "pô, não sei o quê! Você falou que estava marcado e não tava"! Tava! Mas na hora mudou tudo!

Então, eu acho que isso ajuda bastante. Mas a rotina vai se dividindo dessa forma... Eu falo muito, tá? Pode ir me cortando...

E como é, Camila, a "relação" entre a TV Integração Juiz de Fora e a sede, em Uberlândia?

Eu falo que, assim: essa mudança de virar "toda" Integração, que antes era "metade-metade", né? Era Panorama e virou... Mudou a marca, mas continuaram dois donos e agora, sendo unicamente Integração... Então, a diferença maior foi que, assim, você sabe a quem recorrer. Você "tem um cacique para aquele índio"! Porque, antes, assim: "ah, mas aconteceu 'tal' coisa, eu vou pra cá, eu vou pra lá, quem que manda nisso tudo"? Facilitou o organograma da situação.

E o intercâmbio, agora, de matérias, de linhas editoriais acabou aumentando. Você pode ver que a gente tem vários quadros, que são matérias feitas lá [em Uberlândia]; a gente manda matéria daqui pra lá. Então [a ideia] é mostrar, mesmo, Minas como um todo. É regional? É! A gente dá preferência pro factual daqui [de Juiz de Fora]? Com certeza!

Mas não existe o impedimento de uma matéria fria... Às vezes uma matéria em que a gente fosse mostrar de BH [Belo Horizonte], a gente vai mostrar Divinópolis. Da mesma forma que Divinópolis mostra [matérias] de Juiz de Fora. Existe muito isso, assim, de você tentar integrar, com o perdão da palavra, as praças e mostrar um pouco do perfil de cada um. Existe, também, essa questão do intercâmbio... O problema do lixo aqui, às vezes valeria a gente "fazer" o lixo aqui e falar: "como é que é em Uberlândia"? Vamos ver, agora, como é em Uberlândia? E vira matéria de lá... Fazer um "casadão" disso... Os VTs de sábado, não sei se você já viu... A gente, todo sábado, tem um VT assim, um casadão: o tema, por exemplo, na semana passada, foi a questão do "Mais Médicos", lá, aquele projeto...

Mostrou como é a questão em Uberaba, em Uberlândia, em Divinópolis, em Araxá, em Juiz de Fora... Mostrando como que é a formação desses profissionais, o que esses profissionais acham desse projeto em cada uma das praças; tentar integrar mesmo o cotidiano e o assunto que, às vezes, todo mundo está discutindo e mostrar como é a realidade de cada lugar. Basicamente, o que mudou foi isso. Ainda somos bem regionais, mas dessa maneira: de você ampliar um pouco a visão daquele assunto, daquele tema... Tem muita matéria...

Hoje entrou uma matéria no [MG] Tec que era de Uberaba, um golpe que começou a acontecer no Brasil e Uberaba já sofreu. Juiz de Fora não teria! Pra gente tratar isso, precisaria, às vezes, pegar um VT, sei lá... De São Paulo — o que a gente nem faz! Mas está dentro da nossa rede, então a gente pode mostrar essa situação porque lá já aconteceu. Então, assim: ao mesmo tempo em que... A cidade ainda tem um pouco de resistência em relação a isso. Eu falo que ainda tem muito amigo meu que vira e fala assim: "quê que eu quero saber o que acontece em Uberlândia? Por quê que eu quero"... Eu falo "gente"!

Você não quer saber o que acontece lá. Você quer saber o que acontece! Ponto. Então, eu acho que dá essa... Existe essa resistência, mas, ao mesmo tempo, mostra como é a situação como um todo. Às vezes tem uma solução lá que poderia ser adotada aqui! Às vezes,

o problema aconteceu lá, a gente mostrou, e pode evitar de acontecer aqui. Então, dá pra gente fazer uma troca, mais ou menos, assim.

Mas agora... As mudanças básicas são essas. Fora isso, é tudo muito o que a gente já vivia.

Há uma preocupação em produzir pautas que possam atender às duas praças?

Só pautas frias. Por exemplo: os quadros que a gente tem. Tem o "Cardápio Saudável", tem o "Economia Popular", o "Esporte", que é um quadro mais solto, "Pais de Primeira Viagem", [MG] Tec é só local — Tec é só meu. Mas são quadros que a gente produz já pensando em compartilhar material.

Mas a produção de pautas diárias não é pensada "ahh, isso aqui seria legal para usar lá"! Ou a gente usar [o material de fora] aqui. Não tem uma orientação em usar uma pauta geral não. Só mesmo... Até mesmo nos quadros a gente tem uma escala. Por exemplo: nesse mês a gente faz os "Pais de Primeira Viagem", que foi até [ao ar] hoje — uma fiscalização de cadeiras para bebês. A matéria que entrou aqui entrou em todas as outras praças.

O de amanhã, que é o "Cardápio Popular", o que vai vir é, sei lá, de Divinópolis: vai passar aqui e vai passar em todas as outras praças. Então a gente só vai fazer matéria desse quadro no mês que vem! O que, também, "desengessa" a nossa grade. A gente tem a obrigação de fazer aquele tema, mas a gente não tem a obrigação de fazer aquele tema toda semana! Então dá pra deixar a coisa mais leve... E como é uma matéria fria, independe de você fazer ela aqui ou fazer ela lá!

Falar de benefício do iogurte, o benefício é o mesmo aqui ou lá. Então não tem diferença. Mas pensar a pauta do dia-a-dia, a capa do jornal, em relação às outras praças, isso não tem muito não. É mais cada um com o seu, mesmo.

Há, Camila, alguma característica do jornalismo local que você acredita que esteja em falta?

Eu acho que há em relação ao jornalismo como um geral, Eduardo: a questão da valorização, mesmo, do profissional. Eu falo que é assim: a gente ama muito o que a gente faz, mas, infelizmente — não é ser mercenário —, mas dinheiro faz diferença! Todo mundo quer ter plano de vida, e tal...

Então eu acho que o jornalismo nunca viveu um período tão complicado. A gente vive lendo [sobre] um monte de [pessoas nas] redações sendo mandadas embora, salários muito enxutos, muitas horas de trabalho, equipes mais reduzidas acumulando funções... Então eu acho que isso deveria ser repensado em qualquer lugar. Juiz de Fora, assim... A gente tem poucos veículos [de comunicação], né, se você for pensar: jornal "mesmo" é a Tribuna [de Minas] — o Diário [Regional] ainda corre um pouco "por fora" —, o TER [Notícias] acabou... Então são poucos veículos que [a cidade] tem... TV, se você for pensar, é a gente, a Alterosa... A Record ainda é uma sucursal muito pequena!

Então, como eu acho que, às vezes, ainda não existe tanta concorrência, não existe tanta valorização. Eu não sei como seria, às vezes, em centros maiores. A gente já escuta falar: "ah, 'não sei quem' tá ganhando muito bem na Band em São Paulo"! Mas o custo de vida em São Paulo é muito mais alto! Não dá muito pra comparar! Eu acho que, como um todo, falta essa questão da valorização para o profissional.

Agora, de estrutura de trabalho... Também, se você pensar como — vem, também, da valorização... Que é você ter vida, né? Porque, senão, você vive o trabalho! Vai muito das pessoas, também, né? Tem hora que às vezes eu falo... Porque eu sou muito "bitolada", né? Tô aqui dentro [da emissora], eu não saio daqui de dentro e eu só faço as coisas! Mas se você tiver uma equipe, às vezes, um pouco maior, você não precisa [se] desesperar tanto, não

precisa trabalhar tanto, você tem mais qualidade de vida — e isso acaba entrando nessa valorização.

Eu acho que o que falta, em qualquer lugar, ou aqui ou em São Paulo, ou no Rio, em qualquer emissora — sendo afiliada ou não... Lógico que as "Globos" têm uma questão mais confortável de trabalho. Igual eu fui visitar a Globo [Minas] em BH, no mês passado. A gente passou um dia lá e tudo... Eu ainda brinquei, eu falei: "gente, onde é a produção"? Aí a menina falou "é aqui". Eu falei "cadê o desespero no olhar? Cadê a gritaria"?

Aí eu acho que vai muito por aí, dessa questão da valorização, eu acho que é isso que falta — em qualquer lugar. Isso independe de... E eu acho até que você só consegue tranquilidade e valorização quando você é assessor [de comunicação]. Eu brinco com os estagiários, eu fico assim: "gente, pensa. Sofre não! Quando a gente aposentar, a gente vai ser assessor, serviço público. E aí a gente vai chegar para trabalhar, tipo, às dez da manhã"! Porque tem uns assessores que a gente liga, liga, já tá dando 11h — a pessoa não chegou... Eu digo "calma, gente! A gente vai ser assessor"! Mas toda função tem seu problema, sua correria... Então eu acho que isso é mais do jornalismo, do gênero, não tem jeito.

Camila, tem alguma característica, seja do seu trabalho como repórter ou em sua função como produtora, que você destacaria?

É muito amor, assim. Você tem que gostar muito... E isso é... Todo mundo que vai fazer jornalismo entra pra falar assim: "ah, eu vou ficar rico, vou ficar famoso"! Não é! Você vai trabalhar muito e você vai trabalhar gostando muito do que você faz. E faz diferença. A Ana [Paula Cruzeiro], que trabalha comigo de manhã na produção, a gente tem uma parceria muito grande!

E a gente vê... Toda vez que a gente vê uma coisa.... Igual: a gente fez matéria de um buraco, que seja! Aí, no dia seguinte, está no site da prefeitura que a prefeitura foi lá e

tapou o buraco, a gente: "eh, tapou o buraco"! Dá um retorno legal, independente de ser a sua cara lá ou não. Porque a produção rala, rala, rala e ninguém está te vendo! Salvo eu, que ainda vou para um lado ou outro, mas, normalmente, a gente trabalha muito nos bastidores — só na hora dos créditos [finais de cada edição dos telejornais] sobe o nosso nominho lá! Mas é muito gostoso você ver a coisa mudando.

Lógico que você não vai mudar o mundo! Mas se você mudar aquele buraco, se você conseguir um exame para uma pessoa... Igual [aconteceu] essa semana: o Felipe [Menicucci] foi fazer matéria em Dona Euzébia, uma pauta do Pedro [Nunes], produtor nosso aqui... E uma mãe ligou reclamando que o filho dela tinha problema de convulsão, e que só estava piorando e que precisava fazer um exame, que não conseguia [vaga]... Coisa que a gente escuta quase todo dia e que nem sempre é possível ajudar, mas o Pedro resolver apostar nisso: "vamos ver"...

Aí trocava ideia com o editor: "ah, não sei, vamos apurar um pouco mais"! E apurava, apurava, apurava... Trocava ideia: "ah, mas um caso? Tem tantos"! Ele [o produtor Pedro Nunes] foi batalhando naquela pauta! "Vamos fazer? Vamos"! O Felipe foi para Dona Euzébia fazer [a reportagem]...

O menino tem 12 anos, ele tem cerca de quatro a cinco convulsões por dia, é super sofrida a história dele... Não conseguia o exame, não sei o quê e "tal"... Fizemos a matéria, pedimos uma resposta à Secretaria de Saúde, e tal... A matéria foi ao ar. Antes de acabar a matéria [durante sua exibição no MGTV], tocou o telefone, era um neurologista aqui de Juiz de Fora oferecendo o exame de graça!

Então, assim: o Pedro quase chorou na hora! Você saber que você pode fazer alguma diferença, mesmo que, às vezes, for, no caso dele... Foi grande! Poxa... A saúde de um menino! Mas, às vezes, um buraco, um recolhimento de lixo, um terreno que está trazendo

problema: o que você puder mudar, que você vê o resultado do seu trabalho dando retorno... Eu acho isso muito legal. E a gratidão das pessoas também é muito grande.

Hoje, na hora em que eu falei que estava saindo de férias [durante o MG Tec], na hora em que eu subi [para a redação]... Eu falei no Tec... O Márcio [Santos, jornalista que apresentava o MGTV 1ª edição neste dia]... O Márcio é muito engraçado! Eu falei que não ia falar nada, mas ele "puxa" e a gente fala. Aí eu subi pra redação, aí a Ana vira e fala assim: "telefone pra você". Eu: "quem é"? "Telespectador querendo te desejar boas férias". Eu falei: "aham, tá bom"! Eu achei que era um menino que tinha trabalhado aqui. Eu falei: "ah, é o Chiquinho" [Chico Brinati, ex-editor do MGTV 2ª Edição]! "Que Chiquinho o quê, Camila! Atende aí"!

Aí [ao telefone] era o Augusto, lá do [bairro] Bairu, que eu marquei, uma vez, uma matéria com ele de um terreno que tava dando problema. Ele queria me avisar que o terreno foi cercado, que o proprietário arrumou o terreno e me agradecer e me desejar boas férias! Então isso dá um retorno muito legal: a gente vê que a gente faz alguma diferença!

Apesar de toda loucura, de toda a confusão, às vezes a gente dá a matéria e a prefeitura dá aquela respostinha, assim: "mas isso não vai mudar"! Aquilo pode não mudar, mas a do dia seguinte pode mudar alguma coisa, então eu acho que... E a TV tem um alcance muito grande, né? Então, bem que seja pra chamar a prefeitura na responsabilidade, chamar o Secretário de Saúde, apertar: "quando é que vai arrumar"? Então, eu acho que isso é muito gostoso. É estressante, é cansativo, não remunera bem, é desesperador, mas é muito bom!

Igual eu falei: ao mesmo tempo em que hoje eu estou "felizaca" porque eu estou saindo de férias, eu tô assim: "ai, mas e aí, o que é que eu vou fazer amanhã? Como é que vai ser"? Às vezes as meninas ficam assim: "não vai não! Não tá sabendo não? Nossas férias caíram"! Eu falo: "podiam cair, né"?

Então é assim: é muito gostoso. É muito cansativo, mas é muito bom! Acho que quem apostou nisso... Você passou, aí, por quatro anos de faculdade, você sabe qual vai ser a sua realidade! Então, quem apostou e quem chegou até o final vai gostar para o resto da vida! É muito gostoso, muito satisfatório!